


unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

CAROLINA REIS



**AS POSTAGENS NO FACEBOOK: uma análise
dialogica da página de humor “Dilma Bolada”**

ARARAQUARA – S.P.

2015

CAROLINA REIS

AS POSTAGENS NO FACEBOOK: uma análise dialógica da página de humor “Dilma Bolada”

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, Organização e Funcionamento Discursivos e Textuais

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Renata Coelho Marchezan

Bolsa: CAPES

ARARAQUARA – S.P.
2015

Reis, Carolina

AS POSTAGENS NO FACEBOOK: uma análise dialógica da
página de humor "Dilma Bolada" / Carolina Reis - 2015
112 f.

Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua
Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista "Júlio
de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)

Orientador: Prof^a. Dr^a. Renata Coelho Marchezan

1. Redes sociais. 2. Facebook. 3. Postagens. 4.
Dilma Bolada. 5. Gênero. I. Título.

CAROLINA REIS

AS POSTAGENS NO FACEBOOK: uma análise dialógica da página de humor “Dilma Bolada”

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, Organização e Funcionamento Discursivos e Textuais

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Renata Coelho Marchezan

Bolsa: CAPES

Data da defesa: 30/07/2015

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Renata Coelho Marchezan (UNESP)

Membro Titular: Luciane di Paula (UNESP)

Membro Titular: Cristiane Passafaro Guzzi

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Dedico esta Dissertação de Mestrado à minha mãe, Liége, pois sem sua ajuda e apoio não teria chegado até aqui, às minhas irmãs, Nanda e Bel, pelo apoio e carinho incondicional. Ao meu avô, Tito, ao meu tio, José Octávio, e à minha tia, Dulce, que sempre estiveram ao meu lado nessa jornada e nunca mediram esforços para me ajudar a enfrentá-la.

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

A Deus por ter me dado saúde, energia e disposição para poder concluir meu curso;

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Renata Coelho Marchezan, por acreditar no meu trabalho demonstrando seriedade e competência nas orientações, pela paciência e atenção nas correções do trabalho e pelo carinho e dedicação para com a minha pessoa;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação de Linguística e Língua Portuguesa, cujas aulas contribuíram imensamente para minha pesquisa;

À fundação CAPES - Coordenação de Fomento de Pessoal de Nível Superior - por ter financiado minha pesquisa por doze meses.

À Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, por ter proporcionado um ambiente e uma estrutura de grande qualidade para o desenvolvimento de minhas atividades acadêmicas.

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, coisas, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.* É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.

Bakhtin/Voloshinov (1999, p.95)

RESUMO

O advento da Internet tem influenciado significativamente as condutas dos seres humanos na sociedade contemporânea. Essa influência acontece porque, a cada dia, novas redes de comunicação são utilizadas para produzir e difundir informações. Assim, a compreensão das redes sociais ganha cada vez mais relevância, já que, por abranger um universo muito grande de usuários, constituem-se em meios de socialização, de interação, de comunicação e de discussão de temáticas variadas que servem de norte para questionar, refutar, partilhar ou organizar os diversos saberes e valores de uma determinada cultura. A rede social *Facebook* insere-se como um excelente espaço de observação e análise desses saberes e valores. Com base na perspectiva dialógica, oriunda das contribuições do chamado Círculo de Bakhtin, segundo a qual é por meio da linguagem de uma sociedade que se compreende os seus comportamentos, os seus valores, as suas identidades, este trabalho propõe analisar as postagens que circulam no *Facebook*, mais especificamente as postagens e comentários veiculados na página de humor “Dilma Bolada” do *Facebook*. Busca-se, assim, com a análise, identificar a forma como a personagem Dilma Bolada é caracterizada nos discursos das postagens; verificar o modo como as diferentes esferas de atividade identificadas interagem entre si nas postagens; depreender de que maneira o humor é construído nas postagens; caracterizar e estabelecer as relações entre os sujeitos, entre o eu/outro que acaba por se manifestar e se constituir nos enunciados das postagens. Para constituição do *corpus* foram coletadas onze postagens da página no mês de janeiro de 2014. O critério para seleção do material de análise baseia-se numa classificação das postagens em três grupos, de acordo com suas materialidades discursivas e peculiaridades genéricas. Para alcançar os objetivos formulados, lança-se mão, especialmente, dos conceitos bakhtinianos de sujeito, alteridade, diálogo, gênero do discurso, esfera de atividade e ideologia. Nas análises, verificamos que as postagens do primeiro grupo (aquelas formadas por textos verbais e não verbais, bem como por enunciados que se assemelham com o gênero charge) retratam uma Dilma Bolada bastante irônica que ataca fortemente a oposição a quem chama de “tucanada recalcada”. No segundo grupo de postagens (aquelas que se materializam como textos verbais, pois o sujeito Dilma Bolada fala sempre em primeira pessoa, “eu”), constatamos que a figura de Dilma Bolada é exaltada nos enunciados; ela trata seus interlocutores de forma bem irônica, debochada e irreverente, por vezes até agressiva; por fim, o último grupo de postagens (textos essencialmente não verbais, imagens, mas também verbais pelas legendas das imagens) revela uma resignificação das fotos das postagens, conforme as legendas que as descrevem são incorporadas a elas. Após as análises, conclui-se que, pelo viés do humor irônico, paródico e satírico, a personagem Dilma Bolada é uma representação do governo Dilma, ou seja, ela é a voz que defende os ideais e as conquistas de seu governo. A página “Dilma Bolada” no *Facebook*, por meio de suas postagens, acaba popularizando a imagem da presidente Dilma, ao divulgar os feitos positivos do seu governo e ao igualá-la a uma mulher do povo.

Palavras-chave: Redes sociais. Facebook. Postagens. Dilma Bolada. Gênero. Diálogo.

ABSTRACT

The arrival of the Internet has significantly influenced the behavior of human beings in contemporary society. This influence is because, every day, new communication networks used to produce and disseminate information. Thus, understanding of social networks is becoming increasingly important, since, by covering a very large universe of users, are in socialization of means of interaction, communication and discussion of various topics that serve north to question, refute, share and organize the various knowledge and values of a given culture. The social network Facebook inserted as an excellent space for the observation and analysis of knowledge and values. Based on the dialogical perspective, coming from the contributions of so-called Circle of Bakhtin, according to which is through the language of a society that understands their behavior, their values, their identities, this work aims to analyze threads circulating in Facebook, more specifically the posts and comments conveyed in the mood page “Dilma Bolada” of Facebook. The aim is to thus to the analysis, identify how the character “Dilma Bolada” is featured in the speeches of the posts; check how the different identified spheres of activity in interacting threads; infer how humor is built on posts; characterize and establish the relationships between subjects, between the self/other which ultimately manifest and be set out in the posts. To constitute the *corpus* were eleven page posts collected in January 2014. The means for the analysis material selection is based on a classification of posts into three groups according to their discursive materiality and generic peculiarities. To achieve the goals formulated, hand launches, especially of Bakhtinian concepts of subject, otherness, dialogue, discourse of gender, activity level and ideology. In the analyzes, we found that the threads of the first group (those formed by verbal texts and non-verbal, as well as statements that resemble the cartoon genre) depict a “Dilma Bolada” ironic which strongly attacks the opposition whom he calls “tucanada recalcada”. In the second group of posts (those that materialize as verbal texts as the subject “Dilma Bolada” always speaks in the first person “I”), we find that the figure of “Dilma Bolada” is exalted in the statements; it treats its interlocutors and ironically, mocking and irreverent, sometimes even aggressive; Finally, the last group of posts (essentially non-verbal texts, images but also by verbal images of subtitles) reveals a redefinition of photos of posts, according to the legends that describe them are incorporated into them. After analysis, it is concluded that the perspective of ironic, parodic and satirical humor, the character “Dilma Bolada” is a government Dilma representation, that is, it is the voice that defends the ideals and achievements of his government. The “Dilma Bolada” on Facebook through your posts, just popularizing the image of President Dilma, to publicize the positive achievements of his government and to match it to a woman of the people.

Keywords: Social networks. Facebook. Posts. Dilma Bolada. Genre. Dialog.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	7
1.1. As relações dialógicas e ideológicas no Círculo de Bakhtin	7
1.2. A concepção de sujeito no Círculo de Bakhtin	10
1.3. Os gêneros e suas esferas de atividade	15
1.4. Tema e a significação na construção de sentido da enunciação	19
1.5. A forma composicional e a forma do conteúdo	21
1.6. A questão da autoria em Bakhtin	22
1.7. A sátira em Bakhtin	25
1.8. Paródia	29
1.9. Ironia	31
2. O UNIVERSO DIGITAL	35
2.1. A cibercultura no ciberespaço	36
2.2. As redes sociais na <i>Internet</i>	36
2.3. Sites de redes sociais na <i>Internet</i>	38
2.4. Comunidades virtuais	39
2.5. A rede social <i>Facebook</i>	41
2.6. As postagens do <i>Facebook</i> da página de humor “Dilma Bolada”: apresentando o <i>corpus</i> de análise	43
3. ANÁLISES DAS POSTAGENS	46
3.1. Primeiro grupo de postagens	46
3.2. Segundo grupo de postagens	66
3.3. Terceiro grupo de postagens	81
3.4. A relação entre os três grupos de postagens	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
BIBLIOGRAFIA	98

INTRODUÇÃO

Na sociedade atual, também denominada sociedade da informação, do conhecimento e, mais recentemente, da interatividade, temos vivenciado profundas mudanças na economia, na política, na educação e, principalmente, nas formas de conceber a linguagem, a cultura e a nós mesmos. Essas mudanças podem ser atribuídas, em grande parte, ao surgimento de mídias digitais, principalmente com a disseminação e popularização da *Internet* que veio revolucionar as formas de comunicação e, conseqüentemente, a vida das pessoas. O advento da *Internet*, e as constantes transformações pelas quais a sociedade vem passando têm influenciado significativamente as condutas dos seres humanos na contemporaneidade. Essa influência acontece porque, a cada dia, utilizamos redes de comunicação para produzir e difundir as informações (LISBÔA; COUTINHO, 2010).

Torna-se interessante precisar as mudanças provenientes do surgimento de tecnologias de informação e comunicação, sobretudo nas três últimas décadas, que acabaram trazendo conseqüências para a compreensão dos arranjos socioculturais. Durante quase todo o século XX, a cultura de massa instituiu uma lógica na qual o discurso e o conteúdo presente nos produtos culturais midiáticos tendiam à padronização dos saberes e dos gostos das pessoas (LIMA, 2009). Agora, na contemporaneidade, vemos uma mudança considerável na forma de recepção desses saberes, consolidada pela convivência e pela interação das mais diferentes culturas nos espaços digitais. Em outras palavras, o que importa nesta revolução tecnológica, também conhecida como era digital, é a utilização desses diferentes saberes e competências em redes globais, o que proporciona a construção linguística e cultural da *cibercultura*, enquanto cenário para produção cultural e midiatização social (LISBÔA, 2010), um cenário comunicacional desenhado pelas mídias digitais que tem a interatividade como conceito-chave, pois a busca por diferentes formas de interação e participação é cada vez mais facilitada pelas novas tecnologias. Na *cibercultura* as mídias não convivem simplesmente, mas convergem na coexistência de uma cultura de massa que permanece e da cultura das mídias ainda em plena atividade (LIMA, 2009). Com isso, pode-se dizer que há também uma maior variedade e diversidade de discursos, ideologias e culturais circulando na esfera digital.

Nesse espaço global, a compreensão das redes sociais como o *Orkut*, o *MySpace*, o *Twitter* e o *Facebook* dentre outras, assume cada vez mais relevância, já que têm sido utilizadas intensamente por um grande número de usuários, que procuram nelas

entretenimento e canal de relacionamento entre conhecidos, amigos, parentes, contatos profissionais etc. Nesse ambiente, as interações sociais são mediadas por diversas formas de comunicação, concretizadas por meio de conteúdos temáticos, estilos de linguagem e construções composicionais condizentes com esses espaços de atuação, com as finalidades das atividades de comunicação social estabelecidas e com as características sociais, históricas e culturais dos sujeitos que neles atuam. Por abranger um universo muito grande de usuários, essas redes sociais constituem-se em meios de socialização, em instrumentos de expressão, de comunicação e de discussão de temáticas variadas que servem de norte para questionar, refutar, partilhar ou organizar os diversos saberes e valores de uma determinada cultura (LISBÔA; COUTINHO, 2010).

Com base na perspectiva dialógica, oriunda das contribuições do chamado Círculo de Bakhtin, segundo a qual é por meio da linguagem de uma sociedade que se compreende os seus comportamentos, os seus valores, as suas identidades, este trabalho propõe analisar as postagens veiculadas pelo *Facebook*, mais especificamente as postagens que circularam na página de humor “Dilma Bolada” no mês de janeiro de 2014. A página foi uma das mais citadas pelos leitores da revista *Bula* no ano de 2013. A *Revista Bula* é uma publicação cultural online editada pelo poeta Carlos Willian que completa onze anos de existência em 2014. A publicação mensal traz colunas, entrevistas e ensaios sobre literatura, fotografia, filmes e arte de uma maneira geral. A escolha da revista como indicador para a escolha do *corpus* da pesquisa ocorre pelo fato de ela ser bastante conhecida e acessada no país (só no ano de 2011 foram mais de dez milhões de acessos).

A página “Dilma Bolada” satiriza de forma humorística e cômica a figura da presidente Dilma Roussef. Diariamente são postados diversos textos cômicos ligados a acontecimentos do cotidiano da presidente. A personagem Dilma Bolada apropriou-se de algumas características que compõe a atual presidente do Brasil, porém ela pode ser considerada autônoma, já que apresenta uma linguagem e um estilo próprio.

As postagens que circulam na página “Dilma Bolada” do *Facebook* destacam-se como um material privilegiado de análise por suas características peculiares e inovadoras. O fato de se tratar de uma sátira da maior autoridade política do Brasil e também pelo grande tom cômico com o qual o criador da página trata os assuntos sérios e importantes na política do país já torna a página bastante atrativa e interessante como objeto analítico discursivo. Busca-se, assim, com a análise, identificar a forma como a

personagem Dilma Bolada é caracterizada nos discursos das postagens; verificar o modo como as esferas de atividade identificadas dialogam entre si nas postagens; depreender a maneira que o humor é construído nas postagens; caracterizar e estabelecer as relações entre os sujeitos, entre o eu/outro que acabam por se manifestar e se constituir nesses enunciados das postagens.

Acreditamos que a temática de pesquisa proposta é bastante relevante. O interesse nas redes sociais vem aumentando, principalmente com o crescimento do número de usuários do *Facebook* no país. Embora as primeiras pesquisas sobre as redes sociais tenham nascido em áreas das Ciências Humanas como Antropologia, Ciência Política, Sociologia, Psicologia, Geografia, Educação e Comunicação Social¹, nos últimos tempos, vem crescendo no Brasil o interesse na área da Linguística por pesquisas que tomam como objeto as redes sociais. Nesse sentido, encontram-se alguns trabalhos, particularmente no âmbito das análises discursivas, que estudam as redes sociais como o *Orkut*, o *MySpace*, o *Twitter* e o *Facebook*; são trabalhos que investigam a influência das redes sociais na formação da subjetividade e das identidades dos sujeitos. Porém, a maioria desses trabalhos aborda a temática sob a ótica da linha francesa da Análise do Discurso. Em nossos levantamentos bibliográficos encontramos alguns trabalhos acadêmicos que pesquisem as páginas da rede social *Facebook* abordando a temática em perspectiva bakhtiniana. Os dois tratam justamente do nosso objeto de pesquisa: a página de *Facebook* “Dilma Bolada”. O primeiro deles é um artigo de Graduação da UFV publicado em 2013 por Denise de Souza Assis e Rafaela de Andrade Paiva. O artigo chamado “Sou linda, sou Diva, sou presidenta, sou Dilma! Paródia e intertextualidade: análise da página Dilma Bolada” pesquisa a paródia e a intertextualidade na página Dilma Bolada. A segunda publicação encontrada é um trabalho de conclusão de curso de Graduação da Universidade Estadual da Paraíba, UEPB de Guarabira - PB. O trabalho intitulado *As vozes sociais no discurso dos memes Dilma Bolada: uma perspectiva na análise dialógica do discurso* foi publicado por Gilvaneide Perreira da Silva, no ano de 2014 e pesquisa os memes da página em perspectiva discursiva.

Se de um lado, seu objeto configura-se em uma rede de vozes, cuja constituição peculiar ainda está pouco problematizada. De outro, a abordagem teórica proposta

¹ Encontramos nessa área a Dissertação de Mestrado de André Petris Gollner, intitulada *O site de redes sociais Facebook como espaço da comunicação organizacional*, defendida no ano de 2011 na Universidade Municipal de São Caetano do Sul, USCS.

oferece um direcionamento teórico próprio para a análise das vozes sociais e de sua interação. Os principais conceitos bakhtinianos – sujeito, alteridade, autoria, diálogo, ideologia, gênero do discurso e esfera de atividade – permitem a análise da materialidade do enunciado, e, a partir dela, a apreensão dos aspectos sociais e ideológicos manifestados, em outras palavras, o discurso manifestado.

A pesquisa, de caráter teórico-analítico, tem como objeto de investigação as postagens que circulam na página “Dilma Bolada” do *Facebook*. Para alcançar os objetivos formulados, lança-se mão da perspectiva da análise dialógica do discurso, seus conceitos-chave. A própria perspectiva teórica informa também a metodologia de análise: o diálogo entre analista e objeto. Trata-se, portanto, de procedimento que visa à articulação entre reflexão teórica e análise prática.

Nosso objeto de pesquisa está inserido num contexto específico: o mês de janeiro de 2014. A escolha do mês de coleta das postagens ocorre por acreditarmos ser um período de transição, o primeiro mês do ano, em que as informações e os acontecimentos na esfera política e no mundo do entretenimento estão em evidência no *Facebook*. No âmbito do entretenimento, por exemplo, iniciava-se o *reality show* mais comentado e esperado do país (o *Big Brother Brasil*); a música “Beijinho no Ombro” da cantora Valesca Popozuda estava nas paradas de sucesso como um das músicas mais tocas nas rádios e mais baixadas no *iTunes*. No âmbito da política, alguns políticos articulavam e acenavam lançar suas candidaturas para as eleições presidenciais que aconteceriam no mês de outubro no país. A presidente Dilma Rousseff passava suas férias em uma praia no estado da Bahia. No mesmo mês, foram também divulgadas as notas do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). No âmbito esportivo, os organizadores da Copa do Mundo, realizada no Brasil a partir do mês de junho, solicitavam publicamente que nossos governantes acelerassem o processo de reforma/construção dos estádios que sediariam a Copa, pois as obras estavam atrasadas. Todos esses acontecimentos influenciaram na criação das postagens por parte de seu autor, muito porque as postagens que alimentam uma página em uma rede social como o *Facebook* dependem de assuntos e notícias que circulam por um determinado momento, dia ou mês, no país e no mundo.

O procedimento metodológico bem como seus conceitos analíticos não compõem um modelo fixo e estanque de previsibilidade; pelo contrário, expressam o entendimento de que somente a relação entre lei e liberdade pode realizar bem a tarefa

de explicar um objeto veiculado no *Facebook*, um espaço ao mesmo tempo, dinâmico e regulado, tal como os discursos que manifesta.

Com esses propósitos, selecionamos onze postagens retiradas da página de humor “Dilma Bolada” do *Facebook*. O critério de escolha da página baseia-se no fato do perfil “Dilma Bolada” ser uma das páginas que estão entre as vinte mais citadas/comentadas pelos leitores da *Revista Bula*, no ano de 2013. Outro fator relevante para escolha das postagens dessa página se deve a sua grande popularidade na rede social. A página “Dilma Bolada” é uma das páginas de humor mais acessadas e comentadas do *Facebook*, ao passo que ela tem pouco menos de um milhão e meio de seguidores, aqueles usuários que curtem a página, o que gera muitos comentários e compartilhamentos das suas postagens por parte desses usuários. O critério para seleção do material de análise baseia-se numa classificação das postagens em três grupos, de acordo com suas materialidades discursivas e peculiaridades genéricas. Antes de chegarmos à seleção final das postagens, ou seja, das onze postagens, tínhamos um *corpus* inicial de trinta e seis postagens. Com esse número, fizemos uma pré-classificação em que dividimos as postagens nos grupos já citados, onde dez estavam dentro do primeiro grupo; doze dentro do segundo grupo; e quatorze dentro do terceiro grupo. Após mais uma seleção minuciosa do *corpus*, chegamos ao número final de onze postagens, sendo três do primeiro grupo; três do segundo grupo e cinco do terceiro grupo. A escolha dessas onze postagens ocorreu por acreditarmos que os assuntos abordados em seus enunciados fossem relevantes para que pudéssemos atingir os objetivos da nossa pesquisa. A escolha e classificação desses três grupos de análise se deram por acharmos que as características mais específicas e definidoras do *Facebook* se constituem justamente das características das postagens desses grupos.

Em nossas análises, classificamos as postagens de acordo com suas materialidades e gêneros discursivos apresentados, estabelecendo categorias de análise conforme as características textuais das postagens analisadas. Assim, podemos dividir as postagens em três grupos: 1º) No primeiro grupo estão as postagens (textos verbais e não verbais) que apresentam semelhanças com o gênero charge, pois fazem comparações, paródias e sátiras entre acontecimentos e fatos da esfera política com acontecimentos e fatos do mundo do entretenimento e das celebridades. Postagens desse primeiro grupo se caracterizam também por ter um sujeito criador inscrito nas postagens. 2º) No segundo grupo estão as postagens, textos verbais, que tratam de relatos e acontecimentos narrados pela personagem Dilma Bolada de maneira

irreverente e criativa. Nessas postagens o “eu” que fala é a própria Dilma Bolada, já que é ela que narra as conversas que teve com seus interlocutores. 3º) No terceiro grupo estão as postagens que se concretizam como textos não verbais. São fotos ou montagens da presidente Dilma em momentos de lazer (caminhando, na praia), em momentos inusitados (comendo) e em momentos de encontros com aliados políticos. Essas imagens recebem uma legenda, uma descrição e, por isso, são também verbais. O “eu” que se manifesta nas postagens é o “eu” Dilma Bolada, pois é a própria personagem que posta e legenda as fotos.

Para uma melhor reflexão do que vai ser apresentado e discutido, organizamos nosso trabalho em três capítulos. No primeiro capítulo (1) apresentamos um aparato teórico fundamentado nos estudos dialógicos do Círculo de Bakhtin, particularmente estudos sobre a constituição do sujeito que estão centrados em conceitos-chave como o dialogismo, a alteridade, a autoria, a responsividade, a ideologia. Outra questão que tratamos de discorrer no trabalho por considerarmos fundamental para o entendimento do nosso objeto é sobre os gêneros do discurso e suas diversas esferas de atividade. No segundo capítulo (2) consideramos o universo digital, espaço em que nosso objeto está inserido. Apresentamos algumas reflexões de alguns estudiosos sobre ciberespaço, cibercultura, redes sociais, comunidades virtuais e *Facebook*. Em seguida, no terceiro capítulo (3) fazemos nossas análises e considerações acerca do *corpus*, as postagens veiculadas na página de humor “Dilma Bolada”. Na seção, analisamos os três grupos de postagens. As análises têm por base nossas impressões e apontamentos sobre as postagens. Nelas procuramos atrelar teoria e prática na busca de respostas e reflexões para um melhor entendimento e compreensão do funcionamento e da organização discursiva do objeto de pesquisa apresentado ao longo do trabalho.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo discorreremos sobre as reflexões do Círculo de Bakhtin acerca de temas que serão relevantes para o nosso entendimento e análise do *corpus*. Ao longo do capítulo abordamos os conceitos bakhtinianos sobre sujeito, alteridade, autoria, diálogo, ideologia, gêneros do discurso, esfera de atividade, sátira e paródia. Sobre paródia contamos também com os estudos de Affonso Romano de Sant'Anna (2003). Por considerarmos fundamental para as análises, apresentamos ainda como contribuição teórica os trabalhos de Muecke (1982) e Brait (1996) sobre ironia.

1.1. As relações dialógicas e ideológicas no Círculo de Bakhtin

Os estudos do Círculo da Bakhtin apontam para o caráter dialógico da linguagem, já que, para ele, toda palavra comporta duas faces: procede de alguém e se dirige para alguém. “Ela constitui justamente o *produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro [...] em relação à coletividade” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1999a, p. 113). Assim, as relações dialógicas permeiam o interior de um enunciado, mesmo o interior de uma só palavra. São relações de sentido estabelecidas entre dois enunciados discursivos, pois neles

[...] existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre inevitavelmente também a palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciado, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio (FIORIN, 2006a, p. 19).

A alternância dos sujeitos do discurso é uma das características do diálogo, que exige um princípio e um fim na ação de cada falante, à medida que o locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar a compreensão responsiva ativa do outro. O diálogo entre dois falantes é constituído por ao menos dois enunciados plenos e acabados. (BAKHTIN, 2000a).

Faraco (2003a) enfatiza que as relações dialógicas se dão no discurso, ou seja, quando qualquer material linguístico se transforma em enunciado. Só dessa forma é possível estabelecer com a palavra do outro relações de sentido de qualquer espécie, isto é, relações que originam significações responsivas. O ato responsivo está arraigado de um juízo de valor, dado em um determinado contexto socio-histórico. Nesse sentido, as

relações dialógicas, que originam significações responsivas, são relações entre índices sociais de valor, ou seja, relações ideológicas. (FARACO, 2003a).

Na concepção do Círculo de Bakhtin, qualquer enunciado é sempre ideológico. “É ideológico em dois sentidos: qualquer enunciado se dá na esfera de uma das ideologias [...] e expressa sempre uma posição avaliativa” (FARACO, 2003a, p. 46-47). Por isso, Bakhtin/Voloshinov (1999b) afirma que tudo o que é ideológico possui significado, sendo, portanto, um signo, pois para ele, sem signo não há ideologia.

De acordo com Bakhtin, toda a compreensão de um enunciado é uma atitude *responsiva ativa*, ou seja, o ouvinte ou o leitor, ao compreender o significado de um determinado texto, adota, em relação a ele, uma posição responsiva ativa concordando ou discordando dele. A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude *responsiva ativa* do sujeito, pois “o que ele espera, não é uma compreensão passiva, que, por assim dizer, apenas duplicaria seu pensamento no espírito do outro, o que espera é uma resposta, uma concordância, uma objeção, uma execução, etc.” (BAKHTIN, 2000a, p. 291).

As obras complexas, as obras pertencentes aos vários gêneros das ciências e das artes, apesar de tudo o que as distingue das réplicas do diálogo, são unidades da comunicação verbal. Nesse sentido, a obra “[...], assim como a réplica do diálogo, visa à resposta do outro (dos outros), uma compreensão responsiva ativa, e para tanto adota todas as espécies de formas de convencimento” (BAKHTIN, 2000a p. 298). Ela busca exercer influência sobre o leitor; busca convencê-lo a suscitar sua opinião crítica.

Ideologia é um conceito fundamental nos trabalhos e no pensamento de Bakhtin e do seu Círculo. É uma palavra que costumam utilizar para o universo que engloba a arte, a política, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a ética e a política. Em seus estudos sobre ideologia, os membros do Círculo abordam algumas questões como a questão da relação da infra-estrutura com a superestrutura, a constituição do papel dos signos e a questão da constituição da subjetividade e da consciência. Segundo Miotello (2008a), em seu artigo “Ideologia”, do livro *Bakhtin: conceitos-chave*, a perspectiva bakhtiniana de ideologia tenta quebrar uma tradição de análise que coloca a ideologia como subjetiva/interiorizada, que entendia a ideologia como uma ideia com lugar comum permanente na cabeça do homem, e como idealista/psicologizada, que entendia a ideologia como uma ideia já dada, com a qual é possível apenas se defrontar.

Bakhtin e seu Círculo, portanto, não trabalham com a ideia de ideologia como algo pronto, já dado, ou vivendo somente numa consciência individual, mas inserem

essa questão no conjunto de todas as outras discussões filosóficas, que eles tratam de forma concreta e dialética, como a questão da subjetividade. Nesse sentido, eles:

partem do que já era aceito pelo marxismo, ou seja, entender ideologia como “falsa consciência”, vista como disfarce e ocultamento da realidade social, escurecimento e não-percepção da existência das contradições e da existência de classes sociais, promovida pelas forças dominantes, aplicada ao exercício legitimador do poder político e organizador de sua ação de dominar e manter o mundo como é (MIOTELLO, 2008a, p. 168).

Todavia, eles não concordam inteiramente com essa conceituação e, por isso, destroem e reconstróem parte dessa concepção, colocando ao lado da ideologia oficial (marxista) a ideologia do cotidiano. A ideologia oficial é compreendida como relativamente dominante, que procura implantar uma concepção única de mundo. Já a ideologia do cotidiano é considerada como a que emerge e é constituída nos encontros casuais e fortuitos, na proximidade social com as condições de produção da vida.

Diante disso, podemos dizer que ideologia, para o Círculo de Bakhtin, se constrói nas esferas das interações dialógicas. Nesse sentido, o sujeito é ideológico, pois também se constitui nas relações/interações sociais com outros sujeitos, com outras ideologias, portanto. Na concepção do Círculo, qualquer enunciado é sempre ideológico, não existe enunciado que não seja ideológico. Por isso, para Bakhtin, tudo o que é ideológico possui significado e é, portanto, um signo, pois, para ele, sem signo não há ideologia. O signo carrega, em sua constituição, de um lado, uma oficialidade que o faz pertencer a determinado sistema ideológico e, do outro, uma necessidade de reorganização por meio do contato desse signo nas relações cotidianas travadas pelos sujeitos (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1999b). A ideologia é, portanto, essa dupla face que faz com que o signo se mantenha na história e também se transforme nas relações dialógicas.

O signo não existe somente como parte de uma realidade, ele também reflete e refrata uma outra, podendo distorcê-la, ser fiel a ela, ou apreendê-la de um ponto de vista específico. Todo signo está sujeito a uma avaliação ideológica, ou seja, para ver se é verdadeiro, falso, correto, bom etc. No lugar que se encontra o signo também se encontra o ideológico, pois são mutuamente correspondentes. Tudo que é ideológico

possui um valor semiótico. Esse valor semiótico do signo se materializa por meio da palavra², pois:

O valor exemplar, a representatividade da palavra como fenômeno ideológico e a excepcional nitidez de sua estrutura semiótica já deveriam nos fornecer razões suficientes para colocarmos a palavra em primeiro plano no estudo das ideologias. É, precisamente na palavra, que melhor se revelam as formas básicas, as formas ideológicas gerais da comunicação semiótica (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1999b, p. 36).

Para Bakhtin/Voloshinov (1999b), a cadeia ideológica estende-se de consciência individual em consciência individual, ligando umas as outras. Os signos só emergem do processo de interação entre consciências (individual e uma outra). A própria consciência individual está repleta de signos, ela “[...] só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1999b, p. 34).

1.2. A concepção de sujeito no Círculo de Bakhtin

Para o Círculo de Bakhtin, a questão do sujeito está entre as mais importantes, uma vez que alguns postulados são estabelecidos sobre a sua constituição, entre eles o *dialogismo*, a *alteridade*, a *responsividade*, a *responsabilidade* e a *ideologia*. Como está no capítulo “A Interação Verbal”, na segunda parte (Para uma Filosofia Marxista da Linguagem) de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1999a), o sujeito é construído socialmente, a partir das interações verbais com o “outro”, ou seja, a partir do diálogo com outros sujeitos sociais. Ele é individual e socialmente constituído em suas relações com outros sujeitos que o constituem e são também constituídos por ele. Toda relação entre pelo menos dois indivíduos é um evento social, uma relação social e histórica.

Em Bakhtin, o sujeito é visto no âmbito de uma arquitetura em que os diferentes elementos que o constituem na sua identidade estão em permanente tensão, em constante articulação dialógica, sendo este um agente responsável pelos seus atos, constituído pelo outro e constituinte do outro.

² Vale ressaltar que esse valor semiótico do signo não se materializa somente pela palavra, ou seja, pelo meio verbal, mas também pelo meio visual (imagem), musical, e por meio de gestos (dança).

Sobral (2009a), no segundo capítulo “A concepção de sujeito do Círculo” de seu livro *Do dialogismo ao gênero*, destaca que o sujeito bakhtiniano apresenta três características principais: 1) tem uma constituição psíquica que explica sua identidade “relativamente fixada”, por elementos que lhe permitem perceber certa continuidade psíquica em si mesmo, o que ele mesmo identifica como seu “eu”. A identidade do sujeito é “relativamente fixada”, pois, se sua consciência permanece com certa continuidade, ela também não deixa de se modificar nas relações com os outros, ou seja, o sujeito não deixa de ser ele mesmo, porém, vai se alterando a partir dessas relações; 2) carrega na sua subjetividade as marcas de aspectos sócio-históricos, de sua intersubjetividade, que se integram à sua identidade, a partir do reconhecimento de seu ser pelo outro, a partir das transformações de suas individualidades que as relações com os outros provocam; 3) age sempre por meio de um ato valorativo pelo qual se responsabiliza, e assim o faz a partir da identidade que o forma como das coerções que suas relações sociais lhe impõem ao longo da vida e que vão modificando essa identidade formada.

O sujeito bakhtiniano é dialógico, pois se constitui na interação com outros sujeitos. O dialogismo de Bakhtin é fundamentado na impossibilidade de se conceber o sujeito fora do discurso, pois a interação dialógica, que o constitui, só ocorre num dado evento discursivo.

Como dissemos anteriormente, Bakhtin afirma que a linguagem é dialógica, já que os enunciados discursivos têm seus sentidos produzidos pela presença constitutiva da intersubjetividade nas situações concretas do exercício da linguagem. As relações dialógicas são relações de sentido estabelecidas entre dois enunciados discursivos. Nelas, há sempre, inevitavelmente a palavra o “outro”, ou seja, “o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu” (FIORIN, 2006a, p.19).

O dialogismo designa a condição essencial do ser e agir dos sujeitos. O sujeito só existe na relação com outros sujeitos, assim como só age em relação a atos de outros sujeitos. Segundo o Círculo, adquirimos a linguagem em contato com os usos da linguagem nas situações enunciativas em que somos expostos. Assim, o sentido nasce do diálogo entre formas de enunciados/discursos passados já produzidos, e formas de enunciados/discursos futuros, que podem vir a ser produzidos (SOBRAL, 2009a).

O dialogismo circunscreve toda obra do Círculo bakhtiniano. Enfatiza-se, assim, o princípio dialógico constitutivo da concepção de linguagem proposta e do sujeito

inscrito nela. O diálogo revela-se uma forma de ligação entre a linguagem e a vida, permitindo que, na palavra, se confrontem valores sociais contraditórios.

Baseado na perspectiva de Bakhtin, Geraldi (2010), em seu artigo “Sobre a questão do sujeito” afirma que toda ação do sujeito é sempre uma resposta à compreensão de outra ação, o que provocará, por sua vez, outra resposta baseada na compreensão que sobre ela for construída pelo outro. Antes mesmo de pronunciar uma só palavra diante do outro o sujeito já está respondendo a esse outro, concordando, discordando, completando com suas perguntas. Para Geraldi (2010), o sujeito age com base na compreensão de algo que antecede a sua própria ação, tornando-se assim responsável pela compreensão construída que passa a ser o sentido do evento. Nesse sentido:

Somos responsáveis por isso, e duplamente responsáveis porque as ações que nosso ato desencadeia no futuro (ações de outros ou minhas) resultarão, por seu turno, de uma compreensão que não remete mais somente ao meu ato, mas também ao ato de que meu ato foi resposta. Em outras palavras, a responsabilidade ‘responsiva’ tem dupla direção, tanto para o passado quanto para o futuro, ainda que concretamente ela seja sempre realizada no presente (GERALDI, 2010, p. 287) (Grifo do autor).

A responsabilidade se funde no pensamento participativo e a participação de cada um no ser único é singular, irrepetível e insubstituível. Nossos atos concretos, de que participo e pelos quais sou responsável, realizam o ser único porque ele está sempre a ser alcançado, nunca está pronto, acabado para que cada “eu” fosse uma realização concreta deste ser. Assim, cada sujeito vivendo e agindo obrigatoriamente o constitui, isto porque também o “eu mesmo” nunca está totalmente pronto e acabado, visto que está em constante formação. (BAKHTIN, 2010. p. 62). Nesse sentido:

Somente da interface de tal ato como minha ação responsável [...] pode haver uma saída para a unidade do existir. Somente do interior de minha participação pode ser compreendida a função de cada participante. No lugar do outro, como se estivesse em meu próprio lugar, encontro-me na mesma condição de falta de sentido. Compreender um objeto significa compreender um dever em relação a ele (a orientação que preciso assumir em relação a ele), compreendê-lo em relação a mim na singularidade do existir-evento: o que pressupõe a minha participação responsável, e não minha abstração (BAKHTIN, 2010, p. 66).

Em suma, somente por meio de uma ação responsável somos o que somos. Ao compreendermos os outros, agimos e construímos nossa singularidade num dado momento histórico.

Para Bakhtin (2000a), é na relação com sua alteridade que os indivíduos se constituem. O sujeito se reflete e se refrata no “outro”. O processo de constituição e alternância contínua do sujeito não surge de sua própria consciência, mas é algo consolidado socialmente, através das interações, das palavras, dos signos. Constituímos e transformamo-nos sempre por meio do “outro”, sempre em relação dialógica com o “outro”.

A noção de alteridade relaciona-se com a de pluralidade. No capítulo, “Os gêneros do discurso” que está em *Estética da Criação Verbal* (2000a) Bakhtin afirma que é impossível qualquer indivíduo defender sua posição sem correlacioná-la a outras posições, o que nos faz refletir sobre o processo de construção da identidade do sujeito, cujos pensamentos, opiniões, visões de mundo, consciência etc., se constituem e se organizam a partir das relações dialógicas e axiológicas com outros sujeitos, discursos e falares. Esse sujeito traz em sua subjetividade as marcas dos aspectos sociais e históricos de sua vida em sociedade, de sua “intersubjetividade” (SOBRAL, 2009a), que vão juntando-se, gradualmente, a sua identidade, a partir do reconhecimento de seu ser pelo “outro”.

Para o Círculo de Bakhtin, o sujeito é sempre respondente, visto que sua ação é sempre uma resposta à compreensão do “outro” e assim ele é também responsável, pois responde pelo sentido que desencadeou sua ação. Dessa forma, podemos concluir que é a relação de alteridade que funda a responsabilidade, pois o homem nunca está completamente concluído, pois necessita do “outro” para lhe dar um acabamento externo (BAKHTIN, 2000a). O acabamento que o “outro” dá ao sujeito, devido ao excedente de visão que mantém sobre ele, é o que constitui a individualidade do sujeito. Sua individualidade não existiria se o homem não a criasse (BAKHTIN, 2000a). O homem que vive em sociedade obrigatoriamente é constituído e modificado por ela da mesma maneira que a constrói e a modifica.

Bakhtin afirma que a alteridade se encontra dentro do sujeito, porém Ponzio (2011), em seu artigo “A relação da alteridade em Bakhtin, Blanchot e Levinas” ressalta que todos os pensamentos do sujeito são diálogo, o diálogo já é uma imposição em um mundo que já pertence aos outros e a linguagem é sempre alheia, pois se dá no exterior social. As palavras próprias, na realidade, são palavras alheias que perderam as aspas. O

“outro” é, nesse contexto inseparável do “eu”, porém não pode ser englobado na totalidade do “eu”, pois “permanece refratário a toda categoria que queira eliminar sua alteridade e subjogá-lo à identidade do ‘eu’” (PONZIO, 2011, p. 193). Assim, o diálogo sempre vai ser a chave para o fechamento da identidade do “eu”, pois ao mesmo tempo em que o “eu” necessita do “outro” para se constituir, esse “outro” não faz parte da totalidade do “eu”, pois esse “eu”, quando se constitui, é único, singular e irrepetível.

No conjunto de reflexões bakhtinianas o estilo é um dos conceitos fundamentais para se entender o que significa o dialogismo, ou seja, “[...] esse elemento constitutivo da linguagem, esse princípio que rege a produção e a compreensão dos sentidos, essa fronteira em que eu/outro se interdefinem, sem se fundirem ou se confundirem” (BRAIT, 2008c, p. 80). Diante disso, pode dizer que o estilo é interativo, é dialógico, vem da relação autor e o grupo social de que faz parte, em seu representante autorizado, ou típico, a imagem social do ouvinte, que também é um fator intrínseco e vital da obra.

Em seu artigo “Estilo” do livro *Bakhtin: conceitos-chave*, (2008c), Brait ressalta que, embora possamos considerar a existência de estilos de linguagem dialetos sociais, etc. como componentes de um estilo individual, a busca, sob a perspectiva dialógica, é por saber se eles se confrontam num dado enunciado.

As formas de um discurso citado, que têm historicidade e não permanecem idênticas ao longo do tempo e nas suas mais diferentes culturas, também assumem uma condição de estilo, que somente confirma a ideia de que “o estilo, longe de se esgotar na autenticidade de um indivíduo, inscreve-se na língua e nos seus usos historicamente situados” (BRAIT, 2008c, p. 83). Ou seja, o estilo também é mutável ao longo de uma história. A concepção bakhtiniana sobre estilo atua em um enunciado, em um gênero, em um texto, em um discurso, como participante, ao mesmo tempo, de uma história, de uma cultura e da eventicidade de um acontecimento.

Tomando os estudos bakhtinianos, Fiorin, no segundo capítulo “O dialogismo” de seu livro, *Introdução ao pensamento de Bakhtin* (2006a), concebe o estilo de um texto como um conjunto de procedimentos que dão acabamento a um enunciado. São meios utilizados para elaborá-lo, resultantes de uma seleção de recursos linguísticos à disposição do enunciador. Ou seja: “[...] o estilo é o conjunto de traços fônicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, lexicais, enunciativos, discursivos, etc., que definem a especificidade de um enunciado e, por isso, criam um efeito de sentido de individualidade” (FIORIN, 2006a, p. 46). O conjunto de particularidades discursivas e textuais que define o estilo cria uma imagem do autor, que é o que Fiorin denomina de

“efeito de individualidade” (FIORIN, 2006, a p. 46). Essa individualidade pode ser singular (como, por exemplo, de um escritor, que cria a imagem individual desse escritor) ou coletiva (como, por exemplo, de uma determinada estética literária, que cria a imagem do escrito dessa estética).

A compreensão do destinatário, explicitado pelo Círculo de Bakhtin, é um aspecto essencial em uma análise discursiva, visto que o estilo depende da maneira como o locutor percebe e concebe seu destinatário, e do modo que ele presume uma possível compreensão ativa. Assim, as

[...] formas e concepções do destinatário se determinam pela área da atividade humana, a da vida cotidiana, a que se reporta um dado enunciado. A quem se dirige o enunciado? Como o locutor (ou o escritor) percebe e imagina seu destinatário? Qual é a força da influência deste sobre o enunciado? É disso que depende a composição, e sobretudo o estilo, do enunciado. Cada um dos gêneros do discurso, em cada uma das áreas da comunicação verbal, tem sua concepção padrão do destinatário que o determina como gênero (BAKHTIN, 2000a, p. 321).

Como vimos, o estilo de um enunciado se dá fundamentalmente na relação entre o locutor (autor) e o seu destinatário em um dado contexto discursivo.

O estilo tem também relações com a forma do conteúdo, isto é, com o modo como o conteúdo é organizado, e não com um “desvio” da norma, do mesmo modo como seu uso não se restringe à obra literária (SOBRAL, 2009b, p. 64). Bakhtin (2000b) destaca que um dos princípios do estilo é o fato dele se alterar de acordo com a mudança do valor social do herói (objeto) do enunciado. O segundo princípio do estilo é o grau de proximidade recíproco entre o autor e herói em uma obra.

1.3. Os gêneros e suas esferas de atividade

O conceito de esfera de atividade comunicativa é entendido na obra do Círculo de Bakhtin como o campo/lugar em que circulam os mais variados gêneros do discurso. Os seres humanos agem em determinadas esferas de atividade: a escolar, a religiosa, a política, a trabalhista, a de relacionamento etc. Essas esferas de atividade implicam a utilização da linguagem na forma de enunciados “Não se produzem enunciados fora das esferas de ação, o que significa que eles são determinados pelas condições específicas e pelas finalidades de cada esfera” (FIORIN, 2006b, p. 61).

Em seu artigo “Esfera e Campo”, do livro *Bakhtin: outros conceitos-chave* Grillo (2008) assegura que as esferas são determinantes para compreensão da presença e do tratamento dado à palavra do outro Para ela, a palavra do outro desempenha um papel fundamental na formação ideológica do homem, apresentando-se como palavra autoritária e como palavra persuasiva no interior do enunciado. A palavra autoritária exige reconhecimento, pois:

[...] está associada às posições de poder – pai, professor, adulto, cientista, padre, etc. – das diversas esferas ideológicas – família, escola, ciência, religião, etc. A palavra interiormente persuasiva está entrelaçada com as palavras do homem em formação e é fundamental para o seu processo de independência (GRILLO, 2008, p. 145).

A noção de esfera de atividade comunicativa, na perspectiva dialógica associa-se à concepção de língua adotada na obra do Círculo de Bakhtin. Segundo essa concepção, a língua é vista como um lugar de interação humana e não como um sistema estável. Se é por meio da língua que os sujeitos se encontram, esses encontros, como são complexos, reclamam gêneros do discurso que confirmem suporte verbal a esses sujeitos.

Em seu artigo “A conversa na *web*: o estudo da transmutação em um gênero textual”, Araújo (2005) constata que, apesar de Bakhtin não padronizar um termo, as expressões terminológicas contidas em seus escritos como *esferas de atividade humana*, *esfera de comunicação* e *esfera de utilização da língua* (p. 127) definem a concepção de língua já mencionada. Em relação a isso, o autor observa que:

[...] ao lado da palavra esfera, todas as expressões sugerem uma das mais salientes necessidades humanas, a comunicação. Verifica-se, ainda, que subjacente a todas as expressões está um único sentido: o de ser um espaço interativo que propicia o surgimento de vários gêneros (ARAÚJO, 2005, p. 92).

Todas as esferas de comunicação humana, como ressalta Bakhtin (2000a), estão relacionadas com a utilização da língua, que, em sua totalidade concreta, viva, em seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica. A língua atualiza-se em enunciados (orais e escritos), que surgem nessas esferas da atividade humana. Assim, o enunciado reflete e refrata as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, pelo seu conteúdo temático, estilo verbal (recursos lexicais, frasais e gramaticais) e por sua construção composicional. Essas características enunciativas definem o que Bakhtin

denomina *gêneros do discurso*, que circulam em esferas específicas da atividade humana.

Os gêneros discursivos, que emanam das interações dialógicas, estão presentes nas mais diversas esferas de atividade humana, desde a mais simples réplica do diálogo cotidiano ao discurso científico, literário etc. Segundo Bakhtin (2000a), os gêneros do discurso são extremamente heterogêneos, o que, por sua vez, dificulta a classificação do caráter genérico de um enunciado, pois um gênero é classificado pela sua estabilidade relativa, isto é, pela sua contínua mobilidade e mutabilidade. Dessa maneira, Faraco afirma que:

[...] no interior de uma esfera da atividade humana, eles cumprem indispensáveis funções sociocognitivas. Pela sua estabilidade, eles são elementos organizadores das atividades e, por isso, orientam nossa participação em determinada esfera de atividade (eles balizam nosso entendimento das ações dos outros, assim como são referência para nossas próprias ações). Ao gerarem expectativas de como serão as ações, eles nos orientam diante do novo no interior dessas mesmas ações: auxiliam-nos a tornar o novo familiar pelo reconhecimento de similaridade e, ao mesmo tempo, por não terem fronteiras rígidas e precisas, permitem que adaptemos sua forma às novas circunstâncias (FARACO, 2003b, p. 114-115).

Em sua reflexão sobre os gêneros do discurso, Bakhtin (2000a) propõe a distinção entre gênero primário (simples) e gênero secundário (complexo). Os gêneros secundários, o romance, o teatro, o discurso científico etc, estão presentes em uma circunstância comunicativa mais complexa, principalmente escrita. Já os gêneros primários são os gêneros do discurso cotidiano, sobretudo a réplica do diálogo cotidiano:

Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea, os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios - por exemplo, inseridos no romance, a réplica do diálogo cotidiano ou a carta, conservando sua forma e seu significado cotidiano apenas no plano do conteúdo do romance, só se integram à realidade existente através do romance concebido como fenômeno da vida literário-artística e não da vida cotidiana (BAKHTIN, 2000a, p. 281).

Como se vê, há uma interdependência entre os dois gêneros, visto que os gêneros secundários se valem dos primários, em um romance, por exemplo, é representada a conversa entre dois personagens. De outra maneira, os gêneros primários sempre são influenciados pelos gêneros secundários, uma vez que circulam na sociedade. Sobre isso, Faraco exemplifica que:

[...] a atividade de um camelô anunciando seu produto, que poderíamos classificar como gênero primário por estar diretamente relacionada com a comunicação prática e espontânea do cotidiano tem muitas vezes um ar de conferência, o que pode servir de exemplo para o fato de que os gêneros secundários também influenciam os primários (FARACO, 2003b, p. 118).

Na construção de um discurso, sempre se conserva na mente o enunciado, tanto em forma de um esquema correspondente a um gênero definido como em forma de uma intenção discursiva individual. Os gêneros correspondem a circunstâncias e a temáticas típicas da comunicação verbal, a certos pontos de contato típicos entre as significações da palavra e a realidade concreta:

A emoção, o juízo de valor, a expressão são coisas alheias à palavra dentro da língua, e só nascem graças ao processo de sua utilização ativa no enunciado concreto. A significação da palavra, por si só, (quando não está relacionada com a realidade), como já dissemos, é extra-emocional (BAKHTIN, 2000a, p. 311).

Os enunciados e os gêneros do discurso a que pertencem transmitem a história da sociedade e a história da língua. Os gêneros ganham sentido na correlação entre formas e atividades. Dessa maneira, o gênero não é um conjunto de propriedades formais isolado de uma esfera de atividade, mas se realiza em determinados espaços e tempos, nos quais os parceiros comunicativos mantêm uma certa relação (BAKHTIN, 2000a).

Segundo Fiorin (2006b, p. 61), Bakhtin, em seus estudos, não teoriza sobre o gênero levando em conta o produto, mas o processo de sua constituição. Ou seja, as propriedades formais do gênero interessam-lhe menos do que a maneira como os próprios gêneros se constituem. Parte, então, da intrínseca relação entre a utilização da linguagem e as atividades humanas. Nesse sentido:

O gênero estabelece, pois uma interconexão da linguagem com a vida social. A linguagem penetra na vida por meio dos enunciados concretos e, ao mesmo tempo, pelos enunciados a vida se introduz na linguagem. Os gêneros estão sempre vinculados a um domínio da atividade humana, refletindo suas condições específicas e suas finalidades (FIORIN, 2006b, p. 61-62).

Os gêneros contêm recursos generalizáveis de eventos particulares, mas os enunciados específicos devem utilizar esses recursos para formar novos propósitos em um dado meio irrepetível. “Cada enunciado, cada uso de um gênero, requer trabalho real; começando com o dado, algo diferente deve ser criado” (MARSON; EMERSON, 2008, p. 307). Os gêneros do discurso acumulam experiência. Da mesma maneira que o nosso discurso contém elementos daquilo que já foi dito de diversas formas, assim também os gêneros trazem consigo registros do que já se falou:

Os gêneros são formados não por legislação, mas por adição. Os resultados genuínos de um processo histórico assemelham-se mais a uma colcha de retalhos que a um projeto preconcebido. Não se pode entendê-los a menos que se reconheça que são compromissos, jamais projetados desde o início para o propósito que servem atualmente, mas adaptados para esse propósito a partir de formas que serviam anteriormente a outros propósitos. Como a maioria dos produtos da evolução, eles são relativamente adaptáveis a usos futuro, para os quais serão também aceitavelmente, mas não otimamente apropriados (MORSON; EMERSON, 2008, p. 309).

Os gêneros do discurso são relativamente estáveis, como diz Bakhtin, justamente por estarem sempre prontos a transformações, a novas adaptações a determinadas esferas de atividade em que circulam, dependendo do contexto e que estão inseridos.

1.4. Tema e a significação na construção de sentido da enunciação

No capítulo “Tema e Significação na Língua” de *Marxismo e filosofia da linguagem* (1999c), afirma-se que o sentido da enunciação é o seu *tema*. O conteúdo temático de um gênero discursivo não é o assunto específico de um texto, mas sim o sentido ou sentidos de que se ocupa o gênero. O tema da enunciação, como a própria enunciação, é individual e não reiterável; é resultado de uma situação histórica concreta que originou a enunciação. O Círculo conclui que “[...] o tema da enunciação é determinado não só pelas formas linguísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1999c, p. 128).

Além do tema, a *significação* da enunciação é outro elemento que compõe o processo de construção de sentido do enunciado. Partindo do pressuposto bakhtiniano de que significação é a capacidade de significar do signo linguístico, Cereja (2008c), em seu artigo “Tema e Significação” constata que: “[...] a *significação* é um estágio inferior da capacidade de significar, e o tema, um estágio superior” (CEREJA, 2008b, p. 2002). Portanto, enquanto a significação é por natureza abstrata e estável, o tema é concreto e histórico e tende a ser dinâmico. Nesse sentido, a identificação do tema da enunciação:

[...] exige que se leve em conta não apenas o sentido potencial do signo; mas também o sentido que este assume no momento histórico e na situação específica de enunciação, de acordo com os elementos extraverbaes que participam da construção do sentido, como, por exemplo, a identidade e o papel dos interlocutores, a esfera de circulação dos signos e a finalidade do ato enunciativo (CEREJA, 2008b, p. 206).

Toda compreensão é um diálogo, que está para enunciação, assim como uma réplica está para outro diálogo. Somente na compreensão de uma língua estrangeira é que, por vezes, se procura encontrar para cada palavra uma palavra parecida na própria língua. O sentido não pertence a uma palavra enquanto palavra, pois “[...] a significação pertence a uma palavra enquanto traço de união entre os interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1999c, p. 132).

Bakhtin (1998) sustenta que a palavra é dotada de tudo que é próprio da cultura, ou seja, de todos os sentidos culturais, cognitivos, éticos e estéticos. Conclui-se, portanto, que não existe nada na cultura que não seja permeado pela palavra, pois a cultura é um fenômeno da língua. A linguística só é uma ciência porque domina seu objeto de estudo: a língua, definida por um pensamento linguístico. Nesse sentido:

Um enunciado isolado e concreto sempre é dado num contexto cultural e semântico-axiológico (científico, artístico, político, etc) ou no contexto de uma situação isolada da vida privada; apenas nesses contextos o enunciado isolado é vivo e compreensível: ele é verdadeiro ou falso, belo ou disforme, sincero ou malicioso, franco, cínico, autoritário e assim por diante. Não há enunciados neutros nem pode haver; mas a linguística vê neles somente *o fenômeno da língua, relaciona-se apenas com a unidade da língua*, mas não com a unidade de conceito de prática da vida, da História, do caráter de um indivíduo, etc. (BAKHTIN, 1998, p. 26). (Grifo do autor)

Um enunciado nunca se dá de forma isolada do contexto cultural em que está inserido. Não existe enunciado neutro, ele é sempre dotado de valor e de história, e tem sempre uma forma e uma intenção nessa história.

1.5. A forma composicional e a forma do conteúdo

Para o Círculo de Bakhtin, todo discurso contém um conteúdo, uma forma e um material com o que o autor trabalha. Podemos dizer que o conteúdo são os atos humanos, o material, no caso dos discursos verbais, a língua e a forma é o modo de dizer, de organizar os discursos, e está integrada ao conteúdo e ligada ao material. Ao distinguir forma composicional de forma do conteúdo³, Sobral (2009b), no segundo capítulo “Autoria e estilo” de seu livro, observa que na verdade há de duas formas: a primeira, que se refere à materialidade do texto é a forma composicional e; a segunda, que se refere à superfície discursiva, à organização do conteúdo, expresso por meio da matéria verbal, em termos das relações entre o autor, o tópico e o ouvinte, está é a forma do conteúdo.

Em um discurso estético, a forma composicional cria um objeto externo, e a forma do conteúdo um objeto estético. No caso de outros discursos não artísticos (caso do nosso objeto de análise, as postagens da página “Dilma Bolada”), é criada a composição de um dado texto com um conteúdo de interlocução entre autor e ouvinte, locutor e interlocutor. A forma composicional se vincula com as formas da língua e com as estruturas textuais; já a forma do conteúdo se vincula com o projeto enunciativo do autor, com o tipo de relação com o interlocutor que ele propõe. Assim, a forma do conteúdo determina a forma de composição, porém esta nunca poderá determinar a forma do conteúdo. Diante disso, podemos dizer que não há forma do conteúdo sem forma composicional, porque a organização arquitetônica precisa de um material no qual moldar o conteúdo. De outra maneira, a forma do conteúdo pode se realizar composicionalmente de várias maneiras. (SOBRAL, 2009b).

Em relação especificamente à forma do conteúdo, Bakhtin afirma, no capítulo “O problema do Conteúdo, do Material e da Forma na Criação Literária”, do livro *Questões de Literatura e de Estética* (1998), que ela se desmaterializa escapando dos limites da obra apenas quando se transforma numa expressão de atividade criativa, determinada valorativamente, de um sujeito esteticamente ativo. Pois é na forma que o

³ A forma do conteúdo recebe também nas obras do Círculo de Bakhtin o nome de forma arquitetônica

“eu” encontra a si mesmo; sua atividade produtiva da formalização axiológica. É na forma que ele sente o movimento criador do objeto “[...] na contemplação da obra de arte: eu devo experimentar-me, numa certa medida, como criador da forma, para realizar inteiramente uma forma artisticamente significativa enquanto tal” (BAKHTIN, 1998, p. 58). É aí que está a diferença entre a forma artística e a forma cognitiva, pois a última não tem um autor-criador, nela eu encontro a forma no objeto, não encontro nem a mim mesmo, nem a minha atividade criadora.

Dessa maneira, o autor-criador de um enunciado é constituído somente na forma artística. O “eu” deve experimentar a forma em uma relação axiológica ativa em que o conteúdo possa prová-la esteticamente. Pois “é na forma e pela forma que eu canto, narro, represento, por meio da forma eu expresso meu amor, minha certeza, minha adesão” (BAKHTIN, 1998, p. 58). Já o conteúdo opõe-se à forma como algo que precisa dela. Se o “eu” deixa de se ativo na forma, o conteúdo que foi arquitetado por ela aparece na sua significação pura e ético-cognitiva, assim “a contemplação estética termina e é substituída por uma empatia puramente ética ou por uma reflexão cognitiva, por um acordo ou um desacordo teórico, uma aprovação ou uma desaprovação prática, etc.” (BAKHTIN, 1998, p. 58).

O “eu” se torna ativo na forma, é por meio dela que ocupa uma posição valorativa fora do conteúdo, de maneira cognitiva e ética. Isto torna possível todas as realizações estéticas da forma no que diz respeito ao conteúdo. Nesse sentido, “a forma é a expressão da relação axiológica ativa do autor-criador e do indivíduo que percebe (co-criador da forma) com o conteúdo [...]” (BAKHTIN, 1998, p. 59). A unidade de todos os momentos composicionais, os quais realizam a forma, é baseada não naquilo que se fala ou de que se fala, mas na maneira como se fala, ou seja, no sentido de uma atividade de elocução significativa, que deve ser sentida como uma atividade única, independentemente do objeto semântico de seu conteúdo.

1.6. A questão da autoria em Bakhtin

Faraco (2008d), em seu artigo “Autor e autoria” que está em *Bakhtin: conceitos-chave*, ressalta que Bakhtin no início de seu texto “Autor e o herói na atividade estética” já distinguia o autor-pessoa (escritor) e autor-criador (que tem uma função estético-formal que compõe a obra). Embora os estudos do Círculo priorizassem a questão da autoria nos textos literários, suas formulações também se estenderam a outras modalidades discursivas fora desse contexto. Por isso, tomaremos suas reflexões para

entender a analisar a autoria em nosso objeto - as postagens que circulam na página “Dilma Bolada”, no *Facebook*.

No capítulo “O problema do autor”, em *Estética da Criação Verbal* (2000b), Bakhtin afirma que o homem é o centro do conteúdo-forma a partir do qual se organiza a visão artística, tratando-se de um *homem dado* (grifo do autor, p. 201) nos valores de sua atualidade presente no mundo. O mundo da visão artística está organizado e acabado sem levar em conta o pré-dado e o sentido ao redor do homem de quem constitui o ambiente de valores, ou seja, vemos as coisas e as relações (de tempo, espaço, de sentido) existentes ao redor do homem, tornarem-se constituintes artísticos significantes. A partir disso, Bakhtin e o Círculo chegaram à conclusão de que há, no plano de valores uma diferença fundamental entre o *eu* e *outro*, uma diferença de caráter de acontecimentos: fora dessa distinção nenhum ato poderia ter seu peso de valores. Para eles:

O eu e o outro constituem as *categorias fundamentais de valores* que pela primeira vez originam *um juízo de valor real*, e esse juízo, ou, mais exatamente, a ótica axiológica da consciência, manifesta-se não pelo ato, mas também pela menor vivência, pela mais simples sensação: viver significa ocupar uma posição de valores em cada um dos aspectos da vida, significa ser numa ótica axiológica. (BAKHTIN, 2000b, p. 201-202) (Grifos do autor).

Bakhtin e seu Círculo chegam à reflexão de que somente o outro, como tal, pode ser o centro de valores de visão artística e, por consequência, ser o herói de uma obra artística; somente esse outro pode receber uma forma substancial e um acabamento estético, já que todas as modalidades de acabamento – no espaço, no tempo e no sentido – são transcendentem à autoconsciência ativa e não fazendo parte de uma relação valorativa consigo mesmo. Em outras palavras, se o *eu* quer continuar em si mesmo para si, ele não pode ser ativo em um espaço e em um tempo esteticamente significantes nos quais não existe enquanto valor para si. Nesse espaço, o *eu* não se cria, não assume uma forma e não se determina. No mundo da autoconsciência do *eu*, entre seus valores não está o valor estético de seu corpo, de sua alma e da unidade artística orgânica deles que confere integralidade ao homem. O corpo e a alma do *eu* artístico se insere na sua atividade estética que se desenvolve no seu horizonte, e esse ambiente não pode fechar-se e abarcar um *eu* tranquilizado e constituir um ambiente de valores para si. (BAKHTIN, 2000b, p. 202).

Em todas as formas estéticas, a força organizadora é a categoria de valores do *outro* (grifo do autor, p. 203), uma relação com o outro enriquecida do excedente de valores inerente à visão exotópica que o *eu* tem do outro e que lhe permite assegurar o acabamento. Bakhtin afirma que o autor só se aproxima do herói quando sua própria consciência está sob o domínio da consciência do outro, quando reconhece seus próprios valores no outro que tem autoridade sobre ela e quando o excedente de visão (o conjunto de elementos transcendentais) está reduzido ao mínimo, ele está isento de tensão não tendo um caráter de princípio. (BAKHTIN, 2000b, p. 203).

O acontecimento estético requer duas consciências não coincidentes e que a avaliação que o autor faz do herói (personagem) e grau de proximidade não dispensa o ouvinte (elemento que afeta a relação autor-herói), terceiro elemento determinante da forma artística e dos discursos em geral. Isso é importantíssimo para se pensar a questão do autor, seu grau de proximidade/distanciamento com relação ao outro (ouvinte), tanto no campo do discurso estético como nos outros campos uma parte essencial das modalidades de discurso, ou gênero o locutor é levado a assumir uma ou outra posição em relação ao outro. Dessa forma, ser autor é assumir posições que implicam diferentes modalidades de organização dos textos, a partir da relação do autor com o herói, com o tópico ou com o ouvinte (SOBRAL, 2009b, p. 63).

A seleção de palavras em um texto envolve uma orientação na direção do ouvinte e do herói por parte do autor, e a recepção dessa seleção decorre do contexto da vida, que impregna essas palavras de juízos de valor, impondo ao seu significado uma direção específica, visto que todo discurso dirige-se a alguém, trazendo, portanto, esse alguém para sua superfície. Tal seleção vai envolver a concordância com os ouvintes ou a discordância com relação a eles e remete igualmente à avaliação que autor faz do herói e julga que o ouvinte faz. O que se torna relevante em relação a isso é o fato de o autor selecionar julgamentos de valor do ponto de vista dos próprios portadores desses julgamentos. A posição do autor em relação ao conteúdo da obra é ativa. Porém, esse seu caráter ativo não o deixa acima de todas as influências que incidem sobre seu agir em seu ambiente sócio-histórico. Ser autor de uma obra ou de outros discursos envolve tudo dizer em termos pragmáticos-referenciais, dados que faltam ao enunciado estético (e a outros discursos escritos) as circunstâncias concretas que permitem identificar o dito e o presumido de maneira relativamente imediata como o seria na interação face-a-face (SOBRAL, 2009b).

O autor, em seu ato criador, deve situar-se na fronteira do mundo que está criando, pois sua inserção completa nesse mundo comprometeria sua estabilidade estética. Assim:

Sempre podemos determinar a atitude do autor para com o mundo que representou pela forma como ele lhe representa a exterioridade, e vemos se a imagem que dá dele lhe é transcendente, se tem coesão pelo fato de que suas fronteiras são vivas, reais, sólidas de que o herói está entranhado no mundo que o rodeia, o acabamento e a solução estão impregnados de sinceridade e de tensão emocional, a ação é serena e plástica, as almas dos heróis são vivas (ou então se passam dos vãos esforços do espírito procurando transformar-se em alma). (BAKHTIN, 2000b, p. 205).

É dessa maneira que o autor criador, situado sempre na fronteira viva e real de um mundo esteticamente estável e autônomo, se coloca orientado pela tensão emocional do herói em sua vida, ao qual ele dá forma e acabamento por meio de um material determinado.

Quando falamos em sujeito em Bakhtin pensamos em enunciado e todo enunciado tem um autor. Assim, pode-se dizer que o autor, para o Círculo de Bakhtin, não se refere somente a um autor de obras literárias, mas também a autor de enunciados. Dessa forma, podemos pensar que o Círculo de Bakhtin considera os atos discursivos parte do conjunto dos atos humanos em geral e todo ser agente de um ato humano, é, nesse sentido, “autor” de seus atos. Portanto, quando pensamos em autor no âmbito das teorias do Círculo de Bakhtin, significa pensar no contexto de ação dos sujeitos e nas mais complexas tarefas que realizam ao anunciar. Implica também considerar: “[...] de um lado, o princípio dialógico (que segue a direção do interdiscurso, da relação com o outro), e, do outro, os elementos sociais, históricos etc. que formam o contexto da interação e que incidem sobre a ação autoral”. (SOBRAL, 2009b, p. 61). Portanto, ser autor, fora do âmbito literário, significa assumir uma posição axiológica, deslocando-se para outra(s) voz(es) social(is); buscar sua própria palavra, ou seja, sua própria posição autoral. (FARACO, 2008d).

1.7. A sátira em Bakhtin

Em sua obra *A cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*: o contexto de François Rabelais (1993), Bakhtin discorre sobre as inúmeras manifestações culturais carnavalescas no contexto da Idade Média e do Renascimento. Devido à multiplicidade

dessas manifestações, ele resolve subdividi-la em três categorias. A primeira diz respeito às formas dos ritos e espetáculos, que podem ser festejos carnavalescos, obras cômicas para serem representadas em praças públicas etc. A segunda categoria proposta por Bakhtin (1993) inclui as obras cômicas verbais (incluindo as paródicas) sejam elas orais ou escritas, em latim ou em língua vulgar. E, a terceira e última categoria, trata das diversas formas e gêneros do vocabulário familiar e grosseiro, composto pelos blasões populares, insultos, juramentos, etc. Fosse em um ambiente de carnaval, ou em uma festividade agrícola, ou em ritos e cerimônias, um elemento que nunca faltava era o riso. Eram os bufões e os “bobos” que, por mais sério que fosse o cerimonial, sempre encontravam um modo de parodiá-lo.

Todos estes festejos organizados de modo cômico traziam à tona uma nova visão do ser humano e das relações entre si, bem como do mundo. Essa nova visão não tinha nada em comum com os propósitos da Igreja e do Estado. Entretanto, essa “dualidade” (BAKHTIN, 1993, p. 6) criada, acabou sendo muito considerada, ao serem realizados estudos culturais da Idade Média e do Renascimento. Aliás, estudos sobre a civilização primitiva mostram que estes povos já usavam de cerimoniais sérios para a sua posterior reprodução sob o formato cômico.

Em *Problemas da poética de Dostoiévski* (2005), Bakhtin volta-se para a literatura, no fim do período da Antiguidade Clássica. Nesse campo de estudo, vários gêneros se originaram e se desenvolveram, constituindo-se de uma parte importante para a literatura e que, enfim, os antigos denominaram de campo sério-cômico, e que incluíam os mimos de Sófron, o ‘diálogo de Sócrates’ (como gênero específico), a vasta literatura dos simpósios, a primeira Memorialística (Íon de Quio, Crítias), os panfletos, toda a poesia bucólica, a ‘sátira menipeia’ (como gênero específico) e alguns outros gêneros.

As características dos gêneros do campo sério-cômico possuem uma relação intensa com o folclore carnavalesco. Estes gêneros trazem consigo uma cosmovisão carnavalesca – na qual são determinadas particularidades fundamentais e dadas à imagem e à palavra uma relação com a realidade – específica, sendo que alguns são variantes literárias diretas dos gêneros folclórico-carnavalescos (BAKHTIN, 2005). A literatura que, de forma direta ou indireta, com seus elos mediadores, teve a influência das diferentes modalidades do folclore carnavalesco (seja ele antigo ou medieval), é chamada de literatura carnavalizada. Um exemplo disso é o campo sério-cômico, sendo que estudaremos algumas de suas peculiaridades exteriores, que são resultantes da ação

transformadora por parte da cosmovisão carnavalesca. A primeira peculiaridade diz respeito ao tratamento que é dado a realidade. Aqui, a palavra chave é a atualidade. A segunda peculiaridade trata da experiência e da fantasia livre (nada de lendas e de consagração através delas). E a última peculiaridade “são a pluralidade de estilos e a variedade de todos esses gêneros. Eles renunciam à unidade estilística [...] da epopéia, da tragédia, da retórica elevada e da lírica” (BAKHTIN, 2005, p. 108). Também é caracterizada “pela fusão do sublime e do vulgar, do sério e do cômico” (BAKHTIN, 2005, p. 108), empregando os gêneros de modo intercalado: “cartas, manuscritos encontrados, diálogos relatados, paródias dos gêneros elevados, citações recriadas em paródia, etc” (BAKHTIN, 2005, p. 108). Em alguns casos, observa-se “a fusão do discurso da prosa e do verso, inserem-se dialetos e jargões vivos [...], surgem diferentes disfarces de autor” (BAKHTIN, 2005, p. 108).

Todos os gêneros que fazem parte do sério-cômico possuem traços dessas três peculiaridades, as quais possuem uma grande importância na evolução que teve o romance europeu e a prosa literária, que gira em torno do romance e se forma a partir de sua influência. Em termos gerais, o romance europeu possui três raízes primordiais, que são a épica, a carnavalesca e a retórica. Dessa forma, é no campo sério-cômico que se encontra o ponto de partida para o desenvolvimento das linhas carnavalescas do romance, que se dá a partir do “diálogo socrático” e da “sátira menipeia”. O “diálogo socrático” foi muito difundido em seu tempo por Platão, Xenofonte etc. Este diálogo é um gênero bastante específico, contendo uma cosmovisão carnavalesca, sobretudo oral. No princípio, o “diálogo socrático” se assemelhava ao gênero memorialístico: recordações de palestras proferidas e memorizadas. No decorrer do tempo, o que marcou mesmo foi seu caráter criativo livre, liberto de limitações históricas e memorialísticas, conservando “nele apenas o método propriamente socrático de revelação da verdade e a forma exterior do diálogo registrado e organizado em narrativa” (BAKHTIN, 2005, p. 109).

O “diálogo socrático” apresenta algumas manifestações de gênero. Nesta manifestação, o gênero é baseado na concepção socrática de natureza dialógica da verdade – assentada na base carnavalesco-popular – e do pensamento humano sobre ela. Para Sócrates, a verdade não nascia, nem se encontrava na cabeça de um único homem, por isso, ele reunia várias pessoas, colocando-as uma em frente à outra, e era dali que “nascia a verdade”. Esse método era dominado por ele de maiêutico, contudo, ele nunca fez dos resultados de seu método, uma verdade acabada. No último período da obra de

Platão, a forma do “diálogo socrático” começa a ser destruída pelo monologismo; também perde a sua relação com a cosmovisão carnavalesca, se convertendo “em simples forma de exposição da verdade já descoberta, acabada e indiscutível” (BAKHTIN, 2005)

Em uma segunda manifestação de gênero do “diálogo socrático”, a síncrize e a anácrise foram fundamentais. Na síncrize, confrontavam-se pontos de vista diferentes sobre algum objeto, sendo que, era esse confronto de opiniões diferentes que interessava. Já a anácrise dizia respeito aos métodos com que se estimulavam palavras do interlocutor, a fim de externar a sua opinião inteiramente. Enfim, o objetivo de ambas era transformar o pensamento em diálogo, exteriorizá-lo. Outra manifestação de gênero inclui os heróis, que são ideólogos – e são introduzidos pela primeira vez na literatura europeia. O primeiro ideólogo é Sócrates, no entanto, os seus interlocutores – discípulos, pessoas simples, etc – ao serem incorporados no diálogo também são considerados ideólogos (involuntários). “O próprio acontecimento que se realiza no ‘diálogo socrático’ [...] é um acontecimento genuinamente ideológico de procura e experimentação da verdade” (BAKHTIN, 2005, p. 111). Essas foram algumas das particularidades encontradas no “diálogo socrático”, que teve uma duração breve. Entretanto, enquanto ele se desintegrava, outros gêneros dialógicos iam sendo formados, e um deles é a “sátira menipeia” que, aliás, não deve ser considerada como um produto legítimo, resultante da decomposição do “diálogo socrático”, “[...], pois as raízes dela remontam diretamente ao folclore carnavalesco cuja influência determinante é ainda mais considerável aqui que no diálogo socrático” (BAKHTIN, 2005).

A “sátira menipeia” é um gênero, cuja denominação vem de Menipo de Gádara – filósofo do século II. a.C. –, o responsável por lhe dar forma clássica. Um incontestável representante da “sátira menipeia” foi Bión de Boristenes (século III a.C.). Na verdade, este gênero havia surgido bem antes de Menipo, mas foi ele quem deu melhor definição para o gênero. As literaturas cristã antiga e bizantina sofreram uma enorme influência da “sátira menipeia”. Esta influência continuou na Idade Média, nos períodos do Renascimento e da Reforma e na Idade Média. Na realidade, ela continua a evoluir até hoje.

Esse gênero carnavalizado, extraordinariamente flexível e mutável [...], capaz de penetrar em outros gêneros, teve uma importância enorme, até hoje ainda insuficientemente apreciada, no desenvolvimento das literaturas [...]. A ‘sátira menipeia’ tornou-se um dos principais veículos e portadores da cosmovisão carnavalesca na literatura até os nossos dias (BAKHTIN, 2005, p. 113).

Se comparar o “diálogo socrático” com a menipeia, ela apresenta uma presença do elemento cômico muito maior, além do mais, ela está livre das limitações histórico-memoralísticas, das lendas e de qualquer exigência de verossimilhança. Entretanto, essas características da menipeia não impedem de haver heróis, que são figuras históricas e lendárias. Talvez em toda a literatura não se encontre um gênero que tenha tanta liberdade de invenção e fantasia como este. Neste gênero, tanto a fantasia quanto a aventura são motivadas e justificadas interiormente, pelo fim unicamente filosófico-ideológico. Não se procura a materialização da verdade, mas sim, a busca, a provocação e a experimentação dessa verdade – os heróis sobem aos céus, descem ao inferno. Pode-se assumir um caráter simbólico ou até mesmo místico-religioso, sendo que depende mesmo é da função unicamente ideológica de incitar e experimentar a verdade. “Neste sentido podemos dizer que o conteúdo da menipeia é constituído pelas aventuras da ideia ou da verdade no mundo, seja na Terra, no inferno ou no Olimpo” (BAKHTIN, 2005).

Por vezes, a menipeia incorpora elementos utópicos (a chamada utopia social), introduzidos sob a forma de viagens ou sonhos, podendo até, diretamente se transformar em um romance utópico. Outra característica da menipeia é a intercalação (que reforça a multiplicidade de estilos) ao empregar gêneros – que podem ser cartas, novelas, discursos oratórios, etc –, podendo ter até uma fusão de prosa com verso, sendo que este último sempre se apresenta com um tom de paródia. E, ainda se tem “[o] caráter jornalístico, a publicística, o folhetinismo e a atualidade mordaz [que] caracterizam em diferentes graus, todos os representantes da menipeia” (BAKHTIN, 2005, p. 119). Por fim, “toda essa evolução medieval da menipeia é plena de elementos do folclore carnalizado local e reflete as particularidades específicas de diferentes períodos da Idade Média” (BAKHTIN, 2005, p. 136). Nesse sentido, podemos dizer que a sátira minipeia incorporou ao longo dos séculos especificidades genéricas da cultura e do folclore de cada período histórico e social pelo qual passou, o que acaba por definir o próprio gênero sátira.

1.8. Paródia

Segundo Sant’ Anna (2003), o termo paródia institucionalizou-se a partir do séc. 17. A isto se referem vários dicionários de literatura. No entanto, já em Aristóteles

aparece um comentário a respeito desta palavra. Em sua *Poética*, o autor atribui a origem da paródia, como arte, a Hegemon de Thaso (séc. 5a.C.), porque ele usou o estilo épico para representar os homens não como superiores ao que são na vida diária, mas como inferiores. Teria ocorrido, portanto, uma inversão. A epopéia, gênero que na Antiguidade servia para apresentar os heróis nacionais no mesmo nível dos deuses, sofria agora uma degradação. Para Sant'Anna, essa observação de Aristóteles revela um enfoque marcadamente ético e mostra que os gêneros literários eram tão estratificados quanto as classes sociais. A tragédia e a epopéia eram gêneros reservados a descrições mais nobres, enquanto a comédia era o espaço da representação popular. No entanto, alguns autores apontam Hipponax de Éfeso (séc. 6 a.C.) como “o pai da paródia”. (SANT'ANNA, 2003).

O autor traz definições do dicionário de literatura de Brewer (apud SANT'ANNA 1985. p.12). Ele nos dá, por exemplo, uma definição curta e funcional: “paródia significa uma ode que perverte o sentido de outra ode (grego: *para- ode*)”. Tal definição implica o conhecimento de que originalmente a ode era um poema para ser cantado. Por isto, Shipley⁴, de maneira mais detalhada, registraria que o termo grego paródia implicava a ideia de uma canção que era cantada ao lado de outra, como uma espécie de contracanto. A origem, portanto, é musical. Em literatura acabaria por ter uma conotação mais específica. O próprio Shipley, no seu dicionário de literatura, discrimina três tipos básicos de paródia:

- a) Verbal - com a alteração de uma ou outra palavra do texto;
- b) Formal - em que o estilo e os efeitos técnicos de um escritor são usados como forma de zombaria;
- e) Temática - em que se faz a caricatura da forma e do espírito de um autor.

De uma maneira geral, porém, os autores que antecederam os formalistas Tynianov, 1919, e Bakhtin, 1928, definiam a paródia:

dentro de uma certa sinonímia. Aproximavam-na do *burlesco*, considerando-a como um subgênero. Nesta linha, mesmo autores mais contemporâneos definem a paródia também por contigüidade, considerando-a um mero sinônimo de *pastiche*, ou seja, um trabalho de juntar pedaços de diferentes partes de obra de um ou de vários artistas (SANT'ANNA, 2003. p. 13).

⁴ SHIPLEY, Josephe T. *Dictionary of World Literature r.* New Jersey, Littlefield,Adans, 1972.

O conceito de paródia tornou-se mais sofisticado a partir de Tynianov quando ele o estudou lado a lado com o conceito de estilização. Segundo o autor, para Tynianov (apud SANT'ANNA 1919. p. 14) a estilização está próxima da paródia, já que uma e outra vivem de uma vida dupla: além da obra há um segundo plano estilizado ou parodiado. Mas, na paródia, os dois planos devem ser necessariamente discordantes, deslocados: a paródia de uma tragédia será uma comédia (não importa se exagerando o trágico ou substituindo cada um de seus elementos pelo cômico); a paródia de uma comédia pode ser uma tragédia. Mas, quando há a estilização, não há mais discordância, e sim ao contrário, concordância dos dois planos: o do estilizando e o do estilizado, que aparece através deste. Finalmente, da estilização à paródia não há mais que um passo; quando a estilização tem uma motivação cômica ou é fortemente marcada, se converte em paródia.

Para Bakhtin, na paródia (apud SANT'ANNA 1928. p.15), assim como na estilização, é empregada a fala de um outro; mas, em oposição à estilização, introduz-se naquela outra fala uma intenção que se opõe diretamente à original. A segunda voz, depois de se ter alojado na outra fala, entra em antagonismo com a voz original que a recebeu, forçando-a a servir a fins diretamente opostos. A fala transforma-se num campo de batalha para interações contrárias. Assim, a fusão de vozes, que é possível na estilização ou no relato do narrador (em Turgueniev, por exemplo), não é possível na paródia; as vozes na paródia não são apenas distintas e emitidas de uma para outra, mas se colocam, de forma igual, antagonisticamente. É por esse motivo que a fala do outro na paródia deve ser marcada com tanta clareza e força. Pela mesma razão, os projetos de Bakhtin devem ser individualizados e mais ricos de conteúdo. É possível parodiar o estilo de um outro em direções diversas, introduzindo características novas, embora só se possa estilizá-lo, de fato, em uma única direção - a que ele próprio se propusera.

1.9. Ironia

Segundo Muecke (1982) o termo “ironia” aparece em algumas traduções da *Poética* como uma versão da *peripeteia* (peripécia) aristototélica (súbita inversão de circunstâncias) que talvez abrangesse parte da ironia dramática. O primeiro registro de *eironeia* surge na República de Platão. Aplicada a Sócrates significava algo como “uma forma lisonjeira, abjeta de tapear pessoas” (MUECKE, 1982). Aristóteles considerava a *aironeia* no sentido de dissimulação autodepreciativa, algo superior ao seu oposto. Já para Cícero, “ironia” não tem significado abusivo no vocábulo grego. Ele a usa ou como

a figura de retórica ou como uma pretensão amável de um Sócrates. Quando usamos o termo “ironia” no sentido de uma maneira de Sócrates afirmar que tem grandes esperanças de aprender com seu interlocutor o que é santidade ou justiça. Bem antes desses significados reconhecidos por Cícero, Quintiliano acrescentou um outro intermediário: “a ironia como elaboração de uma figura de linguagem num raciocínio completo, a elaboração de uma ironia como O Cristianismo tem seus pontos, apesar de tudo” (MUECKE, 1982, p. 32).

Na Inglaterra, o conceito de ironia se desenvolveu muito lentamente. Os significados mais interessantes em Cícero e Quintiliano foram ignorados a princípio e durante duzentos anos a ironia foi encarada principalmente como uma figura de linguagem. Defini-as o termo como algo que dizia uma coisa, mas significava outra, como uma forma de elogio a fim de censurar e de vice-versa. E como um modo de zombar e deixar o outro envergonhado. Era também usado para significar dissimulação, mesmo a dissimulação não-irônica. No do século XVIII e começo do século XIX a palavra “ironia” assumiu inúmeros significados antigos que não se perderam, e as antigas, maneiras de ser irônico não foram suspensas, “embora haja uma tendência a depreciar a ironia satírica como cruel e barata e a ironia cética como cruel, corrosiva ou diabólica” (MUECKE, 1982. p. 35). Desses novos significados que a palavra “ironia” assumiu, os mais significativos surgiram do fomento da especulação filosófica que transformou a Alemanha durante muitos anos na líder intelectual da Europa. O autor elege que o primeiro estágio deste novo desenvolvimento é considerar a ironia em termos de algo não de alguém ser irônico, mas de alguém ser a vítima de ironia, mudando de assunto do ativo para o passivo. A vítima poderia ser ou não alvo se uma observação irônica, feita em sua essência ou não, ou a pessoa que deixou de observar essa ironia, seja ela ou não o seu alvo.

O autor revela que o conceito de ironia se estendeu no período romântico, para além da Ironia Instrumental (que ocorre quando alguém é irônico) até incluir a chamada Ironia Observável (coisas vistas ou apresentas como irônicas). Estas Ironias Observáveis podem ser locais ou universais. Todas elas não eram desenvolvimentos principais, nada menos que o desenvolvimento do conceito de *Welt-Ironie*, Ironia Cósmica ou Ironia Geral, a ironia do universo que tem como vítima o homem ou o indivíduo. Já para Schlegel, a situação metafisicamente irônica do homem “[...] é que ele é finito que luta para compreender uma realidade infinita, portanto, incompreensível.

A Isto podemos chamar Ironia Observável da Natureza que tem o homem como vítima” (MUECKE, 1982, p. 39).

Para encerrar seu pensamento sobre a ironia, o autor a define como uma forma de escritura destinada a deixar aberta a questão do que pode significar o significado literal: “há um perpétuo diferimento da significância. A velha definição de ironia – dizer uma coisa e dar a entender o contrário – é substituída; a ironia é dizer alguma coisa de uma forma que ative não uma série infindável de interpretação” (MUECKE, 1982, p. 48).

Beth Brait, em seu livro *Ironia em Perspectiva Polifônica* (1996), trata da ironia em suas diversas facetas e representação do mundo. No deteremos em focar a ironia como um efeito da linguagem. A autora destaca que, embora a maioria dos estudiosos não tenham como preocupação explicar seus mecanismos produtores como um fenômeno de linguagem, mas sim abordá-las ou utilizá-las como forma de caracterizar o estilo e a visão de mundo de autores, essas abordagens acabam implicando um ponto produtivo da ironia. Ela vai ressaltar também a importância da ironia como um princípio estruturador de um dado discurso ou de um dado texto; como ela pode auxiliar a compreensão não apenas do discurso literário como o do não literário e de suas especificidades. (BRAIT, 1996, p. 97).

Brait (1996) vai apontar um aspecto importante que diz respeito a duas grandes concepções que rivalizam ironia como atitude e ironia como procedimento verbal. Se o estudioso assume uma postura filosófica, ele poderá entender a ironia como constitutiva de uma situação, ou como um traço de caráter que caracteriza determinado indivíduo. Essa espécie de ironia está delimitada entre o que os autores chamam de “ironia situacional”, “ironia do mundo”, “ironia não-verbal” ou ainda “ironia referencial” (BRAIT, 1996, p. 60). Ao diferenciar “ironia verbal” e “ironia referencial” a autora vai citar os estudos de Catharine K. Orecchioni (1978) em que o termo “ironia referencial”, predicando normalmente a propósito de um objeto verbal, é utilizado para descrever um fenômeno de ordem referencial. Dessa forma, designa perfeitamente como uma metáfora a semelhança entre dois objetos como metonímia sua contiguidade espacial ou temporal. Portanto, a ironia referencial é constatada quando se percebe uma contradição entre elementos simultâneos. Nesse sentido, a ironia não-verbal está em relação com a ironia verbal e os dois sememes do termo estão em intersecção – há polissemia e não homonímia. A noção de contradição está no cerne do conceito de ironia: “ironia referencial = contradição entre dois fatos contíguos; ironia verbal = contradição entre

dois níveis semânticos ligados a uma mesma sequência significante” (apud BRAIT 1978, p. 61).

Brait vai dizer que é a partir dessa distinção que Orecchioni vai estabelecer a diferença entre esse dois fenômenos. O que significa que na ironia referencial intervêm dois actantes em relação dual, sendo o primeiro o suporte da ironia (uma atitude comportamental) e o segundo o observador que percebe como ironia essa atitude ou esse comportamento. Ironia verbal, por sua vez, implica um trio actual: o locutor que dirige um certo discurso para um receptor para caçoar de um terceiro que é alvo da ironia. Os três actantes envolvidos podem coincidir no todo ou em parte, dependendo do tipo de discurso em que aparecem. (BRAIT, 1996, p. 62). Portanto, a ironia, seja ela referencial, seja ela verbal, é um ato dialógico envolve sujeitos sociais num dado evento discursivo.

Ao finalizar esse capítulo, salientamos mais uma vez a relevância do aparato teórico apresentado. Bakhtin e seu Círculo abordam conceitos que consideramos fundamentais para o entendimento e análise do nosso objeto de pesquisa visto que as postagens da página de humor “Dilma Bolada”, que será apresentada detalhadamente no próximo capítulo, mobilizam sujeitos, gêneros discursivos e esferas de atividade no seu funcionamento e organização discursiva.

2. O UNIVERSO DIGITAL

O desenvolvimento tecnológico ao longo dos anos trouxe-nos inovações que se encontram perfeitamente integradas na nossa vida (computadores, telefones, *internet*, e-mails, redes sociais, etc.) e vivemos envolvidos por elas, dando-lhes significados culturais e sociais. O advento da *Internet* proporcionou o compartilhamento de informações na Web de uma maneira mais rápida e prática, e com ela também o surgimento de sites de redes sociais que acabaram se popularizando conforme foram fazendo parte do dia a dia das pessoas, a ponto de serem incorporadas no cotidiano de suas práticas de comunicação. É nesse contexto digital, portanto, que está inserido nosso objeto de pesquisa: as postagens da página “Dilma Bolada” do *Facebook*.

Para o melhor tratamento e entendimento não só do *corpus* de análise (as postagens) como do espaço e das relações que estabelece, neste capítulo, nos ocupamos de alguns estudos acerca desse universo digital que o circunda. Por se tratar de um *corpus* digital, isto é, que circula em um site na *Internet* abordamos alguns temas que consideramos importantes para nossas reflexões sobre o *corpus*. Para tanto, começamos discorrendo sobre a cibercultura e o ciberespaço, conceitos propostos e desenvolvidos por Pierre Lévy e William Gibson na década de 1980. Em seguida, discutiremos sobre as redes sociais, bem como os sites que estão atrelados a elas, visto que, o nosso *corpus* é veiculado pelo site *Facebook*, que funciona como uma rede de compartilhamentos de informações e interesses comuns no site. Por fim, trataremos reflexões acerca das comunidades virtuais e do próprio *Facebook*, já que “Dilma Bolada” é uma página que se encontra dentro desse site.

2. 1. A cibercultura no ciberespaço

Em seu livro denominado *Cibercultura*, o autor Pierre Lévy (1999) ressalta que termo “ciberespaço” foi inventado em 1984 por Willian Gibson em seu romance científico *Neuromante*. No livro, tal termo designa o universo das redes digitais que serve como palco de conflitos mundiais, como uma nova fronteira econômica e cultural. O ciberespaço de Gibson torna sensível a geografia móvel da informação, normalmente invisível. O termo foi imediatamente retomado pelos usuários e criadores de redes digitais. Existe hoje no mundo um excesso de correntes literárias, musicais e artísticas que se dizem parte da “cibercultura”. Nesse sentido, o autor define “ciberespaço” como o “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 1999, p. 92). Essa definição inclui também o

conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos, ao passo que transmitem informações provenientes de fontes digitais. Lévy (1999) insiste na codificação digital⁵ pelo fato de ela condicionar o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e virtual da informação que, para o autor, é a marca distintiva do ciberespaço.

A cada minuto que passa, novas pessoas começam a acessar a Internet, novos computadores são interconectados, novas informações são lançadas na rede. Quanto mais o ciberespaço se amplia, mais ele se torna “universal”. O universal da cibercultura é vazio, sem conteúdo particular. Em outras palavras, ele os aceita, pois se contenta em colocar um ponto qualquer com qualquer outro, seja qual for a carga semântica das entidades relacionadas. Para Lévy (1999), o ciberespaço se constrói em sistemas de sistemas, visto que:

Desenha e redesenha várias vezes a figura de um labirinto móvel, em expansão, sem plano possível, universal, um labirinto com qual o próprio Dédalo não teria sonhado. Essa universalidade desprovida de significado central, esse sistema da desordem, essa transparência labiríntica, chamando-a de “universal sem totalidade”. Constitui a essência paradoxal da cibercultura. (LÉVY, 1999, p. 111).

Portanto, o significado da rede ou o valor contido da cibercultura é precisamente a universalidade, visto que essa mídia tende à interconexão geral das informações, das máquinas e dos homens. A mensagem que essa mídia passa é universal.

2.2. As redes sociais na *Internet*

Em seu livro, *Redes sociais na internet* (2011), Raquel Recuero discorre sobre as redes sociais na *Internet* reconhecendo-as como agrupamentos complexos instituídos por interações sociais embasadas em tecnologias digitais de comunicação. A autora utiliza a metáfora de rede para pensar em aspectos individuais, coletivos e humanos na *Internet*. Isso acaba por revelar padrões de conexão em cujas pontas estão as pessoas que utilizam os terminais de acesso as redes sociais, historicamente situadas. As redes sociais congregam pessoas, que criam perfis virtuais para si mesmas, nos quais

⁵ “A codificação digital ou analógica refere-se ao sistema fundamental de gravação e transmissão da informação” (LÉVY, p. 62).

acrescentam informações a seu respeito, como interesses pessoais e profissionais, vídeos, fotos, mensagens e textos de diferentes naturezas.

As tecnologias digitais ocupam um papel central nas mudanças em todos os aspectos da vida social. A natureza dessas alterações é extremamente complexa e a velocidade do processo tem sido muito rápida. Nessa realidade, é difícil fugir de explicações fáceis que oferecem uma ilusão de segurança e solidez das tecnologias digitais em um mundo conturbado como o nosso. Diante desse cenário, há um grupo de otimistas e um grupo de pessimistas em relação a essa simplificação. Para o primeiro, as interações pela *Internet* instituem “comunidades virtuais” nas quais todos se relacionam em harmonia e igualdade. Esse grupo também acredita que a interação digital anula as negatividades e as diferenças culturais. Para os pessimistas, por outro lado, a comunicação mediada pelo computador esfria as relações pessoais e acentua o que há de pior na natureza humana. O ciberespaço é o reino da mentira, da hipocrisia e das más intenções. A autora faz uma crítica a essas duas posturas, pois, para ela, elas desvinculam a *Internet* da realidade social que a circunda, esquecendo que as tecnologias são artefatos culturais. (RECUERO, 2011).

Se, por um lado, todas as tecnologias de que dispomos, incluindo as de comunicação digital e principalmente as redes sociais, são produtos de nossas próprias intenções e propósitos; por outro lado, os modos como nos apropriamos delas, os usos que fazemos reinventam e resignificam constantemente suas características. Dessa forma, é impossível se falar em redes sociais na *Internet* levando em conta somente os fatores estritamente tecnológicos da questão, ou seja, esquecendo das pessoas, ou melhor, dos sujeitos históricos e sociais que interagem uns com os outros na rede para concentrar-se sobre a mediação tecnológica. Entretanto, não podemos deixar de considerar as especificidades do suporte tecnológico, visto que as peculiaridades da sociabilidade mediada pelas redes sociais se constituem no cruzamento entre aspectos humanos e aspectos tecnológicos, de modo que só podemos enxergá-las e compreendê-las se formos capazes de reconhecer o conjunto complexo e múltiplo de fatores que as circundam.

Em seu outro livro, *A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet*, (2012), Recuero define as redes sociais como uma metáfora estrutural. Em outras palavras, as redes sociais na *Internet* são metáforas para os grupos humanos onde se procura compreender suas inter-relações. Nesse sentido, as redes sociais na *Internet* são metáforas para esses grupos na mediação do

computador. Isso ocorre devido algumas características especiais dos processos de comunicação no ciberespaço, tais como permanência e buscabilidade que proporcionam uma observação dessas trocas em micro e macroescalas, permitindo, ainda, que essas redes sejam delineadas com maior precisão a partir da publicização das conexões.

Assim, as representações dos atores envolvidos nas trocas comunicacionais, como os perfis, por exemplo, são referidos como os nós da rede, e as conexões entre esses perfis, sejam elas listas de amigos ou diálogos realizados textualmente, seriam as conexões entre os nós que formarão a rede. No caso das redes sociais na *Internet*, estas são entendidas como representações, em que as interações entre os indivíduos são apontadas como representativas também das conexões entre estes. Dessa feita, “as redes sociais ficam explícitas no ambiente do ciberespaço através das interações que são construídas e negociadas entre os interagentes” (RECUERO, 2012, p. 128).

2.3. Sites de redes sociais na *Internet*

Um dos aspectos mais relevantes para compreensão das redes sociais na *Internet* é o estudo dos sites de redes sociais. Como exemplos de sites, temos o *Orkut*, o *Facebook* e o *Twitter*. No entanto, os sites citados, não são os únicos tipos de sites de redes sociais. A autora destaca que toda ferramenta que for utilizada como suporte de uma rede social pode ser considerado um site de rede social. Sites de redes sociais são, portanto, espaços utilizados para a expressão das redes sociais na *Internet*. Eles foram definidos como sistemas que permitem: a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; a interação através de comentários; e a exposição pública da rede social de cada usuário. (RECUERO, 2011). Os sites de redes sociais seriam uma categoria do grupo de *softwares sociais*, que seriam *softwares* com aplicação direta para a comunicação mediada por computador.

A grande diferença entre sites de rede sociais e outras formas de comunicação mediada pelo computador é o modo como permitem a visibilidade e a articulação das redes sociais, ou seja, a manutenção dos laços sociais estabelecidos no espaço *off-line*. Dessa forma, nessa categoria estariam os *fotologs*; os *weblogs*; as ferramentas de micromessaging atuais (como o *Twitter*), além de sistemas como o *Orkut* e o *Facebook*, mais destacados na categoria. Este último, nosso objeto de estudo. Os sites poderiam ser enquadrados dentro das categorias elencadas pela autora, pois possuem mecanismos de individualização (personalização, construção do eu etc.); mostram as redes sociais de

cada usuário de forma pública e possibilitam que os mesmos construam interações nesses sistemas.

Portanto, sites de redes sociais propriamente ditos são aqueles que compreendem a categoria dos sistemas focados em expor e publicar as redes dos usuários. Seu foco principal está na exposição pública das redes conectadas aos usuários, ou seja, sua finalidade está na publicização dessas redes. Esse é o caso do *Orkut*, do *Facebook*, do *LinkedIn* e vários outros. São sistemas em que há a construção de perfis. Segundo Recuero (2011), esses espaços, em geral, são voltados para ampliação e complexificação dessas redes, mas somente isso. O uso do site está voltado para esses elementos, e o surgimento dessas redes é consequência direta desse uso.

Pensando, especificamente, no *Facebook*, podemos dizer que a interação nesse espaço se dá por meio da criação de um perfil por parte de seu usuário a fim de que possa interagir com outros usuários da rede. É somente a partir da criação da construção desse perfil que o usuário pode anexar/convidar outros perfis à sua rede social e interagir, trocar informações com eles. Toda interação está focada na publicização dessas redes. (RECUERO, 2011). Em relação à afirmação da autora, acreditamos que a criação de um perfil de usuário em uma rede social vai além da exposição pública dessa rede, ou seja, de seus amigos. A criação de um perfil em uma rede social como a *Facebook*, por exemplo, permite ao usuário não somente a exposição de sua vida pessoal como também um de seus gostos pessoais, seus valores morais e sociais, ou seja, suas ideologias.

O *Facebook* é uma rede social que permite a interação não só entre usuários, mas também entre textos, gêneros, discursos e enunciados. Por essa razão as postagens da página “Dilma Bolada”, nosso objeto de pesquisa, tornam-se um material de análise muito propício, pois são um amplo campo dialógico em que diferentes sujeitos sociais expõem e compartilham seus valores, suas opiniões, suas ideologias nessa grande esfera midiática que é a rede social.

2.4. Comunidades virtuais

O surgimento das chamadas redes sociais possibilitou o surgimento de grupos sociais na *Internet* com características comunitárias. Esses grupos são chamados de “comunidades virtuais” (LEMOS, 2002) e podem ser definidos como agregações em torno de interesses comuns dos usuários da rede social, bem como de discussões públicas; são páginas virtuais formadas para veicular informações sobre determinados

assuntos que os usuários podem se identificar ou não. Podemos pensar, portanto, que as comunidades virtuais são conjuntos de sujeitos sociais em suas relações que – através da interação social em um determinado espaço virtual, em um determinado tempo histórico – constituem laços de identificação. No entanto, não se pode esquecer que essas comunidades virtuais são estruturas dinâmicas que fazem parte de redes sociais, também dinâmicas, que estão em constante transformação. Ou seja, uma comunidade virtual que trata de um determinado assunto, ao longo do tempo, pode agregar novos assuntos, novas discussões em sua página.

Segundo Lévy (1999), a construção de uma comunidade virtual ocorre por meio das afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais. O autor ressalta também que a comunicação mediada pelas redes de computadores não substitui pura e simplesmente os encontros físicos, mas sim, na maior parte das vezes, é um complemento ou um adicional. A moral que está implícita nas comunidades virtuais é em geral da reciprocidade. Se aprendermos algo lendo as trocas de mensagens, é preciso também repassar os conhecimentos de que se dispõem quando uma pergunta formulada *on-line* os torna úteis. A recompensa vem, portanto, da reputação de competência que é constituída a longo prazo na “opinião pública” da comunidade virtual, ou seja, de seus usuários. Ataques pessoais ou argumentações pejorativas que firam a nacionalidade, o sexo, a idade, a profissão etc. em geral não são permitidas pelos administradores das comunidades. Os que fazem isso serão excluídos da comunidade por esses administradores.

A vida de uma comunidade virtual raramente transcorre sem conflitos, que podem exprimir-se de forma bastante agressiva nos discursos e nas opiniões entre seus membros. Por outro lado, afinidades, alianças intelectuais, até mesmo amizades podem desenvolver-se nos grupos de discussões, como entre pessoas que se encontram regularmente para conversar. Para os participantes das comunidades virtuais, os outros membros que delas participam são os mais humanos possíveis, visto que “[...] seu estilo de escrita, suas zonas de competências, suas eventuais tomadas de posição obviamente deixam transparecer suas personalidades”. (LÉVY, 1999, p. 129).

A grande maioria das comunidades virtuais estrutura a expressão assinada de seus membros frente a leitores capazes de responder a outros leitores atentos. Dessa forma, como já foi dito, as comunidades virtuais exploram novas formas de opinião pública. Segundo Lévy, a esfera do debate público surgiu na Europa durante o século

XVIII, graças ao apoio técnico da imprensa e dos jornais. No século XX, o rádio (sobretudo nos anos 30 e 40) e a televisão (a partir dos anos 60) ao mesmo tempo deslocaram, amplificaram e confiscaram o exercício da opinião pública. Diante disso, Lévy (1999) propõe para o debate coletivo uma nova transformação, uma nova complicação na noção de “público”, um campo de prática mais aberto, mais participativo que aqueles das mídias clássicas.

A cibercultura é a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre *links* territoriais, nem sobre relações institucionais, tampouco sobre relações de poder, mas sobre a reunião de centros de interesses comuns sobre o jogo, sobre compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem coletiva. Enfim, para o autor, “o apetite para as comunidades virtuais encontra um ideal de relação humana desterritorializada, transversal, livre. As comunidades virtuais são os motores, os atores, a vida diversa e surpreendente do universal por contato”. (LÉVY, 1999, p. 130).

2.5. A rede social *Facebook*

O *Facebook* (originalmente, *thefacebook*) foi um sistema criado pelo americano Mark Zuckerberg enquanto este era aluno da Universidade de Harvard. Sua ideia inicial era criar uma plataforma virtual que pudesse ser usada por alunos que estavam saindo do secundário (*High School*, nos Estados Unidos) e por aqueles que estavam entrando da universidade. Lançado em 2004, o *Facebook* é hoje um dos sistemas com maior base de usuários no mundo. (RECUERO, 2011).

O *Facebook* funciona por meio da criação de perfis e comunidades virtuais por parte de seus usuários. Em cada perfil, é possível acrescentar módulos de aplicativos (jogos, ferramentas, grupos etc.) O sistema é muitas vezes percebido como mais privado que outros sites de redes sociais, pois apenas usuários que fazem parte da mesma rede podem ver o perfil uns dos outros. Como participantes da rede, os usuários podem adicionar a seus perfis fotos e outras informações pessoais como: local onde trabalham; local onde estudam; local onde moram; local de nascimento, filmes, programas de TV, bandas e músicas favoritas; *status* de relacionamento (solteiro (a), casado (a), namorando, noivo (a) etc.), entre outras informações.

Ao utilizarem a rede social, os usuários do *Facebook* podem também compartilhar e comentar mensagens/textos/fotos/links (de forma pública ou privada) com seus amigos virtuais; podem utilizar os aplicativos oferecidos pela rede; podem

criar ou participar de eventos públicos. Os membros da rede ainda podem participar de grupos, páginas ou comunidades de interesse comum de outros utilizadores da rede social, organizados por administradores da rede; podem categorizar seus amigos em listas como “as pessoas do trabalho”, “conhecidos”, “amigos íntimos” ou “familiares”. O *site*, além de aproximar amigos e os amigos dos amigos, propicia associações entre usuários que não pertencem à mesma rede de amigos, mas partilham afinidades comuns, o que cria redes cada vez mais complexas de serem identificadas. (PINHEIRO, 2008). Os usuários constroem seus perfis indicando suas preferências, gostos, hábitos, estilos, por meio do compartilhamento de mensagens. Uma multidão de perfis se desloca na rede atravessando as barreiras geográficas, de gênero, classe social e etnia.

A visualização de dados detalhados dos usuários do *Facebook* é restrita para membros de uma mesma comunidade/página, grupo ou amigos confirmados. Os usuários postam, compartilham e comentam as mensagens adicionadas pelas comunidades ou pelos próprios usuários; são compartilhamentos ou postagens que revelam seus estados de espírito, suas preferências e identificações com bens culturais ou valores ideológicos constituídos pela interação entre os usuários da rede. As atividades de circulação de textos pela rede tornam cada vez mais complexas estas relações entre usuários, constituídos por uma pluralidade de preferências e estilos (PINHEIRO, 2008).

No seu artigo, “A linguagem no Facebook” (2013), Carvalho e Kramer destacam que, na rede social, as pessoas agrupam-se de acordo com interesses em comum dos sujeitos inscritos. Elas configuram-se como um local em que essas e outras vertentes das representações identitárias convergem. Nelas veicula-se aquilo que se é, ou aquilo que se almeja ser. É um espaço de constituição de sujeitos. Um local em que aqueles que se identificam unem-se sob a ótica do pertencimento. Considera-se que nesse ambiente virtual é possível se autodescrever, compartilhar/curtir links e páginas, comentar e utilizar dispositivos para aprimorar e para regular a exposição dos participantes. As postagens de qualquer perfil no *Facebook* trazem, na interface, a possibilidade do acréscimo de comentários, de compartilhamentos da informação para amigos da rede do ato de “curtir”. “Curtir” significa indicar a aprovação de algum conteúdo divulgado, seja por perfis pessoais ou institucionais. (CARVALHO; KRAMER, 2013). O ato de curtir, compartilhar e comentar determinado assunto no *Facebook* estabelece uma relação de identificação entre o usuário e a postagem escolhida, ou seja, uma relação em que o usuário partilha dos mesmos valores contidos

nas postagens. Todas essas ferramentas e aplicativos oferecidos pelo *Facebook* sugerem a existência de uma modalidade de interação específica bem como têm implicações na exposição de valores históricos, sociais e ideológicos dos usuários da rede social.

Uma característica da rede social *Facebook*, é a *fan page*, que são diversas páginas que a rede social apresenta e traz diversos assuntos como pauta. A página “Dilma Bolada”, nosso *corpus* de análise, é umas dessas *fan pages* e pode ser enquadrada no quesito de humor e entretenimento. Uma das razões da escolha da página está na riqueza e na qualidade discursiva que as postagens veiculam, possibilitando análises e reflexões que contribuem enormemente para o entendimento do funcionamento da página.

2.6. As postagens do *Facebook* da página de humor “Dilma Bolada”: apresentando o *corpus* de análise

A página do *Facebook* “Dilma Bolada” é constituída por postagens que são compostas em sua maioria por textos verbais e não verbais (fotos, charges e montagens). Ela é alimentada diariamente por essas postagens pelo seu administrador e criador Jeferson Monteiro abordando, em sua maioria, assuntos que relacionam o universo do entretenimento (o meio das celebridades) com a esfera política. As postagens se apresentam na forma de humor em que a personagem Dilma Bolada, uma sátira da presidente Dilma, ironiza, zomba e parodia algumas situações que ocorreram no ano de 2014 do mundo do entretenimento e no universo político. A sátira da presidente Dilma tem um estilo próprio e peculiar, um estilo zombateiro, debochado e irônico; utiliza muitas vezes a linguagem informal, o que a torna mais popular entre os usuários da rede.

O *corpus* de análise do trabalho é composto por onze postagens, retiradas da página “Dilma Bolada” do *Facebook* que segue a linha do o humor, humor esse, como já foi dito, que se estabelece nas postagens de forma crítica, irônica, paródica ou satírica. Ela foi selecionada a partir de uma votação promovida pela revista virtual Bula entre seus leitores. Esses leitores escolheram as vinte melhores páginas do *Facebook* no ano de 2013. Dentre essas vinte, como já dissemos, selecionamos a página “Dilma Bolada” que aborda nas suas postagens assuntos/temas ligados a política e ao mundo do entretenimento, todos sempre tratados pelo viés do humor.

Na página analisada coletamos onze postagens, no mês de janeiro do ano de 2014. Segundo seu criador, a página “Dilma Bolada”, assim denominada por ele, surgiu

primeiramente no *Twitter*, logo após o fim das eleições presidenciais de 2010. Do *Twitter* acabou migrando para outras redes sociais como o *Facebook* e o *Instagram*. Por um tempo esquecida, ela voltou com grande força em 2011 acompanhando o dia a dia, os fatos e acontecimentos cotidianos da presidente Dilma. Como consta na página, “Dilma Bolada” conta, atualmente, com mais de um milhão de seguidores, tendo grande destaque e popularidade na rede social *Facebook*, o que já lhe concedeu até alguns prêmios internacionais. Segundo informações retiradas da página, “Dilma Bolada” venceu prêmios como o youPIX por 2 anos consecutivos (2011- 2012) e do Shorty Awards, o Oscar do *Twitter*, em março 2012. No mesmo ano, o personagem “Dilma Bolada” foi eleito Melhor *fake* (falso) do Mundo e em outubro de 2013 foi novamente eleito pela revista americana *Forbes* como um dos mais influentes do *Facebook*.

O nome da página, o nome “Dilma Bolada” tem origem popular. Na gíria carioca, o termo “bolado” é usado para descrever uma pessoa desconfiada, receosa. Esse dado é importante para entendermos a constituição da personagem por parte de eu autor criador. A expressão tem origem no mundo do *funk*⁶ e é utilizada por quem frequenta bailes *funks* e pelos próprios Mc’s nas letras das canções de *funk*. É importante salientar que o *funk* não se restringe somente ao estado do Rio de Janeiro. Existe o *funk* de São Paulo, por exemplo, o chamado *funk* ostentação ou *funk* paulista, que trata de temas referentes ao status social, incluindo elementos característicos dos *rappers* americanos. Suas letras expressam temas de ostentação, signos sociais tais como: dinheiro, poder, luxo, roupas de grifes, mulheres, bebidas etc.

Na página, Dilma Bolada é descrita como “Sou linda, sou diva, sou Presidenta. Sou Dilma!”. Segundo informações que constam na própria página, seu criador informa que Dilma Bolada é um personagem fictício criado com o intuito de entreter de forma humorística seus seguidores e admiradores da página. Desta forma, afirma que não há nenhuma ligação de forma direta ou indireta com a Presidente da República Dilma V. Rousseff, bem como sua equipe ou qualquer(s) outro(s) membro(s) do Governo Federal

⁶ O *funk* é um gênero musical que foi inventado por negros norte-americanos, chegando à periferia e as favelas do Rio de Janeiro nos anos 70. Estilo musical animava festas na cidade que eram frequentadas por jovens que pertenciam a camada mais pobre da população. Embora hoje o circuito *funk* carioca seja uma manifestação cultural predominantemente suburbana, os primeiros bailes *funks* foram realizados na Zona Sul do Rio de Janeiro. O *funk* teve a influência de outros gêneros musicais, como o *rapper*, o *break* e o *sample*, que retratam a vida no subúrbio carioca, e também de onde nasceram diversas vertentes desse gênero musical, vertentes como o *funk melody* ou *charm* e *funk proibidão*, por exemplo. (VIANNA, 1990).

deste país, embora tenha sido publicada uma reportagem em julho dizendo que Monteiro teria sido convidado a trabalhar como consultor da campanha de Dilma este ano⁷.

Em sua página no *Facebook*, a personagem Dilma Bolada atua em todas as postagens como se fosse mesmo a presidente Dilma, já que ela usa a primeira pessoa em quase todos os textos analisados. No *Facebook*, a página é classificada na categoria humorística por meio de um personagem criado a partir da sátira de uma figura pública obedecendo às regras do site, que não permite ofensas à figura pública da presidente Dilma Rousseff.

Como consta no site, o autor da página afirma que todas as referências externas, imagens e/ou vídeos utilizadas/publicados são retiradas da *Internet*. Ratifica ainda que todo o conteúdo escrito por meio de postagens públicas, mensagens, legendas de fotos e comentários passados e postados na página “Dilma Bolada” é criado pelo autor e caracteriza uma obra de ficção.

⁷ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/178294-criador-da-dilma-bolada-reativa-perfil-e-se-torna-consultor-do-pt.shtml> (Acessado em Out de 2014).

3. ANÁLISE DAS POSTAGENS DE FACEBOOK

Neste capítulo, nos deteremos em analisar as onze postagens retiradas do *corpus* de pesquisa que, como já foi dito, foram classificadas em três grupos de acordo com suas características discursivas: no primeiro grupo destacamos as postagens que apresentam semelhanças com o gênero charge, pois fazem comparações, paródias e sátiras entre acontecimentos e fatos da esfera política com acontecimentos e fatos do mundo do entretenimento e das celebridades. No segundo grupo temos as postagens, que tratam de histórias e acontecimentos narrados pela personagem Dilma Bolada de maneira irreverente e criativa. Já no terceiro grupo encontram-se as postagens que se concretizam como textos não verbais, fotos ou montagens da presidenta Dilma em momentos de lazer (como, por exemplo, caminhando e nadando), ou em momentos mais formais de encontros com aliados políticos.

Nos três primeiros tópicos, 3.1, 3.2 e 3.3, seguem nossos apontamentos e reflexões acerca das análises das postagens. Em seguida, no tópico 3.4, faremos um uma relação entre os três grupos analisados.

3.1. Primeiro grupo de postagens





Dilma Bolada
EM 2014, O RITMO É ESSE...

Desejo a toda tucanada vida longa ♪
Pra que eles vejam cada dia mais nossa vitória
Bateu de frente é Bolsa Família, mais empregos e esperança ♪
Aqui dois papos não se cria e não faz história

Creio no povo ele é o meu escudo
Late mais alto, do Planalto eu não te escuto ♪
Do Alvorada quase não dá pra te ver
Tá rachando a cara na balada em Jurerê ♪

Não sou covarde, já tô pronta pro combate ♪
Keep Calm e deixa de recalque
O meu sensor de coxinha explodiu ♪
Pega sua inveja e vai pra... (RALA TUCANADA!)

Beijinho no ombro pro recalque passar longe ♪
Beijinho no ombro só pra tucanada de plantão
Beijinho no ombro só quem fecha com o bonde ♪
Beijinho no ombro para toda oposição

BRASIL, PAÍS RICO É PAÍS SEM RECALQUE!!!

#RainhaDaNação #DivaDoPovo #SoberanaDasAméricas #Dilmais
#PapelDeParede #Dilmusa #DivasUnidas #AParteDeJurerêÉIndiretaPr
oNever #RALATUCANADA

Postagem 1

Na análise do primeiro grupo das postagens (textos verbais e não verbais, que poderíamos caracterizar como charges em que o criador da personagem dá voz a Dilma Bolada) podemos perceber que os enunciados se colocam de maneira bem humorada e criativa, já que são construídos como uma espécie de charge tendo por objetivo satirizar, ironizar, criticar e parodiar partidos de oposição ao governo Dilma, bem como seus representantes. Como exemplo, apresentamos uma postagem que faz uma relação direta entre a imagem da presidente Dilma com a canção “Beijinho no ombro” da cantora carioca Valesca Popozuda, canção bastante comentada nas redes sociais por ser uma das mais tocadas pelas rádios do país no começo do ano de 2014.

A mensagem traz uma montagem. À direita, a personagem Dilma Bolada - de vestido vermelho, a mesma cor que simboliza o PT, partido que a presidente Dilma representa. É importante destacar que nas postagens Dilma Bolada apropria-se de certas características da presidente Dilma. Aqui, ela utiliza um *tailleur*⁸ vermelho, mesma

⁸ Conjunto feminino de saia e paletó. “O *tailleur* surgiu por volta do século XII onde os casacos e saias compridas eram utilizados como trajes de equitação e possuía tecidos grossos que exigiam mãos masculinas para a sua confecção. Foi daí que surgiu o nome “*tailleur*” que em francês significa

vestimenta bastante utilizada pela presidente - aparece sentada em um trono real batendo palmas como uma espécie de reverência ao universo *funk*, universo que nessa postagem, ela faz parte, já que está deslocada da sua posição de chefe de Estado. Fazemos tal constatação pela presença da imagem da cantora de *funk* Valesca Popozuda, que aparece, em pé, atrás da imagem da presidenta. Aos pés de Dilma Bolada aparece também a imagem de um tigre. Segundo consta no *Dicionário de Símbolos* de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (1986), a figura do tigre simboliza na Ásia Oriental o “poder” a “força”, a “coragem”, a “beleza”, a “independência”, a “inteligência”, a “liberdade”, a “astúcia”, a “perspicácia” e a “confiança”. (CHEVALIER/GHEEBRANT, 1886, p. 995-996). Portanto, essas representações retiradas do Dicionário de Símbolos reforçam a representação da força dessas duas mulheres, cada uma em uma esfera de atividade. Embora, na imagem, a personagem Dilma Bolada esteja deslocada do seu universo de atuação (a política), pode-se dizer que a simbologia do tigre reforça o seu papel no Governo do país, papel de uma mulher que tem “poder”, “força”, “astúcia” e “perspicácia” para tomar suas decisões. De outra maneira, na imagem, o tigre ao lado da figura da funkeira Valesca Popozuda também reforça a ideia presente no *funk* ostentação que apresenta temas em suas canções que expõem status sociais como o “poder”, o “luxo” e o “dinheiro” (FREIRE, 2012). Tal representação também aparece no clipe oficial da cantora⁹, como podemos ver nas imagens abaixo:

exatamente “alfaiate”, que por definição é sempre um homem”. Disponível em: <http://sejamoschiques.blogspot.com.br/2012/04/o-que-e-tailleur.html> (Acesso em 22 de Nov de 2014).

⁹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=73sbW7gjBeo> (Acesso em 22 de Nov de 2014).



Imagem 1¹⁰



Imagem 2¹¹

¹⁰ Imagem retirada do canal de vídeos *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=73sbW7gjBeo> (Acesso em 22 de Nov de 2014).

¹¹ *Idem* nota 11

Além da influência do *funk* ostentação nas suas canções, podemos dizer que Valesca também construiu com os passar dos anos um estilo musical mostra a rivalidade feminina no *funk*, uma disputa pelo poder para ver quem é a mais “diva”, a mais “glamurosa”, a mais “poderosa” no mundo *funk*. A rival é denominada de “inimiga”, de “recalcada”, pois tem inveja da beleza e do poder da outra com quem rivaliza.

Em perspectiva bahktiniana, o “poder” e a “força” são “signos ideológicos” representados pelo tigre. Sobre isso, trazemos uma reflexão de Bakhtin que diz que: “Cada signo ideológico não é apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1999, p. 33). Isto é, todas essas características que o tigre simboliza nas imagens acima, são apenas fragmentos, valores ideológicos que se materializam na figura do tigre.

Ainda na postagem, podemos observar também à esquerda da mensagem duas frases, em caixa alta, com os seguintes enunciados; “beijinho no ombro pro recalque passar longe”, “beijinho no ombro só pra tucanada de plantão ...”. O texto verbal que aparece na imagem é um trecho da canção que aparece logo abaixo.

Utilizando, portanto, o nosso conhecimento dos principais assuntos que circularam no período da publicação da postagem na página de humor, notamos que a canção é uma paródia da música canção “Beijinho no ombro” da cantora Valesca Popozuda:

Desejo a todas inimigas vida longa
Pra que elas vejam cada dia mais nossa vitória
Bateu de frente é só tiro, porrada e bomba
Aqui dois papos não se cria e não faz história

Acredito em Deus faço ele de escudo
Late mais alto que daqui eu não te escuto
Do camarote quase não dá pra te ver
Tá rachando a cara, tá querendo aparecer

Não sou covarde, já tô pronta pro combate
Keep Calm e deixa de recalque
O meu sensor de perigete explodiu
Pega sua Inveja e vai pra... (Rala sua Mandada)

Beijinho no ombro pro recalque passar longe
Beijinho no ombro só pras invejosas de plantão
Beijinho no ombro só quem fecha com o bonde
Beijinho no ombro só quem tem disposição

Desejo a todas inimigas vida longa
Pra que elas vejam cada dia mais nossa vitória
Bateu de frente é só tiro, porrada e bomba
Aqui dois papos não se cria e não faz história

Acredito em Deus faço ele de escudo
Late mais alto que daqui eu não te escuto
Do camarote quase não dá pra te ver
Tá rachando a cara, tá querendo aparecer

Não sou covarde, já tô pronta pro combate
Keep Calm e deixa de recalque
O meu sensor de perigete explodiu
Pega sua Inveja e vai pra... (Rala sua Mandada)

Beijinho no ombro pro recalque passar longe
Beijinho no ombro só pras invejosas de plantão
Beijinho no ombro só quem fecha com o bonde
Beijinho no ombro só quem tem disposição
(Fonte: Site música.com.br¹²)

Utilizando os estudos de Sant'Anna (2003), percebemos que a canção que aparece da postagem se trata de uma “paródia formal”, visto que há alterações apenas de algumas partes da canção original. A paródia de “Beijinho no ombro” ganha um novo significado em relação à letra original. Notamos que há uma mudança significativa nos termos utilizados na letra parodiada em relação à letra original. Por exemplo, trecho “Bateu de frente é Bolsa Família, mais empregos e esperança” é modificado em relação ao trecho original em que aparece “Bateu de frente é só tiro, porrada e bomba”. No primeiro, observa-se a presença de termos que circulam na esfera política, mais especificamente na esfera em que o governo Dilma atua, pois cita programas de governo como o “Balsa Família¹³”, metas de governo como “mais empregos” e a “esperança” de que as coisas vão melhorar no país com a implementação desse benefícios. Já no trecho original da canção, vemos termos como “tiro”, “porrada” e “bomba”, que são encontrados no vocabulário popular por circularem na esfera policial, pois são termos que têm essa denotação violenta de guerra. Porém, no universo do mundo da música

¹² Link disponível em: <http://musica.com.br/artistas/valesca-popozuda.html> (Acesso em 8 de Nov de 2014).

¹³ O Bolsa Família (PBF) é um programa de governo de transferência direta de renda com condicionalidades, que beneficia famílias em situação de pobreza (com renda mensal por pessoa de R\$ 70 a R\$ 140) e extrema pobreza (com renda mensal por pessoa de até R\$ 70). Disponível em: <http://www.mds.gov.br/bolsafamilia> (Acesso em 10 de Set de 2014).

funk, esses termos são ressignificados. Incorporados por universo musical esses termos ganham um sentido de “embate”, de “disputa” de “enfrentamento” de duas mulheres no *funk* : 1º) o sujeito lírico da canção que canta a força e a audácia dessa mulher. 2º) o sujeito para qual esse sujeito lírico se dirige e se refere, as “inimigas” as “recalcadas”, ou seja, suas rivais nesse universo do *funk*. No entanto, na música *funk* não há somente essa rivalidade feminina, há também uma disputa entre gangues rivais nas baladas, que por meio das canções e das danças disputam poder, o poder territorial. De outra maneira, se essas palavras forem incorporados pela esfera política, outro espaço que dialoga diretamente com a postagem, podemos pensar que “tiro”, “porrada” e “bomba” denotam uma disputa entre situação (governo do PT, governo Dilma) e oposição (PSDB, que na letra da canção é chamada de “tucanada” e “coxinha”). Aqui, portanto, há uma outra disputa de poder, o poder político. Percebemos, então, que essas três palavras da canção mobilizam valores ideológicos, ao dialogar com esferas de atividades e gêneros discursivos em seu determinado contexto de produção.

Na análise da paródia, notamos a presença de outros vocábulos que acabam por modificar o sentido original da letra da canção, como, por exemplo, na segunda estrofe das duas canções: “Creio no povo ele é meu escudo/Late mais alto do Planalto eu não te escuto/ Do Alvorada quase não dá para te vê/Tá rachando a cara na balada em Jurerê”; “Acredito em Deus faço ele de escudo/Late mais alto que daqui eu não te escuto/Do camarote quase não dá pra te ver/Tá rachando a cara, tá querendo aparecer”. Esses vocábulos em destaque ressignificam o sentido original da letra, já que nomeiam coisas, ambientes ou lugares que estão presentes na esfera política, como, por exemplo. “Planalto”, “Alvorada” e “povo”, ou mesmo que remetem a acontecimento da vida privada de algum político da oposição (PSDB), como, por exemplo, “balada em Jurerê”, que se refere às noitadas do então candidato a presidência na época, Aécio Neves.

Embora nas duas canções o deboche e a zombaria estejam presentes, elas se referem a sujeitos e as esferas de atividade diferentes. Na letra de Valesca Popozuda, o “eu” feminino que canta dirige-se a outras mulheres, que são qualificadas como “inimigas”, “invejosas” e “recalcadas”. Em tom de deboche, ela se coloca sempre numa posição superior em relação à suas interlocutoras com as quais rivaliza. Esse “eu” feminino cantado por Valesca revela uma mulher poderosa, disposta a enfrentar qualquer pessoa e qualquer dificuldade. Aqui, os “inimigos” são as invejosas e as recalcadas.

Na letra parodiada, o autor dá voz à personagem Dilma Bolada para que ela assuma o “eu” da cantora. Diferentemente da canção de Valesca, na paródia ela dirige-se a outros sujeitos, dirige-se especificamente a “oposição”, representada pelos políticos do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) a quem denomina jocosamente também de “tucanada”, em razão do símbolo do partido ser um tucano. Assim como na letra original de “Beijinho no ombro”, na letra parodiada por Dilma Bolada também se coloca numa posição superior a seus opositores, porém o faz em um contexto em que há um embate de valores e de conquistas políticas, visto que ela exalta os feitos de seu governo, como revela o seguinte enunciado: “Desejo a toda tucanada vida longa/ Pra que eles vejam cada dia mais nossa vitória/ Bateu de frente é Bolsa Família, mais empregos e esperança”. Ou seja, trata-se de um discurso pró Dilma, que exalta os feitos e medidas de seu governo.

Em perspectiva bakhtiniana, verifica-se que a paródia da letra de “Beijinho no ombro” é uma resposta cômica e debochada à oposição, ou seja, à “tucanada”. É uma resposta às críticas que o governo Dilma sofreu/sofre ao longo do seu mandato. Tais críticas são rebatidas justamente com a denominação de alguns feitos do governo Dilma: Bolsa Família e mais empregos para a população. A letra ressalta também que o governo Dilma tem o apoio da população (de seus eleitores); tem o povo como proteção contra a oposição, pois foi ele que por meio do voto a elegeu: “Creio no povo ele é o meu escudo”. Provoca e zomba do fato de estar no poder e a oposição não: “Late mais alto, do Planalto eu não te escuto. Do Alvorada quase não dá pra te ver”.

Na postagem, a imagem da personagem Dilma Bolada é qualificada, como uma “rainha da nação”, como uma “diva do povo”, uma “soberana das América” (termos que aparecem nas *hashtags*¹⁴ abaixo da letra da canção parodiada), como um ser superior que detém total poder sobre seus “súditos” (povo). É assim que podemos qualificar os eleitores de Dilma Bolada, já que ela é caracterizada nas *tags* como a rainha maior da nação. Embora saibamos que Dilma Bolada é uma sátira humorística da presidente Dilma, podemos considerar essa colocação contraditória, ao traçarmos uma comparação

¹⁴ *Hashtag* é uma palavra-chave bastante utilizada nas redes sociais, principalmente no *Twitter*. É representada pelo sinal “#”. Ela também é uma forma de criar microtextos funcionando como uma etiqueta, que classifica a mensagem dentro de macrotextos específicos. Essencialmente, ela faz com que o conteúdo do seu post seja acessível a todas as pessoas com interesses semelhantes, mesmo que eles não sejam seus seguidores ou fãs. Assumindo que o seu perfil nas redes sociais seja público, usar *hashtags* faz com que as suas mensagens sejam visíveis para qualquer um que compartilhe o seu interesse. (RECUERO, 2012, p. 110).

com a figura pública da presidente Dilma, pois o povo que elegeu a presidente, que sustenta seu governo é caracterizado indiretamente na postagem como “súdito” como “servo” de seu governo. Tais qualificações mostram uma consolidação e um fortalecimento da imagem de Dilma como Chefe de Estado por parte de seu autor criador.

Ao compararmos as duas letras expostas acima, tanto a canção original “Beijinho no Ombro” como a canção parodiada, percebemos que há um destaque para a figura da mulher, mais especificamente para o poder que ela exerce em cada contexto em que está inserida. A canção original ressalta o poder da mulher funkeira no mundo do *funk* ostentação¹⁵, uma mulher que, como diz a canção, ao ostentar luxo e glamour deixa as “inimigas” com inveja, com “recalque”. A mulher cantada na canção é uma mulher poderosa pela coragem de encarar qualquer desafio de frente, e por dominar unicamente esse ambiente do mundo do *funk*: “Bateu de frente é só tiro, porrada e bomba. Aqui dois papos não se cria e não faz história”. Já na canção parodiada, canta-se o poder da mulher na política; o poder da presidente Dilma, uma mulher que é bastante poderosa justamente por exercer o cargo máximo no poder Executivo do país; é ela que sanciona as leis e tem a palavra final em qualquer decisão do Congresso Nacional. Essa mulher habita o Palácio da Alvorada, e está constantemente em atrito com a oposição “tucanada”.

Com a paródia da canção “Beijinho no ombro”, notamos que o gênero musical *funk* compõe o jeito de pensar e de se portar de Dilma Bolada. Ele constitui a personagem, sua imagem de mulher poderosa do *funk*, sua identidade funkeira. O uso da linguagem coloquial e de termos do universo da música *funk* por parte de Dilma Bolada ajudam a formar essa identidade: “Late mais alto”; “Tá rachando a cara”; “beijinho no ombro”; “recalque”; “bonde” e o próprio nome da personagem “Bolada” constroem essa identificação da personagem com o *funk*, já que a palavra surgiu nesse universo. O fato da música *funk* fazer parte de uma cultura popular de grande aceitação perante ao público e que tem ampla veiculação na mídia, também ajudam a constituir o sujeito Dilma Bolada.

¹⁵ O *funk* ostentação surgiu em meados de 2011 e se disseminou através da *Internet*, especificamente através do YouTube¹⁵, os Mc’s do *funk* de ostentação se tornaram conhecidos através de seus discursos de “preços altos”: motos e carros de luxo, jóias, roupas e tênis de grife e bebidas importadas. (FREIRE, 2012).

Outro elemento muito importante para construção de uma identidade de Dilma Bolada são as *hashtags* que aparecem no final da postagem. Elas constituem o todo do enunciado e dão sentido a postagem. A função das *hashtags* na postagem é mais do que destacar determinado assunto na rede social, torná-lo visível ao leitor exaltando a imagem da presidente Dilma, figura pública que a postagem satiriza por meio da paródia. Elas constituem o sujeito Dilma popular, pois os termos que aparecem junto como sinal “#” além de circularem na esfera do cotidiano aproximam a imagem da presidente do povo: “#RainhaDaNação”, “#DivaDoPovo”, “#SoberanaDasAméricas”, “#Dilmusa. Termos como “Rainha”, “Diva”, “Soberana” e “musa” também circulam em outra esfera de atividade, a esfera do mundo *gay*. Os homossexuais costumam qualificar pessoas do sexo feminino com esses termos para elogiá-las e exaltá-las.

Com o exposto, podemos notar que a canção parodiada compara a figura da mulher no mundo do *funk* com a figura da mulher no âmbito da política. Isto é, aproxima a imagem da presidente Dilma com a imagem de uma funkeira. Percebemos também que se tratam de duas mulheres que exercem um poder diferente em ambientes distintos nas canções. Em termos bakhtinianos, são duas vozes femininas que ao se colocarem em seus enunciados expõem valores ideológicos distintos, valores que circulam em esferas de atividades distintas, cada voz com sua função em sua dada esfera específica. É essa relação entre universos e sujeitos sociais com posturas completamente distintas que gera o efeito de humor, de comicidade na postagem. Percebemos que essa aproximação de imagens, da imagem da presidente Dilma com a imagem de uma funkeira, tem uma estratégia publicitária, isto é, tem uma estratégia de *marketing* para tentar aproximar e relacionar a imagem da presidente a uma figura popular. Com isso, o autor criador da postagem e da personagem tenta construir uma imagem positiva da presidente perante o leitor da página, a fim de que ele

Utilizando os estudos bakhtinianos (2000a), observamos nas análises que existe uma forte interferência de esferas de atividade na resignificação das canções, ou seja, notamos que há a presença de certos vocabulários que circulam em dadas esferas de atividade que vão dando um novo sentido a letra da canção parodiada. Tratam-se, portanto, de uma interação, de um diálogo entre esferas de atividade diferentes, entre ideologias diferentes. A esfera de atividade do mundo do *funk*, que tem uma ideologia repleta de valores sociais como: o poder, a ostentação do luxo e do dinheiro, é atravessada na paródia pela esfera de atividade política, que por sua vez é tomada de

valores sociais, de signos linguísticos (“Planalto”, “Bolsa Família” e “tucanada”) que historicamente circulam na esfera política do país.

Percebe-se, portanto, a interação entre esferas de atividade, visto que na análise o mundo do *funk*, gênero musical sofre uma forte influência de valores de ordem política. Isso ocorre, pois, segundo Bakhtin (2000a), há uma interdependência dos gêneros. Há gêneros que transformam outros gêneros de acordo com o contexto imediato em que estão inseridos. A significação da ironia contida na canção parodiada revela uma crítica do autor criador da paródia à oposição do governo Dilma.

Assim como a postagem anterior há também em nosso *corpus* outras postagens que utilizam certos mecanismos discursivos para criticar a oposição do governo Dilma, como no exemplo abaixo:



Postagem 2

A postagem faz uma relação direta entre os governos FHC, Lula e Dilma. Para tanto, utiliza a imagem de Anitta, que, segundo informações de seu site oficial,¹⁶ é uma jovem cantora pop que surgiu no cenário musical em 2013 como uma das revelações da música *pop/teen* nacional. O enunciado verbo-visual faz uma comparação entre a evolução da imagem, da aparência física da cantora, desde o período em que ela não era

¹⁶ Disponível em: <http://anittaoficial.com.br/> (Acesso em Set de 2014).

famosa até os dias atuais e os benéficos do Bolsa Família à população brasileira ao longo dos anos. Em outras palavras, a postagem coloca a cantora como uma representação figurativa da evolução da qualidade de vida da população brasileira ao longo dos anos com o benefício que ocorreu a partir do governo Lula. A imagem retrata Anitta, na primeira foto à esquerda, antes da fama comparada ao período do governo FHC, isto é, antes da implementação do Bolsa Família. Nessa foto a imagem está mais escura; a cantora tem uma expressão fechada; seus cabelos estão ondulados e ela aparenta estar sem maquiagem. Ela tem, portanto, a aparência de uma pessoa comum. Nesse sentido, pode-se perceber que – e como a construção da postagem tenta demonstrar – a imagem da cantora nessa primeira foto é o retrato do governo FHC, descrito abaixo da foto: “sem emprego; sem luz; sem esperança”.

Na segunda foto, ao centro, tem-se o retrato da cantora, agora em uma imagem mais clara. Ela aparece sorrindo, usando brincos, maquiagem, com um decote mais volumoso à mostra. A descrição acima da foto marca o período do Governo Lula, ou seja, o período da implementação, do começo do benefício do Bolsa Família. Abaixo da foto observamos a descrição do governo Lula com o Bolsa Família: “trabalhando; luz para todos; esperança surgindo”. Como insinua o enunciado, a foto de Anitta agora mais iluminada e sorridente seria os primeiros resultados positivos da implementação do Bolsa Família. Já na última foto da postagem, à direita, percebe-se a foto da cantora com mais foco do que as duas primeiras; mais iluminada; ela aparenta estar mais bem vestida; utiliza acessórios, como pulseiras nos braços; suas roupas agora mais ousadas mostram mais as formas de seu corpo. Seu cabelo está liso; seu nariz está mais fino e a pele está mais branca. A descrição acima da foto confirma um período após a implementação do Bolsa Família durante o governo Dilma, ainda está em vigor. O governo Dilma, como consta no enunciado: “trabalha e emprega”; há um novo benefício: “minha casa minha vida”. Tudo isso proporciona melhores condições de vida para as pessoas. Por isso, pode-se considerar a cantora Anitta a representação atual do governo Dilma, e também pensando pelo lado da sátira, um retrato da presidenta Dilma Bolada: “linda, diva e poderosa”.

Como vimos na postagem, a página faz uma propaganda positiva do governo Dilma, visto que ele é colocado, por meio das imagens e dos enunciados verbais, como um governo que preocupa-se com as camadas mais baixas da sociedade à medida que proporciona o poder de consumo material (com o benefício do Bolsa Família) a parcelas da sociedade que antes não o tinham. Isso fica claro na postagem com a exemplificação

da ascensão social e ostentação da cantora Anitta ao longo dos anos. Sua imagem representa essa parcela da sociedade que antes da implementação do Bolsa Família (no governo FHC) não possuía acesso a bens de consumo porque não tinha renda e, por isso, era infeliz. Porém, com a implementação do benefício, a partir do governo Lula, essa parcela da sociedade passou a obter poder de consumo, ou seja, passou a ter renda e com isso pode ter acesso a bens materiais como, por exemplo, a casa própria, o que gera visibilidade, além de contentamento pessoal e felicidade, ou seja, uma exposição pública de um padrão de vida ideal. Essa constatação nos leva a reflexão de que a postagem defende a inclusão social dos menos favorecidos por meio de planos de governo como o Bolsa Família. Defende também o estereótipo de um “ideal de vida”, isto é, de que para ser feliz hoje em dia é preciso consumir e mostrar tal felicidade, é preciso ter uma renda fixa que possibilite o acesso e ostentação de bens materiais e imateriais.

Nesse sentido, percebemos que embora a postagem promova a igualdade social ao possibilitar a ascensão social das camadas mais baixas da sociedade que passaram a ter um poder aquisitivo de bens materiais antes inexistentes, há também a presença de um discurso de consumismo, visto que a busca por essa ascensão da classe C gera a ostentação, a vaidade exacerbada representada pela figura da Anitta. Ou seja, não foi por acaso que foi utilizado a imagem da cantora, uma personalidade que representa a música popular, o *funk* ostentação, já que na imagem final ela aparece totalmente transformada em relação à primeira. A forma como ela aparece na imagem (modificada por vários recursos estéticos: intervenção cirúrgica, cabelo, unha, cabelo e maquiagem feita, roupas da moda, entre outros acessórios) é de certa forma um reflexo da sociedade atual que exige que a mulher tenha que estar sempre bonita e apresentável para ser aceita em qualquer meio social. Trata-se, portanto, de um padrão ideal de beleza, de uma sociedade que visa à acima de tudo a valorização da imagem do belo e a exposição, ostentação extrema dessa imagem. Um exemplo disso é o surgimento de redes sociais e aplicativos que possibilitam essa exposição constante por meio de fotos e vídeos.

Embora a imagem de Dilma Bolada não apareça diretamente nessa postagem, percebemos mais uma vez a influência do *funk* na construção da identidade da personagem. A ostentação da imagem do luxo e do belo por parte da funkeira Anitta na postagem é também a representação da imagem de Dilma Bolada, pois ela é uma personagem popular que a todo o momento tem sua beleza exaltada e elogiada por seu autor criador. Na apresentação da página já vemos tal exaltação: “Sou linda, sou diva,

sou Presidenta. Sou Dilma”. Notamos aqui que a própria Dilma Bolada faz o auto-elogio, o que causa o efeito de comicidade do enunciado. ‘

Tomando os estudos bakhtinianos vemos que a postagem apresenta valores socioideológicos típicos de um discurso que segue a linha do capitalismo¹⁷, ou seja, valores contrários aqueles que historicamente sempre foram apregoados pelo PT, partido que raízes ideológicas de base socialista¹⁸. Nesse sentido, observa-se, portanto, a implementação de um novo discurso petista que ao mesmo tempo em que visa à igualdade entre classes sociais abre margem para o consumismo e a ostentação, discurso esse que já havia se iniciado no governo Lula e que agora se estende com mais força no governo Dilma.

Na análise da postagem podemos perceber que, por um lado, há uma crítica à oposição por parte do locutor da mensagem, pois, para ele, durante o governo FHC, que não havia o benefício do Bolsa Família, a expectativa de melhores condições de vida para população eram precárias. Já durante o governo Lula com a implementação do Bolsa Família e a sua posterior consolidação no governo Dilma, juntamente com a criação de outros benefícios, como o “Minha Casa Minha Vida”, essas condições aumentaram. De outro lado, se pensarmos que a postagem utiliza a imagem da cantora Anitta para comparar os dois governos, acredita-se que seu autor se utiliza de certo preconceito com a cantora, algo que revela bem o momento em que estamos vivendo: a ditadura da beleza. A comparação feita na postagem deixa claro que se a cantora não mudasse seu visual, se não fizesse intervenções estéticas e cirúrgicas no corpo (revelação feita pela própria cantora em um programa de televisão¹⁹) não faria sucesso, independentemente de ter talento ou não, pois vivemos em uma era do culto à imagem e ao corpo perfeito. Isso tudo nos faz pensar que, hoje em dia, principalmente no meio

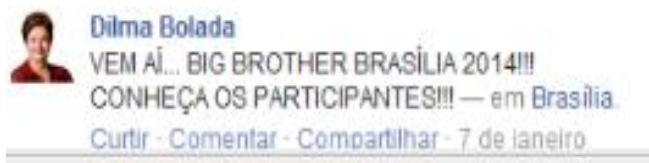
¹⁷ É uma organização econômica em que as atividades de produção e distribuição, obedecendo aos princípios da propriedade privada, da competição livre e do lucro, produzem uma divisão da sociedade em duas classes antagônicas: a dos possuidores dos meios de produção e a do proletariado industrial e rural. Fonte: Site Uol. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=capitalismo> (Acesso em Fev de 2015).

¹⁸ Que segue as doutrinas do socialismo ou é partidário deste. Doutrina que preconiza a propriedade coletiva dos meios de produção (terra e capital), e a organização de uma sociedade sem classes. Fonte: Site Uol. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=socialismo> (Acessado em Fev de 2015).

¹⁹ Fonte: Site Uol. Celebidades. Disponível em: <http://celebidades.uol.com.br/noticias/redacao/2014/03/16/anitta-conta-ter-feito-novas-plasticas-nonariz-e-nos-seios.htm> (Acesso em Jul de 2014)

artístico, no mundo das celebridades, a imagem é o cartão de visita de um artista e não seu talento. Portanto, só vai ter sucesso quem tiver uma boa aparência física e estética.

Considerando ainda a análise desse primeiro grupo de postagens, convém ressaltar que esse tipo de mensagem se destaca por estabelecer uma relação direta entre esferas de atividade. Por exemplo, na próxima postagem que analisaremos abaixo há uma relação entre a esfera de atividade televisiva e a esfera política:



Postagem 3

A postagem acima apresenta mais uma vez uma “paródia formal” (SANT’ANNA, 1985), em que o estilo do texto e os efeitos técnicos/gráficos do autor são usados como forma de zombaria e de deboche. A postagem é uma Paródia porque ao distorcer o nome do programa, do *reality show* (*Big Brother Brasil* para *Big Brother*

Brasília), relaciona-o diretamente com o mundo da política, de forma específica com as eleições que ocorreriam no Brasil em outubro de 2014. A legenda da postagem já deixa clara a paródia: “VEM AÍ... BIG BROTHER BRASÍLIA 2014!!! CONHEÇA OS PARTICIPANTES!!!”. O *Big Brother Brasil* é uma versão brasileira do *reality show Big Brother*, criada por John de Mol, cuja primeira temporada mundial foi realizada no ano 1999, na Holanda. A primeira edição do programa estreou no Brasil em Janeiro de 2002 (MINERBO, 2007). A dinâmica do programa se dá por meio do confinamento de um determinado número de participantes (a cada edição esse número varia) em uma casa cenográfica, sendo vigiados por câmeras, que estão dispostas em todos os cômodos e na área externa, 24 horas por dia, sem conexão com o mundo exterior. O programa se estrutura em torno de um suspense e da participação do público, que vota semanalmente em quem será excluído, ou melhor, em quem irá para o “paredão”. Para que o público possa votar, a atuação dos participantes no dia-a-dia do programa é decisiva. “Aparentemente, estão apenas conversando, namorando, fazendo ginástica, indo a festas. Mas nós (e eles) sabemos que estão se digladiando para eliminar os outros e vencer” (MINERBO, 2007, p. 154). O último a restar no programa será o grande campeão. E levará para casa uma grande quantia em dinheiro.

A postagem apresenta o nome de dezenove políticos que lançaram candidatura às eleições 2014, eleições que elegeriam o novo presidente, os governadores, os deputados federais e os estaduais pelo país. A “escalação” envolve políticos que tem destaque, negativo e positivo, no Executivo e no Congresso Nacional. A forma gráfica de disposição dos candidatos na postagem é uma referência direta a forma como são apresentados os participantes do *reality show Big Brother Brasil* nas chamadas na Televisão, distribuídos ao redor da tela com suas fotos e a descrição de suas idades, ocupações e a cidade de onde vêm. Para melhor pensarmos a relação entre esse programa de entretenimento e a política, é interessante refletir à luz do pensamento bakhtiniano o diálogo existente entre os acontecimentos políticos e os acontecimentos do mundo do entretenimento, visto que, em tom de humor e sátira, os acontecimentos políticos são absorvidos pelo mundo do entretenimento, em que ganham um novo significado.

Na postagem, os candidatos são tratados como “participantes” de um *reality show* que se desenrolaria em Brasília. Em Brasília, portanto, esses “participantes” serão “cobrados” pela população brasileira, assim como os telespectadores do *Big Brother Brasil* monitoram os participantes do *reality show*. Em contrapartida, diferentemente do

BBB - onde as pessoas votam para eliminar o participante que não lhe agrada - nas eleições, a população votará para eleger seu candidato escolhido. Outra semelhança dos candidatos com os participantes do BBB é que no programa, como disse Minarbo (2007), eles fazem alianças e desfazem de acordo com seus interesses. Traem, simulam, dissimulam, enfim, tentam agradar os telespectadores, assim como os candidatos, em época de campanha eleitoral, tentam agradar seus eleitores.

Como já dissemos, da mesma forma que em um *reality show*, vimos que as fotos de apresentação dos “participantes” aparecem com o nome, a cidade, o estado e a ocupação de cada candidato. Notamos que na foto de José Serra está escrito que ele tem 470 anos. Logicamente tal exagero faz parte de uma piada, que acreditamos que foi feita pelo fato do político já ter concorrido inúmeras vezes em outras eleições. Tal número faz referência, portanto, a experiência política do candidato. Vimos que alguns políticos sofrem algumas ofensas em suas descrições como no caso de Eduardo Campos (que na época da postagem ainda não havia falecido) que aparece descrito como “Governador e traíra”, por ter deixado a base do Governo Federal em setembro de 2013 fortalecendo o desejo de entrar na disputa pelo Palácio do Planalto. Marina Silva, por sua vez, aparece descrita como “Ambientalista X9”, por ter sido Ministra do Meio Ambiente no governo Lula e ter delatado alguns companheiros de partido pelo esquema de corrupção. Portanto, o termo “X9” popular que significa delator, fofoqueiro, o popular “dedo duro”. Outro que surge com uma descrição ofensiva é Aécio Neves: “Senador recalcado”, além de ter seu sobrenome modificado para “Aécio Never”. Curiosamente, Marina Silva e Aécio Neves concorreram ao cargo de presidente nas eleições deste ano. Eles foram, portanto, candidatos de oposição ao governo Dilma que tentou e conseguiu a reeleição por mais quatro anos. Diferentemente de seus opositores, Dilma aparece descrita positivamente na postagem como “linda, diva, presidenta²⁰ favorita”,

²⁰ Convém ressaltar aqui que o termo presidenta foi utilizado por Dilma durante sua campanha eleitoral, em 2010. Ela optou pela forma “presidenta” por uma estratégia do partido (PT) cujo intento foi o de tão somente reforçar o fato de que Dilma, na condição de eleita, tornaria algo até então concebido como inédito na história do país, efetivamente materializado, ou seja, a eleição de uma mulher ao cargo de Chefe de Estado. O termo também tem uma valorização no sentido de “forte”, “feminina”. Hoje em dia, só aliados de seu partido e a própria Dilma usam o termo. A imprensa em geral costuma se referir a ela como “presidente”. Fonte: Site Brasil Escola. Disponível: <http://www.brasilecola.com/gramatica/dilma-rousseffpresidente-ou-presidenta-brasil.htm> (Acesso em Set de 2014).

certamente uma alusão ao fato das pesquisas apontarem, na época, seu amplo favoritismo a reeleição.

É interessante notar também a diferença de tratamento entre os políticos nas descrições. Enquanto candidatos da oposição são descritos de forma agressiva e ofensiva, alguns aliados políticos do governo Dilma como Aloizio Mercadante (que na época da postagem era Ministro da Educação e hoje é Ministro da Casa Civil) e Manuela d'Ávila são descritos na mensagem de forma nada agressiva; aparecem na mensagem como “Ministro da Educação bigode grosso” e “Deputada Federal simpática”, respectivamente. A expressão “bigode grosso” vem do mundo do *funk*. A funkeira Mc. Marcellly lançou a música “Bigode Grosso” em 2013. O *hit* se tornou sucesso e virou um bordão popularmente utilizado.

Outra observação que notamos na postagem foi que a foto do candidato a Deputado Federal Marco Feliciano aparece propositalmente ao lado do também candidato a Deputado Federal Jean Wyllys. Para o entendimento do sentido que o autor criador Jeferson Monteiro quis mostrar com a construção da postagem o interlocutor do enunciado tem que estar ciente, ou melhor, tem que ter o conhecimento prévio de que Marco Feliciano e Jean Wyllys partilham de valores ideológicos completamente distintos onde sempre houve um forte embate entre os discursos proferidos pelos políticos na Câmara dos Deputados. Se por um lado Marco Feliciano - um dos líderes da bancada evangélica no Congresso, e também pastor evangélico - é nacionalmente conhecido por seus discursos e declarações homofóbicas na mídia, por outro lado, Jean Wyllys - que antes de ser político se tornou conhecido do grande público brasileiro quando participou da quinta edição do *Big Brother Brasil*, edição da qual se consagrou o vencedor e lá se declarou homossexual - é conhecido por lutar e defender os direitos dos homossexuais na Câmara dos Deputados.

Para melhor elucidar o que foi dito anteriormente, trazemos um acontecimento ocorrido recentemente, que analisaremos sob a ótica dialógica dos estudos de Bakhtin. No mês de junho deste ano ocorreu a já tradicional Parada LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais) na Capital paulista e com ela acontecimentos polêmicos que levaram os dois deputados a travarem um forte embate na Câmara e nas redes sociais; proferiram ofensas e acusações tomados por valores ideológicos políticos e religiosos opostos. Tudo começou quando Feliciano criticou algumas atitudes de ativistas homossexuais na parada: “Juntamente com outros nomes da bancada evangélica, na semana passada, Feliciano participou de um ato de repúdio à manifestação durante

sessão na Câmara dos Deputados com imagens supostamente do evento em São Paulo”²¹. Em resposta as declarações de Feliciano, Jean Wyllys se manifestou de maneira contrária as declarações do deputado:

Wyllys afirmou que a iniciativa de Feliciano, de mostrar as fotos de agressões feitas a símbolos cristãos é “o cúmulo da canalhice e da sordidez”, porque o pastor teria usado imagens de outros protestos e atribuído aos ativistas gays. [...]. Na sequência de seus tweets, Wyllys afirma que o pastor é incoerente e diz que a “putaria” da Parada Gay é mais decente do que a “enganação” promovida nos cultos evangélicos. (Fonte: Ouvindo Gospel 7²²)

Em réplica a resposta de Wyllys, Feliciano fez acusações polêmicas ao ativista:

Em sua página no Facebook, Feliciano publicou a “resposta a um boçal” questionando se Wyllys seria “covarde” por preferir as redes sociais a um debate frente a frente. O pastor iniciou sua resposta listando episódios controversos da carreira de Wyllys como parlamentar, e lembrou a situação em que ele se referiu a um jovem como “negro gordo”, as propostas de legalização da prostituição e da maconha, e por fim, a afirmação do ex-BBB de que “jovens negros e pobres são potencialmente perigosos”. (Fonte: Rede de Informática Universal²³)

Portanto, desse ríspido diálogo de acusações de parte a parte que apresentamos acima - de repostas e réplicas que discordam do discurso um do outro e ainda trazem à tona outras ideologias (questões étnico-raciais), além da política e religiosa que estão sendo expostas e discutidas nos enunciados citados - podemos concluir que o criador da postagem coloca a foto do, então, na época candidato a Deputado Federal Marco Feliciano ao lado do também candidato a Deputado Federal Jean Wyllys sabendo que eles são antigos desafetos na Câmara dos Deputados. Tudo isso com a intenção de polemizar uma postagem que já é polêmica por se tratar de uma paródia que relaciona o universo do entretenimento (*reality show Big Brother Brasil*) com o universo da política, ou seja, duas esferas de atividades distintas onde circulam gêneros primários e

²¹ Fonte: Site Terra. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/feliciano-lesbicas-e-gays-nao-creem-nos-ensinamentos-dele.66e8b15fd7343d96d330530e83cff3c3qjexRCRD.html> (Acesso em Jun de 2015).

²² Disponível em: <http://ouvindogospel7.com.br/jean-wyllys-diz-que-feliciano-e-canalha/> (Acesso em Jun de 2015).

²³ Disponível em: <http://rius.com.br/ultimas-noticias/item/11051-feliciano-responde-a-jean-wyllys/> (Acesso em Jun de 2015).

secundários, respectivamente. Esse embate entre Feliciano e Wyllys, que vem se estendendo há anos na Câmara dos Deputados e acaba chegando até a população pela mídia, nada mais é que um embate de valores históricos (valores religiosos que são contra a união de casais homoafetivos vs valores da liberdade sexual, defendidos pelos grupos LGBT's). Esses valores ideológicos estão presentes em diversas esferas de atividade humana, mas é na esfera política que eles são discutidos com mais veemência, lugar onde talvez um dia se possa chegar a algum entendimento em relação aos direitos de ambos os lados nesse debate.

Para conseguir o efeito cômico na paródia postada, isto é, o efeito de sentido criado a partir de tal exploração o autor conta com o reconhecimento de seus leitores, pois se esses ao lerem a postagem não reconhecerem que há uma relação direta entre um programa de entretenimento e política o efeito de sentido da paródia proposto no enunciado não se concretiza. Se esse leitor reconhecer tal relação aí sim se concretizará um “ato responsivo”, uma “compreensão responsiva ativa”, visto que ele conseqüentemente pode concordar com o enunciado e curtir a postagem, pode discordar e não curtir, e também complementar e enunciado deixando um comentário abaixo da postagem (BAKHTIN, 2000a, p. 290).

Contudo, após a análise desse primeiro grupo de postagens retiradas da página “Dilma Bolada” do *Facebook*, constatamos que a construção da materialidade discursiva desses textos se dá de forma bastante diversificada. Há um diálogo, uma interação entre os enunciados verbais e não-verbais, ou seja, entre os textos escritos e as imagens, o que acaba por constituir o sentido das postagens. Percebe-se que há nessas mensagens um embate de vozes e valores ideológicos sociais, culturais, políticos, éticos e religiosos, porém a voz que se destaca é a voz da presidente Dilma que representa o governo do PT. Essa voz rebate, retruca, responde às vozes da oposição, representadas pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso; pelo PSDB (tucanada); pela candidata, na época, à vice-presidência Marina Silva; e pelo candidato, na época, a presidente Eduardo Campos. Nesse sentido, observamos que, embora em tom de brincadeira e deboche, a personagem “Dilma Bolada” criada pelo administrador da página, Jeferson Monteiro, representa a voz do governo Dilma. Nesse sentido, podemos dizer que a página “Dilma Bolada” é uma espécie de “porta-voz” do governo federal, eu divulgador, já que, mesmo que em tom de brincadeira, seu autor criador, por meio da personagem Dilma Bolada, promove positivamente a imagem da presidente Dilma e de seu governo. Seus feitos, como o benefício do Bolsa Família, são amplamente

divulgados nas postagens, postagens essas que são utilizadas até para promover campanha política para as eleições presidenciais.

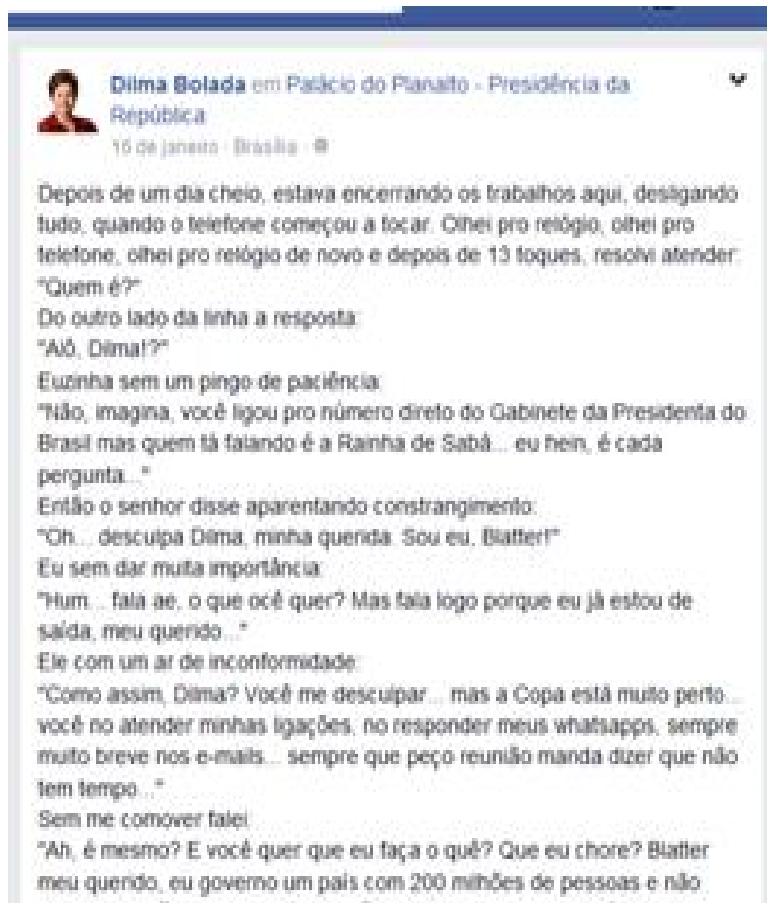
Nas postagens, há a aproximação de universos distintos, como a cultura popular (música “Beijinho no ombro”) e a esfera política, e o mundo do entretenimento (o *reality show Big Brother Brasil*) e a esfera política, o que acaba relacionado à imagem da presidente Dilma com o que é popular, com aquilo que o povo simpatiza e se identifica. Isso pode ser uma estratégia de seu autor criador para atrair mais leitores para visitar e seguir a página de humor, já que usuários da rede social *Facebook* que não gostam de política identificariam com o conteúdo das postagens.

Assim, pode-se inferir que o posicionamento do autor da personagem “Dilma Bolada” em relação à presidente Dilma e seu governo é favorável, visto que, por meio do discurso dessa personagem, não se observa nenhuma crítica ao governo Dilma, pelo contrário, os feitos e ações de seu governo foram bastante enaltecidos nos enunciados das mensagens. De outra forma, nos enunciados, a oposição é constantemente criticada, acusada de “recalcada” e “invejosa” pela presidenta Dilma Bolada.

3.2. Segundo grupo de postagens

Na análise desse segundo grupo de postagens, aquelas que caracterizamos como textos verbais, que tanto podem tratar de histórias que foram criadas pelo autor da página baseadas em acontecimentos que ocorreram na esfera política na época, como também de histórias criadas, ou seja, sem nenhuma relação com qualquer acontecimento político que ocorreu na época. Podemos verificar que seus enunciados se organizam como um relato, isto é, um gênero que se caracteriza como pequenas histórias vivenciadas pela própria pessoa que escreve, no caso das postagens, pela própria Dilma Bolada, o que revela que esses textos aparecem sempre na primeira pessoa: “eu”. Nas postagens Dilma Bolada trava uma extensa conversa bem humorada com seus interlocutores, representados por figuras públicas como chefes de Estados, Ministros, Presidentes de Instituições Internacionais bem como com personagens de filmes. Como primeira postagem (Postagem 4), temos um texto que traz a conversa da presidente - sempre chamada na página por “presidenta”, forma como Dilma prefere ser chamada - com o ex-presidente da FIFA, Joseph Blatter. O tema da conversa trata dos atrasos das obras nos estádios que sediarão a Copa do Mundo de 2014. Nessa conversa, Blatter questiona a presidente em relação aos atrasos das entregas dos estádios para a copa.

Dilma Bolada, por sua vez, responde os questionamentos do presidente sempre de forma bastante severa e irônica, o que o faz recuar em relação à suas cobranças:



Postagem 4

tem tempo..."

Sem me comover falei:

"Ah, é mesmo? E você quer que eu faça o quê? Que eu chore? Blatter meu quando, eu governo um país com 200 milhões de pessoas e não uma federação esportiva. Se eu não te atendo, certamente é porque estou fazendo coisas mais importantes!"

Ele ficou em silêncio por um breve instante e falou:

"Sim... sim, eu compreendo. Desculpe-me. Não ser minha intenção... é... é... é que... queria apenas saber se está tudo bem..."

Eu direta:

"Tá tudo ótimo! Melhor impossível, ok? E vê se da próxima vez, pense antes de abrir a sua boca pra falar besteira pra imprensa. Porque eu odeio falsidade, detesto fotoca eocê na minha frente fica com esse sorriso amarelo dizendo que o Brasil é o melhor país no mundo e não sei o que, aí chega pra imprensa e fala por trás que nunca viu país tão atrasado como o nosso. Se decida, seja homem! Se for pra falar, fala na cara!"

Do outro lado da linha ele pareceu engasgar e começou a tossir compulsivamente. Quando parou respondeu todo enrolado:

"No... no no no... isto foi um pequeno mal entendido... é que... é... no... atrasos sempre ter, é que... que preciso me acostumar... é..."

Finalizei curta e grossa:


"Não precisa se explicar não. Eu já tô é de saco cheio de você e de todo esse povo da FIFA com esse bando de frescura, achando que podem

Postagem 4



Postagem 4

A segunda postagem do grupo (Postagem 5) retirado do *corpus* relata uma conversa entre Dilma Bolada e o Ministro da Educação na época, Aloísio Mercadante. O tema da conversa é sobre o atraso da divulgação das notas no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Na conversa, Mercadante pede que a presidente lhe repasse as notas para que ele as divulgue. Ela, que detém a posse das notas pede para que o Ministro vá buscá-las no local onde se encontra: na sua casa na praia. O humor da postagem está no fato de Dilma Bolada não demonstrar ter nenhuma preocupação com a divulgação das notas do ENEM. Enquanto o ministro tem pressa em divulgar os resultados, ela se nega a enviá-las para Mercadante pela *Internet*, sugerindo que ele pegue um avião e vá buscá-las no local onde ela se encontra no momento da conversa na praia:

 **Dilma Bolada** em Praia de Inema

2 de janeiro - Salvador - @

Estava aqui de boa fazendo meu slackline quando Mercadante me interrompeu com um telefonema pra falar sobre as notas do ENEM.

Atendi:

"Soberana das Maravilhosas Terras Cortadas Pelo Grande Amazonas, quem me incomoda!"

Do outro lado da linha veio a resposta:

"Perdão, Presidenta... sou eu, Mercadante. Primeiramente, feliz ano novo, não nos falamos desde o ano passado hein... hehehe"

Já fui logo me irritando e dizendo:

"Você me ligou pra ficar falando essas paihaçadas sem graça, Mercadante!? Me poupe, meu querido! Eu estava aqui ocupadíssima. Se mancai!"

Ele ficou todo sem graça e falou:

"Não, não Majestade... me perdoe... na verdade eu estou ligando pra perguntar se por um acaso a senhora sabe onde que está aquele pen drive com as notas do ENEM que eu te emprestei naquele dia..."

Euzinha pensativa:

"Hum... aquele vermelhinho!?"

Ele esperançoso:

"SIM! SIM! Aquele mesmo!"

Euzinha:

"Ah, eu terminei de ver as notas de alguns seguidores e depois guardei na minha bolsa. Fiquei com medo de deixar na mesa, sei lá..."

Ele:

"Ah sim, que bom... e onde que está a bolsa?"

Postagem 5

mancai!"

Ele ficou todo sem graça e falou:

"Não, não Majestade... me perdoe... na verdade eu estou ligando pra perguntar se por um acaso a senhora sabe onde que está aquele pen drive com as notas do ENEM que eu te emprestei naquele dia..."

Euzinha pensativa:

"Hum... aquele vermelhinho!?"

Ele esperançoso:

"SIM! SIM! Aquele mesmo!"

Euzinha:

"Ah, eu terminei de ver as notas de alguns seguidores e depois guardei na minha bolsa. Fiquei com medo de deixar na mesa, sei lá..."

Ele:

"Ah sim, que bom... e onde que está a bolsa?"

Eu sem paciência:

"Como, onde está a bolsa?!? Está comigo uai... que pergunta..."

Ele um tanto quanto receoso:

"Mas... e o pen drive?"

Eu boladíssima:

"Meu querido, ocê bebeu? Eu já não disse que o pen drive está dentro da bolsa? Que saco!"

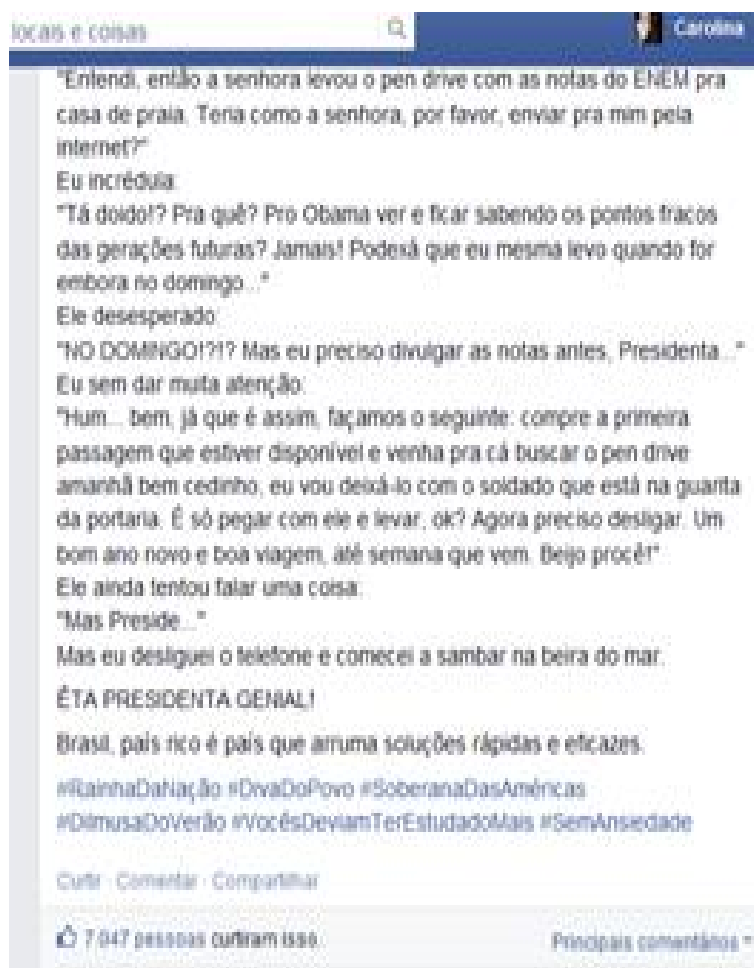
Ele:

"Entendi, então a senhora levou o pen drive com as notas do ENEM pra casa de praia. Teria como a senhora, por favor, enviar pra mim pela internet?"

Eu incrédula:

"Tá doído!? Pra quê? Pro Obama ver e ficar sabendo os pontos fracos das gerações futuras? Jamais! Podexá que eu mesma levo quando for embora no domingo..."

Postagem 5

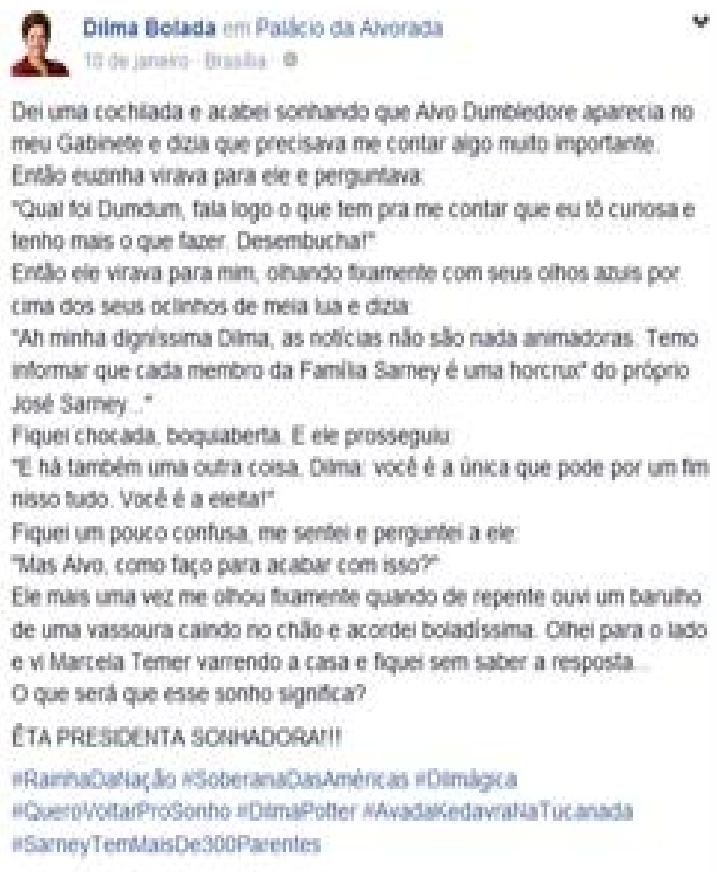


Postagem 5

Já na terceira postagem (Postagem 6), Dilma Bolada relata um sonho que teve em que recebia em seu Gabinete presidencial a visita de Alvo Dumbledore, um personagem (feiticeiro) da série livros de aventuras fantásticas *Harry Potter*, que posteriormente viraram filmes. Alvo Dumbledore é um dos personagens mais importantes da história, um dos feiticeiros mais poderosos. Nessa postagem notamos a presença de um diálogo intertextual com a obra da escritora britânica J. K. Rowling, pois o relato narrado por Dilma Bolada foi criado a partir da obra literária. No sonho, em conversa com a presidente, o feiticeiro a informa que cada membro da família Sarney é um *Horcruxes*²⁴ do próprio Sarney. Essa postagem faz uma piada com o fato de Sarney ser quase um “imortal” da vida política no país, já que há anos não fica de

²⁴ Objetos mágicos nos quais foi inserido parte da alma de alguém e, conseqüentemente, impede a morte de seu dono.

fora do cenário político do país exercendo algum cargo no governo, como também influência política:



Postagem 6

Atentamos-nos também para o fato do feiticeiro dizer que somente Dilma “é a única que pode por um fim nisso tudo”, pois ela é a “eleita”. Ou seja, ele quis dizer que ela como presidente eleita pelo voto popular e não por indicação pode dar um fim no nepotismo na política, ou seja, ele denuncia que existe essa prática na vida política do Brasil. No caso da postagem, o feiticeiro afirma que Dilma, como presidente eleita, poderia acabar com essa prática de nomeação de cargos políticos para familiares de Sarney, visto que ele sugere, por meio da brincadeira com o objeto mágico, que familiares de Sarney só ocupam cargos na política por meio da indicação de Sarney.

Podemos notar que os enunciados dessas postagens apresentam-se como textos longos que começam, nos dois primeiros exemplos, com um relato da presidente Dilma Bolada sobre suas atividades no momento em que recebe uma ligação: “Depois de um

dia cheio, estava encerrando os trabalhos aqui, desligando tudo, quando o telefone começou a tocar. Olhei pro relógio, olhei pro telefone, olhei pro relógio de novo e depois de 13 toques, resolvi atender”; “Estava aqui de boa fazendo meu *skackine* quando Mercadante me interrompeu com um telefonema pra falar sobre as notas do ENEM”.

No primeiro enunciado o humor aparece quando ela resolve atender ao telefone depois de treze toques, ou seja, uma referência clara ao número do Partido dos Trabalhadores (PT). Já no segundo enunciado a presidente diz estar praticando *skackine* no momento em que recebe a ligação de Mercadante. Esse fato inusitado provoca o riso no leitor da postagem, pois, trata-se de um esporte radical e dinâmico e que dificilmente seria praticado por uma pessoa com mais de sessenta anos e com o peso elevado, condição essa que se encontrava presidente.

Percebemos também que nesse grupo de postagens o enunciador Dilma Bolada se apresenta sempre de uma forma altiva e superior: “Atendi: Soberana das maravilhosas terras cortadas pelo grande Amazonas, quem me incomoda?”. Seu discurso é bastante debochado, irônico e, às vezes, agressivo no trato com seus interlocutores: “Dilma: ‘quem é?’. Do outro lado da linha a resposta: ‘Alô, Dilma?!’. Euzinha sem um pingão de paciência: ‘Não, imagina. Você ligou pro número direto do gabinete da presidenta do Brasil, mas quem ta falando é a Rainha de Sabá... eu heim, é cada pergunta...’”; “Você me ligou pra ficar falando essas palhaçadas sem graça, Mercadante?! Me poupe, meu querido! Eu estava aqui ocupadíssima. Se manca!”; “Qual foi Dudum, fala logo o que tem pra me contar que eu to curiosa e tenho mais o que fazer. Desembucha!”;

[...] e vê se da próxima vez pensa antes de abrir sua boca pra falar besteira pra imprensa. Porque eu odeio falsidade, detesto fofoca e ôce na minha frente fica com esse sorriso amarelo dizendo que o Brasil é o melhor país do mundo [...] aí chega pra imprensa e fala por trás que nunca viu um país tão atrasado quando o nosso. Se decida, seja homem! Se for pra falar, fala na cara.

Vimos que em todas as postagens analisadas os interlocutores que dialogam com Dilma Bolada tratam-na com grande reverência que soa muitas vezes com tom de deboche: “Ah minha digníssima Dilma [...]”; “Não, não Majestade...me perdoe [...]”; “Oh...desculpa Dilma, minha querida. Sou eu, Blatter!”; “Perdão presidenta...Sou eu, Mercadante [...]”. Por vezes, eles demonstram até um certo receio no trato com a

presidenta: “Sim...sim, eu compreendo. Desculpe-me. No ser minha intenção...é...é...é...é que...queria saber se está tudo bem...”; “No...no no no...isto foi um pequeno mal entendido...é que...é...no...atrasos sempre ter, é que...preciso me acostumar...é...”. Essas pausas entre uma palavra e outra nos enunciados mostram claramente o nervosismo desses interlocutores ao dialogarem com a presidente, já esta, como vimos em enunciados acima, mantém sempre uma postura muito ríspida e intimidadora para com eles.

Nas análises das postagens destacamos que o posicionamento do “eu” Dilma Bolada que fala nos relatos, sua postura, suas ironias e piadas diante de assuntos sérios como a divulgação das notas do ENEM e dos atrasos da entrega das obras para Copa, seu vocabulário popular e informal, com o uso de gírias acaba por descaracterizar a figura da presidente Dilma, que nesse espaço do *Facebook*, especificamente nessa página de humor perde a seriedade que todo chefe de Estado possui. Pelos diálogos de Dilma Bolada com seus interlocutores, nota-se que a imagem da presidente Dilma é rebaixada, estereotipada. Ela se apresenta como uma figura burlesca, cômica, características típicas da sátira. Em termos bakhtinianos (1993), trata-se de um processo de carnavalização que é essa cultura popular do *Facebook*. Assim como na Idade Média em que algumas pessoas se apresentavam como verdadeiros bobos da corte nas festividades de carnaval em praça pública, parodiando e satirizando determinadas situações, mesmo que essas fossem sérias, na página de humor, a personagem Dilma Bolada também se apresenta como um bufão que com sua postura cômica e debochada desconstrói esse discurso sério e altivo de um chefe de Estado em relação aos assuntos discutidos nos relatos das postagens.

Essas são as estratégias que autor criador da personagem utiliza para causar o riso nos leitores, porém nem sempre há uma aceitação, uma interpretação positiva dos leitores da página para esse tipo de humor, e o riso desses leitores, que é o objetivo maior do criador da página, pode dar lugar a aversão, a rejeição por parte deles a esse humor. Isso pode ocorrer porque muitos leitores da página que também são eleitores do PT, sujeitos para os quais esses discurso de humor é dirigido, podem não gostar de ver a imagem de Dilma ridicularizada da forma como se apresenta nessas postagens; podem achar que se trata de uma ofensa a figura pública da presidente Dilma, um desrespeito a importância que essa figura tem para no país.

Em contrapartida, também conseguimos verificar em nossas análises, especificamente na primeira postagem destacada que, embora se perceba o tom de

ironia e deboche na voz de Dilma Bolada, há também um posicionamento sério em defesa do governo Dilma como podemos ver no trecho abaixo:

[...] vou te dar um papo reto: VAI TER COPA, VAI TER A NOSSA COPA! A Copa do Brasil, a Copa das Copas. Problema tem? Tem! Vuco-vuco tem? Tem! Mas sabe que aqui tem o melhor povo do mundo? Tem! O evento é feito, sobretudo, de gente, meu querido. [...] Se quisessem estádio pronto cinco anos antes, fizesse a Copa na China. Tá em cima? Tá! Mas vai fiar tudo pronto e vai ser incrível. [...] Se tiver que ter manifestação seja política ou ambiental, de causas humanitárias, de brasileiros ou estrangeiros, vai ter, meu querido. Vai ter porque somos uma democracia sólida, firme e forte. Se tiver algum problema, vai ter, mas não abriremos mão de sermos nós por causa de vocês. Sabe por que? Porque ocêis não estão nem ai. Falam de legado só de boca porque tão pouco se lixando. Depois que acabar vão embora e a gente que se dane, não sou boba não, meu filho. Se não for a gente daqui pra se preocupar que esses 180 bilhões de lucro com a Copa venham como retorno pro o nosso país, ocêis é que não vão se preocupar né? Então. O que vocês precisam entender é que a Copa é da FIFA mas o Brasil é nosso. E a FIFA pode mandar dentro de campo, agora fora de campo quem manda é a gente.

Nota-se pelo enunciado acima que esse posicionamento de Dilma Bolada confunde-se com o posicionamento do próprio autor criador da página no site, que refletia a opinião do governo federal na época. No período das reformas e construções dos estádios no Brasil, muito se falou sobre os atrasos na entrega das obras. Foi criado um alarmismo no país com a possibilidade de não ter mais Copa devido aos atrasos nas obras. Nesse sentido, esse desabafo na voz do personagem não deixa de ser uma opinião do criador do personagem Dilma Bolada, Jeferson Monteiro, que representaria, por sua vez, o posicionamento do governo federal sobre o assunto discutido. O governo, representado pela figura pública da presidente Dilma, dizia na época que as obras iriam ser entregues a tempo no início da competição futebolística no país. Para melhor elucidação do que foi colocado, retiramos de um site um trecho da fala da presidente Dilma na época da inauguração de um dos estádios que receberiam a Copa do Mundo:

Nós estamos preparados. O governo fará todo o empenho para fazer a Copa das Copas. Isso inclui estádios, aeroportos, portos, tudo o que for necessário para que o país receba todos aqueles que vêm nos visitar. Podem vir ao Brasil. Vocês serão recebidos de braços abertos.”
(Fonte: Blog Inteligência Competitiva²⁵)

²⁵ Disponível em: <http://alfredopassos.wordpress.com/2014/01/24/dilma-diz-que-estadios-sao-obras-relativamente-simples/> (Acesso em Set de 2014).

Outra indicação de que a opinião do autor criador da personagem Dilma Bolada está, inserida no enunciado retirado da postagem é a variação no uso de algumas expressões no texto. Quando o locutor utiliza palavras de uso informal como: “Vuco-vuco”; “ocêis”; “papo reto”, “nem aí”, “pouco se lixando”, “se dane”, nota-se que a voz presente, a voz que está falando, é a voz na personagem Dilma Bolada, já que esta tem uma característica despojada e falastrona. Porém, quando o locutor utiliza construções carregadas de nacionalismo, percebe-se que a voz presente é a voz do autor criador e não mais de Dilma Bolada: “Vai ter porque somos uma democracia sólida, firme e forte. Se tiver algum problema, vai ter, mas não abriremos mão de sermos nós por causa de vocês. Sabe por que?”; “Então. O que vocês precisam entender é que a Copa é da FIFA mas o Brasil é nosso. E a FIFA pode mandar dentro de campo, agora fora de campo quem manda é a gente”. (grifo nosso). Essa mudança é perceptível justamente pela forma com que o locutor se coloca nos enunciados, enfatizando a realização da Copa no país e chamando a atenção para força do nosso país. Sobre a expressão “Sabe por que?”, pesquisamos e constatamos que, em seus pronunciamentos e discursos, a presidente Dilma utiliza frequentemente tal expressão, o que pode ser considerado um recurso que estabelece descontinuidade na fala, tanto para pensar/elaborar o que irá falar como também pode ser uma estratégia retórica para chamar atenção de seus ouvintes.

Vale ressaltar também que não é só a diferença de uso dessas expressões que apontam a presença do autor criador no enunciado já citado, mas também a ausência do uso de ironia, do tom de deboche na fala do locutor Dilma Bolada, características essas que estão presentes na sua fala em outros trechos do enunciado.

Pensando nos estudos bakhtinianos, podemos dizer que o discurso do sujeito Dilma Bolada na postagem, que representa a voz do governo Dilma, é uma resposta às cobranças e questionamentos do ex-presidente da FIFA Joseph Blatter e da oposição ao governo em relação aos atrasos na entrega dos estádios para Copa de 2014. Ela reconhece os problemas e os atrasos nas obras, mas afirma que o país está pronto para receber a Copa e essa será a melhor Copa de todas, pois o povo brasileiro será humanitário e receptivo com os estrangeiros.

Percebe-se nesse trecho também um tom mais enfático, mais incisivo, muito pelo discurso exaltado na voz de Dilma Bolada em defesa da Copa no país. Sobre isso, lembramos que Bakhtin/Voloshinov (1999a) resalta que na interação entre dois sujeitos há a negociação de signos ideológicos que estão impregnados de valores. Assim, no trecho do discurso de Dilma Bolada sua entoação está impregnada de seu juízo de valor,

do seu ponto de vista em relação ao assunto discutido, que define um posicionamento favorável ao Governo Federal por parte do criador da personagem.

Partindo da ideia que essas histórias contadas por Dilma Bolada são relatos narrados pela própria personagem em que há a presença de personagens, diálogos e trechos descritivos, o que define o gênero relato. Temos, então, a consolidação desse gênero discursivo nesse contexto digital das postagens de *Facebook*. Nos relatos, a voz que se destaca e se sobrepõe sobre as outras é a voz da personagem Dilma Bolada, que apresenta um estilo próprio de se expressar, se colocando de forma irônica, debochada, e por vezes agressiva nos enunciados: “Você me ligou pra ficar falando essas palhaçadas sem graça, Mercadante?! Me poupe, meu querido”; “Não, imagina, você ligou pro número direto do Gabinete da Presidenta do Brasil mas quem ta falando é a rainha de Sabá ... eu hein, é cada pergunta”. Em destaque nos trechos retirados das postagens temos a concretização dessa ironia na fala da personagem Dilma Bolada não tem papas na língua ao dialogar com seus interlocutores.

Portanto, com as análises do segundo grupo de postagens retiradas da página Dilma Bolada do *Facebook* verifica-se que a personagem Dilma Bolada se caracteriza em grande parte dos enunciados como um sujeito irreverente, visto que nos diálogos com seus interlocutores ela se mostra falastrona, debochada e irônica. Nas postagens apresentadas, há conversas do locutor Dilma Bolada com seus interlocutores. Porém, essas conversas podem tratar de assuntos totalmente aleatório (como no caso da terceira postagem que mostra uma conversa da presidente com o feiticeiro Alvo Dumbledore, personagem do livro *Harry Potter*) como também de assuntos que foram importantes para a esfera política na época (casos da primeira e da segunda postagem já citadas, em que Dilma Bolada conversa ao telefone com o ex-presidente da FIFA, Joseph Blatter e o Ministro da Educação, Aloísio Mercadante, respectivamente).

Os interlocutores das postagens se referem à Dilma Bolada com grande reverência, o que pode ser visto como uma ironia, como um deboche por parte desses, já que ela é tratada como uma “grande “rainha, como uma soberana: “digníssima”, “Majestade”. Utilizando os estudos de Brait (1996) sobre ironia, podemos pensar que a ironia contida na fala da personagem é uma ironia que traça o caráter dessa personagem, o que a autora chama de “ironia referencial” (BRAIT, p. 60). Ou seja, esse tipo de ironia na voz de Dilma Bolada é um traço comportamental característico da irreverência da personagem.

Observamos que a maneira como Dilma Bolada interpela seus interlocutores nas postagens não é nada amistosa, pelo contrário, é bastante ríspida e debochada e, por vezes, intimidadora, pois os coloca sempre em uma posição defensiva e amedrontada em relação à sua pessoa, o que faz se sentirem culpados e a todo o momento pedirem desculpas por incomodá-la/contrariá-la.

Pelo uso de expressões e construções verbais no discurso da personagem Dilma Bolada percebemos na segunda postagem analisada a presença clara do ponto de vista do autor da página. Ponto de vista esse que se coloca em defesa do governo federal e rebate as críticas do ex-presidente da FIFA e da posição em relação aos atrasos das obras dos estádios que sediarão a Copa do Mundo no Brasil.

Nas análises, destacamos a presença de uma ambivalência na forma de interpretar os discursos das postagens, pois ao mesmo tempo em que o sujeito Dilma Bolada é enaltecido por demonstrar uma postura debochada e irônica, e, por vezes, até ríspida e grosseira no diálogo com seus interlocutores - que revela um posicionamento favorável ao governo Dilma do autor criador da página - esse sujeito fanfarrão com tal postura acaba por expor e desconstruir a imagem séria de chefe de Estado da presidente Dilma, tornando-a ridícula. Esse tipo de humor não é algo novo no meio digital. Para um melhor entendimento do que se afirma, e também para análise do *corpus*, podemos citar o humor do canal do “Parafernália” do *YouTube*, que posta vídeos em que o humorista Gustavo Mendes satiriza a figura da presidente Dilma, como podemos ver pelas imagens retiradas do canal:



Imagem 3²⁶

²⁶ Imagem retirada do canal de vídeos “Parafernália” do Youtube. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=_r_uHmpBgpE (Acesso em 24 de Mar de 2015)



Imagem 4²⁷

Nesse vídeo, o humorista encarna a presidente Dilma usando vestimentas parecidas com as que ela usa (*tailleur* vermelho), o penteado e a impostação da voz também lembram a presidente. Nesse vídeo específico denominado “Dilma Copa do Mundo” a personagem de Gustavo fala ao telefone com o ex-jogador de futebol Ronaldo Nazário. O vídeo se insere no contexto da Copa do Mundo de 2014 no Brasil. Ela está ao telefone discutindo com Ronaldo, pois ele em entrevista havia criticado os atrasos na entrega dos estádios que sediarão a Copa ao dizer: “Me sinto envergonhado” (Fonte: Revista Veja²⁸). A Dilma interpretada por Gustavo se mostra irritadíssima no vídeo. Ao dizer que ele não teve vergonha em outros momentos de sua vida, ela lembra fatos que ocorreram na vida do jogador para zombar e debochar da aparência física do jogador. Sua fala é bastante agressiva e grosseira, pois ofende diretamente Ronaldo com palavras de baixo calão e obscenidades, aliás, essa é uma das características da Dilma de Gustavo Mendes, ela faz piadas e paródias utilizando muitos xingamentos e obscenidades. Ao final da ligação, a personagem se dirige ao espectador numa espécie de pronunciamento para falar sobre os atrasos das obras nos estádios e garantindo que iria ter Copa sim. Aqui, encontramos semelhanças com uma das histórias relatadas nas postagens do segundo grupo, aquela em que Dilma Bolada fala

²⁷ *Idem* nota 27

²⁸ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/ronaldo-critica-atrasos-na-copa-me-sinto-envergonhado/> (Acesso em 24 de Mar de 2015).

ao telefone com o ex-presidente da FIFA Joseph Blatter justamente sobre os atrasos dos estádios. Ou seja, podemos estabelecer uma relação intertextual entre os dois discursos (o da Dilma Bolada, e o da Dilma satirizada por Gustavo), já que há uma referência explícita de um texto em outro.

Trazemos, portanto, para a análise desse segundo grupo de postagens esse vídeo do canal de humor para mostrar que não são somente as postagens veiculadas no *Facebook* que fazem humor, piada com a figura da presidente, outros meios fazem. Vimos semelhanças entre a Dilma satirizada no vídeo e a Dilma Bolada nas postagens desse segundo grupo. Ambas se apresentam um discurso bastante irônico, debochado, agressivo e ríspida no trato com seus interlocutores, embora acreditemos que a personagem interpretada pelo comediante no vídeo se coloque de maneira bem mais irreverente, muito por se tratar de um vídeo, lugar onde a exposição é maior. Notamos uma diferença entre os dois textos. Enquanto que nas postagens Dilma Bolada exalta os feitos do governo da presidente Dilma, no vídeo a personagem de Gustavo trata com desdém e deboche as conquistas desse governo, pois chama o Programa “Minha Casa Minha Vida” de “merda”. Ela também insinua, de maneira irônica, que teve desvios de verba na construção dos estádios, pois o povo brasileiro já está acostumado a roubar, é “o nosso jeitinho”, ela diz. Em suma, o discurso de ambas as personagens desconstrói e, em certo ponto, ridicularizam a figura séria da presidente Dilma.

A tentativa de promover o riso por meio desse humor escrachado da personagem Dilma Bolada pode ser vista por alguns leitores das postagens como um humor ácido; algo que pode ser bastante prejudicial, que agride e fere a imagem daquela que está sendo satirizada perante a sociedade: a presidente Dilma. Com isso, chegamos à conclusão que o humor contido nesse tipo de postagem só se concretizará dependendo da forma como elas serão recebidas e interpretadas por seus leitores. Alguns vão aceitar essa proposta de humor e vão rir com as postagens, já outros não vão aceitar essa proposta de humor promovida pelo autor da página e não acharão graça na maneira como a presidente Dilma está sendo apresentada. Nesse caso, o efeito de sentido dos enunciados das postagens depende da resposta de seus interlocutores a elas, ou seja, essa resposta pode ser positiva (a aceitação) ou negativa (a não aceitação do humor contido nas postagens).

3.3. Terceiro grupo de postagens

Ao analisarmos o terceiro grupo de postagens selecionadas – aquelas que se concretizam como textos não verbais (como fotos e montagens da presidente Dilma, sejam em momentos de lazer, sejam em situações inusitadas ou em encontros oficiais com aliados políticos) e também com textos verbais, pois abaixo das fotos são escritas legendas que elogiam a Dilma Bolada. Por esse fato já observamos que essas postagens são textos sincréticos, ou seja, textos compostos de foto e legenda, o que causa um efeito de sentido que os textos estão em primeira pessoa – percebemos que são imagens reais da presidente Dilma em diversas situações do seu dia-a-dia que ganham outro significado, outro status em um novo contexto, ou seja, elas são recontextualizadas no espaço em que aparecem: a página de humor “Dilma Bolada” no *Facebook*. Nesse espaço, a imagem que aparece nas postagens não é mais da figura pública da presidente Dilma, mas sim a da “Diva”, da celebridade Dilma Bolada. As imagens retratam com humor momentos de lazer, descontração e glamour da presidente, como podemos notar em algumas postagens retiradas da página:





Dilma Bolada

É uma sereia? Não. É Anfitriete? Não. É a Presidenta do Brasil encantando a todos com sua beleza, charme e desenvoltura nos mares da Bahia...

ÉTA PRESIDENTA ENCANTADORA!!!

Brasil, país rico é país com Presidenta rainha dos 7 mares.

#RainhaDaNação #DivaDoPovo #SoberanaDasAméricas
#DilmusadoVerão #RainhaDaÁguas #PresidentaPopozuda #Divando

Curtir · Comentar · Compartilhar · 4 de janeiro

Postagem 7

Fotos da linha do tempo

[Retornar ao álbum](#) · [Fotos de Dilma Bolada](#) · [Página de Dilma Bolada](#)

[Anterior](#) · [Próximo](#)



Curtir · Comentar



Dilma Bolada

Dando aquela caminhada matinal esbanjando beleza, charme, simpatia e disposição pra começar bem o dia.

Em seguida, aula de slackline e depois partiu trampol!

Brasil, país rico é país que pratica exercícios físicos regularmente.

#RainhaDaNação #DivaDoPovo #SoberanaDasAméricas #Dilmalhação
#ProjetoCarnaval2014 #BomDilma #Goodilmmorning — em Parque Da
Cidade - Brasília

Curtir · Comentar · Compartilhar · 21 de janeiro

Postagem 8

Analisando as imagens acima podemos verificar que na maioria das postagens o locutor exalta a figura de Dilma Bolada, como se nota na primeira postagem (Postagem 7): “É uma sereia? Não. É a Anfitrite? Não. É presidenta do Brasil encantando a todos com a sua beleza, charme e desenvoltura nos mares da Bahia...ÊTA PRESIDENTA ENCANTADORA!!! Brasil, país rico é país com presidenta rainha dos sete mares”. Na descrição da foto, o locutor exalta a beleza e o charme da presidente que é comparada a uma sereia, a Anfitrite, que na mitologia grega é a Desusa dos Mares, esposa de Poseidon. Na segunda postagem (Postagem 8) - em que a personagem Dilma Bolada aparece caminhando acompanhada por dois homens (que parecem ser seus seguranças) em um parque da cidade de Brasília, como está descrito na legenda abaixo da foto - também há uma exaltação da imagem da presidente: “Dando aquela caminhada matinal e esbanjando beleza, charme, simpatia e disposição pra começar bem o dia. Em seguida, aula de *slackline* e depois partiu trampo! Brasil, país rico é país que pratica exercícios físicos regularmente”. Como podemos ver no enunciado, além de se auto-elogiar, Dilma Bolada faz uma espécie de descrição do como será seu dia: após a caminhada, praticará *slackline*, esporte de equilíbrio em que o praticante tem que se equilibrar sobre uma fita de nylon, e depois vai trabalhar. Esse tipo de descrição do dia-a-dia, ou seja, seus passos, suas tarefas diárias desde o momento que acorda até dormir, é uma prática típica de celebridades que utilizam as redes sociais para expor sua vida privada.

Nessa legenda, assim como também nas outras postagens desse grupo, como também em postagens dos grupos já analisados, vimos que Dilma Bolada é caracterizada como uma rainha, como uma celebridade, ao passo que é nomeada a “Diva do Povo” a “Rainha das Nações”, “Soberana das Américas”, qualificações que se dirigem à sua pessoa e que aparecem abaixo da legenda da descrição da foto em forma de *hashtags*: “#RainhaDaNação”, “#DivaDoPovo”, “#SoberanaDasAmericas”, “#ProjetoCarnaval2014”, “#BomDilma”. Como já dissemos, as *tags* são muito utilizadas em redes sociais como atalhos de buscas por determinados assuntos, elas funcionam como palavras-chave ou termos associados a uma informação e facilitam o acesso às imagens. Elas são importante nas análises das postagens porque constituem a identidade da personagem Dilma Bolada como uma figura popular e simples aos olhos dos leitores da página, pois servem para tornar suas fotos/imagens mais comuns na rede social. Essas *tags* são utilizadas, portanto, com o intuito principal de popularizar a imagem da presidente Dilma perante os leitores da página, já que as postagens mostram imagens da presidente nas suas atividades cotidianas.

Nota-se pelas imagens das postagens 7 e 8 um retrato de uma Dilma pouco vista pela população e pela mídia, já que ela está fora de seu âmbito presidencial. Aparece, na primeira postagem, no mar, usando biquíni, com um boné na cabeça, e, na segunda postagem, aparece caminhando, com boné na cabeça e roupas mais informais do que ela costuma usar em seus compromissos oficiais. Portanto, por essas imagens, ela pode ser vista como uma pessoa comum, já que é flagrada em situações inusitadas para uma presidente da república. Por outro lado, as legendas das imagens também dão um novo status para Dilma, o status de “celebridade”, visto que é por meio desses enunciados verbais - que dão um novo sentido para as imagens - que Dilma dá lugar a Dilma Bolada. Ou seja, as legendas nos dão novas possibilidades de interpretação das imagens, pois criam um novo contexto, já que agora não é mais a Dilma que está nadando ou caminhando nas imagens, mas sim Dilma Bolada com todo seu humor e irreverência.

Nesse terceiro grupo de postagem, verificamos a personagem Dilma Bolada ainda aparece nas imagens em momentos inusitados, como na imagem abaixo:



Postagem 9

Na postagem, que parece ser uma montagem/colagem da foto de Dilma em cima da foto do Palácio do Alvorada, Dilma Bolada aparece em um momento inusitado:

comendo um pão de queijo em sua residência oficial, como descreve a legenda da foto: “Huuuuuuuum..Comendo um pãozinho de queijo no café da tarde... Brasil, país rico é país com culinária maravilhosa”. Nesse enunciado percebemos um tom narrativo que lembram uma espécie de diário, ou seja, de ações que integram uma rotina, de alguém que descreve seu dia-a-dia. Essa é uma prática típica de usuários que postam fotos/imagens nas redes sociais, aqui, de forma específica, no *Facebook*.

Nesta postagem, assim como nas anteriores deste mesmo grupo, podemos inferir que o criador da personagem Dilma Bolada tenta passar a imagem de uma presidente que, embora tenha seus compromissos oficiais como Chefe de Estado, ela também tem uma vida paralela, assim como todo ser humano que desfruta de seus momentos de lazer (na praia), pratica esportes (caminhada) e se alimenta de um simples pão de queijo.

Nas análises, notamos a recorrência de enunciados que aparecem sempre na descrição das legendas das postagens: “Brasil, país rico é país com presidenta rainha dos sete mares”; “Brasil, país rico é país que pratica exercícios físicos regularmente”; e “Brasil, país rico é país com culinária maravilhosa”. Em pesquisa, constatamos que esses enunciados são inspirados no Slogan do governo federal: “Brasil, país rico é país sem pobreza”. No contexto que estão inseridos, em postagens de uma página de humor, ele ganha novos sentidos de acordo com o tema que está sendo retratado na postagem. Ou seja, deixa de ser o Slogan oficial do governo federal passando a incorporar slogans que representam o momento representado em cada postagem. Eles mantêm sempre a mesma estrutura, só mudam as palavras após a preposição “com”, palavras essas que se relacionam diretamente com o assunto da postagem.

Nesse terceiro grupo de postagens, há também imagens em que a presidente Dilma aparece ao lado de figuras públicas importantes no cenário nacional e internacional, como podemos ver nas postagens abaixo:



[Curtir](#) [Comentar](#)

Dilma Bolada
Reuniãozinha de boa com brother Lula aqui em casa...

#RainhaDaNação #DivaDoPovo #SoberanaDasAméricas #HomeOffice
#ZoandoATucanada #BFF #FechamentoCerto #YouCantSitWithUs
#RalaTucanada #AquiDoisPaposNãoSeCriaENemFazHistória
#NaEscadaQueEuSuboOsRecalcadosRolam — com Lula em Palácio Do
Alvorada-Residência Oficial Da Presidência Da República

[Curtir](#) · [Comentar](#) · [Compartilhar](#) · 20 de janeiro · Editado

Álbum: Momentos...
Compartilhado com: 

[Abrir visualizador de fotos](#)
[Fazer download](#)
[Incorporar publicação](#)

[Eu não gosto desta foto](#)

Postagem 10



[Curtir](#) [Comentar](#)

Dilma Bolada
Fidel me falando pra não cair na conversa fiada do Obama porque ele é maior 2 papos e no fundo só quer se aproveitar de mim...

#RainhaDaNação #SoberanaDasAméricas #DivaDoPovo
#DilmaIsWorldTour2014 #Orkontos #Goodimorning — em Havana.

[Curtir](#) · [Comentar](#) · [Compartilhar](#) · 28 de janeiro

Álbum: Fotos da linha do tempo
Compartilhado com:  Personalizado

[Abrir visualizador de fotos](#)
[Fazer download](#)
[Incorporar publicação](#)

Postagem 11

As postagens retratam encontros oficiais que presidente Dilma teve com seus aliados políticos, mas que no contexto em que estão inseridas, na página de humor “Dilma Bolada” ganham um novo sentido. Nesse espaço, encontros formais da presidente ganham irreverência e comicidade devido à legenda e as *hashtags* que descreve mas imagens.

No contexto do humor da página, o encontro de Dilma Bolada com o ex-presidente Lula, como mostra o primeiro exemplo (Postagem 10), seu aliado político antecessor da presidência da república, parece algo mais informal, um encontro descontraído, o que pode ser comprovado pela descrição que a aparece abaixo da foto: “Reuniãozinha de boa com o Brother Lulão aqui em casa”. Como podemos ver nesse enunciado, Dilma Bolada trata o encontro como uma “reuniãozinha”, isto é, como algo não muito importante, já que usa o diminutivo da palavra reunião para se referir ao encontro. O encontro de Dilma Bolada com Lula é tratado na postagem como algo corriqueiro, do cotidiano, e isso aproxima a figura séria da presidente do cidadão comum. A maneira jocosa como Dilma Bolada se refere a Lula no enunciado é bem informal e intimista: “Brother Lulão”, como se ele fosse seu parceiro e amigo de longa data. O que aparenta que os dois políticos têm intimidade na foto é o fato inusitado de estarem sentados nas escadas do Palácio do Alvorada, residência oficial da presidente. Ambos fazem o gesto de V de vitória, provavelmente comemorando alguma vitória política.

Já na postagem seguinte (Postagem 11), temos a imagem da presidente em um gesto que parece conduzir/amparar o ex-presidente cubano Fidel Castro, que demonstra estar aparentemente debilitado, frágil fisicamente. Na legenda que descreve a foto, aparece o seguinte enunciado: “Fidel me falando para não cair na conversa fiada do Obama porque ele é maior 2 papos e no fundo só quer se aproveitar de mim”. Utilizando a imagem de Fidel Castro, Dilma Bolada faz uma piada ao se referir à relação entre Brasil e Estados Unidos, visto que cita Barack Obama, presidente norte-americano. O humor se revela porque a foto sugere que Fidel está aconselhando a presidente a não cair na conversa fiada de Obama, pois este quer se aproveitar dela. Ou seja, a postagem pode ser considerada a representação de uma aliança entre Fidel e Dilma, ou seja, entre o Brasil e Cuba dando a entender que Fidel é uma espécie de conselheiro de Dilma, pois tenta alertá-la sobre as intenções de Obama em futuros encontros políticos com a presidente.

Porém, o humor presente na postagem só fará sentido se o leitor tiver conhecimento da relação de intimidade, de proximidade de Dilma e Fidel, fato que é demonstrado pela foto (ela ampara ele e sorri), pela legenda da foto (ele a aconselha sobre Obama e só quem tem intimidade com outra pessoa pode dar conselhos a ela), e também pela admiração e respeito que Dilma tem por Fidel, pois se sabe que ela é representante de um partido político (PT) que, historicamente tem uma inclinação para a esquerda no país, com alguns valores sociais e ideológicos que se assemelham aos valores pelos quais Fidel Castro lutou a vida inteira, embora muitos possam dizer que por algumas ações, e por se manter tanto tempo no governo de Cuba, foi um ditador. Essa intimidade entre os dois políticos permite-nos pensar - mesmo que de brincadeira, como sugere a postagem - que Fidel, na foto, estaria prevenindo a presidente quando esta fosse encontrar-se com Obama para discutir sobre o futuro dos dois países, já que ele, com sua grande lábia e influência, poderia querer estabelecer acordos que tragam vantagens para o seu país (USA) sobre o Brasil.

De outra maneira, se formos recuperar o contexto em que a postagem está inserida, no final do mês de janeiro, podemos constatar que a foto retrata o encontro que Dilma teve com Fidel Castro em Cuba. Um trecho de uma reportagem sobre o encontro pode ser verificado abaixo:

Na viagem que está fazendo a Cuba, a presidente Dilma Rousseff se encontrou com Fidel Castro. Uma das fotos mostra a presidente sorrindo e amparando Fidel. Um site do governo da ilha afirma que Dilma agradeceu a Fidel pela participação dos médicos cubanos no programa Mais Médico. Os dois também conversaram sobre o Porto de Mariel. A obra foi inaugurada na segunda (27). O BNDES investiu quase R\$ 2 bilhões na primeira fase da construção, e a presidente Dilma disse que o Brasil vai investir mais R\$ 700 milhões em uma zona especial de desenvolvimento no porto. (Fonte: Site G1²⁹).

O enunciado acima descreve, portanto, o momento do encontro de Dilma e Fidel, momento esse retratado na postagem. Pelo trecho da reportagem, podemos verificar que em nenhum momento da conversa, pelo menos oficialmente o que foi noticiado pela imprensa, os dois políticos falaram sobre Barack Obama e as suas intenções com o Brasil. Certamente o criador da personagem Dilma Bolada, Jeferson Monteiro, criou a legenda da postagem baseado no histórico da relação que os dois países (Cuba e Estados Unidos) têm. Esse histórico revela que Fidel Castro – que

²⁹ Disponível em: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2014/01/dilma-rousseff-encontra-fidel-em-visita-cuba-para-reuniao-da-celac.html> (Acesso em Out de 2014)

sabemos se tratar de uma figura política que foi uma das lideranças do chamado Movimento revolucionário Comunista em Cuba – sempre teve valores políticos e sociais que diferem do restante do mundo capitalista, e por consequência disso, sempre esteve em atrito com os Estados Unidos, país símbolo do capitalismo no mundo. O humor e a comicidade na postagem se revelam também se o seu leitor tiver o conhecimento dessa relação conturbada entre esses dois países.

Com as análises do terceiro grupo de postagens, podemos verificar que se tratam do encontro, se pensarmos em perspectiva bakhtiniana, do diálogo entre enunciados verbais (as legendas) e não verbais (as fotos) que, por meio do humor, acabam imprimindo novos sentidos para a postagem.

As postagens trazem a imagem da presidente Dilma em diversos momentos do seu dia a dia, seja em reuniões/encontros com figuras políticas importantes, seja em momentos de inusitados de lazer e descontração. Essas postagens são lançadas por seu criador no espaço virtual do *Facebook* e nesse contexto ganham um novo sentido. Deixam de ser somente um material informativo, como seriam se lançadas em outras esferas de atividade, como a jornalística, por exemplo, para ter a função de entreter e de fazer rir seus leitores da página dessa rede social. Porém, por trás do humor das postagens existe um objetivo principal por parte de seu autor criador que é fazer propaganda do governo Dilma, um *marketing* positivo para mostrar como ela é uma presidente popular, ou seja, que além de cumprir sua agenda como Chefe de Estado, com reuniões e encontros com parlamentares e aliados políticos, ela também tem seus momentos de lazer na praia, faz caminhadas entre outras coisas.

Porém, por outro lado, nesse terceiro grupo de postagens, assim como já destacamos no segundo grupo, observamos a desconstrução da imagem séria da presidente Dilma, que por meio de fotos e enunciados verbais (as descrições das imagens) é qualificada como “Diva”, “Rainha” e “Sereia”. As fotos expõem momentos íntimos da presidente, momentos de lazer e entretenimento (na praia, caminhando, se alimentando). A proposta de humor das postagens é caracterizar a presidente Dilma como uma celebridade, como uma mulher poderosa que vive da exposição de seu dia-a-dia, da exposição da sua intimidade na mídia. No entanto, o que pode ser engraçado e ser risível para muitos leitores dessas postagens pode não funcionar para outros que podem considerar tal humor ofensivo a figura pública da presidente Dilma, e, portanto, não aceitariam e não concordariam com as piadas contidas nas postagens. Com isso, o sentido dos enunciados das postagens vai depender desse diálogo com os leitores, que

podem concordar com o conteúdo exposto ao rir do humor das postagens, e podem não concordar por achar que seu conteúdo ridiculariza e desrespeita a imagem séria da presidente Dilma.

Observamos também na análise dessas postagens uma simultaneidade, uma ambivalência valorativa no discurso das postagens, pois ao mesmo tempo em que Dilma Bolada é alçada ao estrelato, ou seja, é considerada uma mulher poderosa e superior pelo que é descrito nas *hashtags*: “Rainha da Nação”, “Soberana das Américas” e “Diva do Povo”, ela também é considerada uma mulher comum, uma mulher do povo, já que pratica atividades cotidianas e corriqueiras como caminhar, nadar e comer um pão de queijo; se reúne de maneira *descontraída* com seus amigos (Lula é qualificado como amigo íntimo pelo uso da *tag* #BBF, que significa em inglês *Best Friend Forever*, cuja tradução é “melhor amigo para sempre”).

3.4. A relação entre os três grupos de postagens

Neste tópico discorreremos sobre as semelhanças e diferenças entre os três grupos por nós classificados. Nas análises dos grupos, constatamos que há diferenças em suas materialidades discursivas e genéricas, o que já foi inferido antes das análises, sendo um dos critérios pelo qual caracterizamos e classificamos os grupos.

Todas as postagens do primeiro grupo mostram uma relação direta entre o universo do entretenimento/ o mundo das celebridades com a esfera política. São relações que se estabelecem: por meio de paródias, como a paródia da canção “Beijinho no ombro” da cantora de *funk* Valesca Popozuda com o objetivo de atingir e atacar a oposição; por meio de comparações entre governos, que utilizam a imagem da cantora Anitta para mostrar a evolução na qualidade de vida da população no país após a implantação de programas de governo, como o Bolsa Família; e por meio da paródia do *reality show* brasileiro *Big Brother Brasil*, visto que os políticos que lançariam candidatura nas últimas eleições no país são comparados aos participantes do programa de entretenimento. No contexto político, o programa se chamaria “*Big Brother Brasília*”.

Sobre a relação, o diálogo eu/outro nos enunciados desse tipo de postagem, percebemos que o “eu” que fala nesses enunciados é um sujeito inscrito nas postagens, ou seja, é atribuída à voz a personagem Dilma Bolada por um sujeito autoral, o criador da página, Jeferson Monteiro. Portanto, esse “eu” Dilma Bolada se estabelece nos enunciados representando a voz do governo federal, ou seja, com sua fala ela demonstra

defender os feitos do governo Dilma. Já o “outro” nos enunciados das postagens é a oposição, representada por políticos do PSDB, a quem Dilma Bolada chama de “tucanada”. O “outro” é nomeado também por “recalcados” e “invejosos”. Esse “outro” (oposição) é fortemente atacado e hostilizado nas postagens pelo “eu” (Dilma Bolada) que exalta a todo o momento os feitos de seu governo (Bolsa Família, Pronatec, mais empregos, melhores condições de vida etc.) rebaixando e desvalorizando os feitos do governo da oposição.

No segundo grupo de postagens percebemos que duas postagens relatam histórias inspiradas em acontecimentos e fatos que ocorreram na esfera política. As postagens mostram conversas que Dilma Bolada teve ao telefone com o ex-presidente da FIFA, Joseph Blatter e com Aloísio Mercadante, Ministro da Educação na época. Pesquisando o contexto da época, podemos inferir que esses assuntos foram amplamente discutidos no cenário nacional, por isso serviram de inspiração para o autor das postagens. Em contrapartida, há postagens nesse grupo que não se baseiam em acontecimentos, caso da terceira postagem analisada em que Dilma Bolada relata um encontro inusitado, num sonho, com um feiticeiro, Alvo Dumbledore, personagem do livro *Harry Potter*. Com tal referência, vemos estabelecida uma relação intertextual, visto que o sonho relatado parte de acontecimentos do livro. Aqui também, assim como o primeiro grupo de postagens, há uma relação direta entre o mundo do entretenimento e a esfera política, uma vez que a piada feita com a figura de José Sarney só faz sentido se o leitor receptor de seu enunciado tiver o conhecimento do filme, do personagem, da história política de Sarney. Nesse grupo de postagens a imagem da presidente Dilma é descaracterizada, visto que ela é colocada como uma figura Burlesca, fanfarrona, sem papas na língua no trato com seus interlocutores.

Sobre a relação eu/outro nessas postagens, podemos dizer que o “eu” nos enunciados é a própria Dilma Bolada, pois sua voz se sobressai sobre seus interlocutores, já que ela narra as histórias se colocando sempre numa posição superior a eles. Em contrapartida, o “outro”, ou melhor, os “outros” das postagens são seus interlocutores nas conversas (Blatter, Mercadante e Dumbledore). São vozes que aparecem sempre com poucas palavras, colocadas numa posição inferior a Dilma Bolada, pois parecem ter e receio de enfrentá-la nos argumentos.

O terceiro grupo de postagens são textos verbais (legendas das imagens) e não-verbais (fotos e imagens) que mostram imagens da presidente Dilma em momentos inusitados e de lazer (tomando banho de mar em uma praia, caminhando, comendo um

pão de queijo) e em momentos oficiais de encontros com figuras políticas importantes (Com Lula e Fidel Castro). As imagens das postagens só ganham um novo sentido, ou seja, perdem o sentido original de uma foto oficial, à medida que as legendas são incorporadas a elas, o que gera humor e comicidade, e também uma proximidade da figura da presidente Dilma com o povo. Nessas postagens, assim como no segundo grupo de postagens, a imagem da presidente é desconstruída; aqui ela ganha um novo status, um status de celebridade, pois tem suas fotos íntimas expostas, o que pode causar uma rejeição dessas postagens por parte de seus leitores, caso esses não concordarem com seu conteúdo discursivo que, de certa forma, descaracteriza a figura séria da presidente ao brincar com as imagens e as legendas.

Ao analisarmos a relação eu/outro nas postagens desse grupo, podemos depreender que o “eu”, na maioria das postagens, é o sujeito Dilma Bolada, pois ela detém a palavra ao descrever, como se fosse um diário virtual, o que está fazendo no momento, seja um encontro que alguma figura pública, seja uma simples caminhada matinal. O “outro” inscrito nesses enunciados é o leitor de suas postagens, se pensarmos que é a própria Dilma Bolada que escreve as descrições das legendas. Pelas legendas, ela é caracterizada como uma celebridade. Dessa forma, podemos pensar também que esse “outro” é um fã, um admirador que acompanha o dia a dia da presidente. Porém se esse leitor não concordar com o conteúdo das postagens, temos mais um “outro” inscrito nos enunciados.

Se listarmos as semelhanças entre as postagens, isto é, aquilo que as aproximam, pensamos no destinatário, pois acreditamos que o leitor destinatário das postagens sejam vários: o usuário do *Facebook* que é leitor e admirador não só da página como também partidário das ideias e propostas do governo Dilma; o usuário do *Facebook* que lê a página só para criticá-la, pois não concorda com o conteúdo discursivo das postagens que são favoráveis ao governo Dilma, ou seja, é um leitor partidário da oposição; o usuário do *Facebook* que é um leitor da página que não é partidário do governo Dilma, mas se diverte com as postagens, pois entende tratar-se de uma página de humor; e há também o usuário do *Facebook* que é um leitor pró Dilma e por isso pode achar uma ofensa à figura pública da presidente o humor contido da página. Outra semelhança que verificamos é que nos três grupos de postagens Dilma Bolada é qualificada como uma “Rainha da nação”, “Diva do pop”, e “Soberana das Américas”. São qualificações que aparecem abaixo das postagens em forma de *hashtag*. Sabendo da função de uma *hashtag* (ver p.53), podemos pensar que elas são utilizadas

estrategicamente nas postagens pelo criador da página em favor de Dilma para atrair mais leitores para página, ou seja, são utilizadas para promover sua página e destacar uma imagem positiva da presidente Dilma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossas análises pudemos constatar que as postagens apresentam textos muitos diversificados em relação às suas materialidades discursivas, razão pela qual foram separadas em três grupos de análise. São postagens que, pelo viés do humor, retratam uma Dilma Bolada irreverente e irônica, que remete à figura da presidente Dilma de diversos modos, a começar pelo uso da imagem (idêntica), pelo primeiro nome da personagem e pelo uso das vestimentas.

Na análise do primeiro grupo de postagens percebeu-se que há um forte embate de valores e vozes sociais entre a situação (representada pelo governo Dilma) e a oposição (representado pelo partido do PSDB). No entanto, é importante destacar que o peso e o valor dessas vozes não se equivalem nas postagens, pois há apenas uma voz (a voz do governo Dilma) que se sobressai ao ridicularizar seu oponente, a oposição. Esse embate se concretiza nas postagens por meio de paródias que relacionam no espaço do site de humor, esfera de atividade política e o mundo do entretenimento em que aparecem celebridades e sucessos instantâneos.

No segundo grupo de postagens notamos que Dilma Bolada, a quem é dada a voz em um discurso direto, mantém uma atitude ríspida e debochada no trato com seus interlocutores, conseguindo sempre demovê-los de suas intenções na conversa. Pelo uso de algumas expressões, percebemos a presença do ponto de vista do autor criador, ponto de vista este que se coloca a favor do governo federal ao defender suas ideias políticas.

Já no terceiro grupo de postagens vimos que as imagens da presidente Dilma são ressignificadas no contexto em que estão inseridas na página. Nele elas perdem a seriedade de uma foto oficial da presidente e ganham status de uma foto comum postada pela própria Dilma Bolada. Dilma Bolada é caracterizada, portanto, nesse contexto digital como uma celebridade que exhibe e relata seu dia-a-dia por meio de fotos, e é por causa dessa ressignificação que o humor das postagens se estabelece.

Constatamos que a música *funk* tem papel preponderante na construção da identidade da personagem Dilma Bolada ao longo de toda a análise. O *funk* ostentação ecoa em várias postagens analisadas. Ele influencia o jeito de ser e de pensar da personagem, seu vocabulário, sua postura, seu comportamento excêntrico, debochado e por vezes agressivo tem muito influência dessa esfera musical de grande adesão popular. Essa é uma das razões pela qual o autor criador relaciona diretamente universos tão distintos (a esfera política e o universo do mundo do *funk*). Ele intenciona conseguir a adesão de leitores a sua página.

Por meio da análise das postagens dos três grupos concluímos que o autor da personagem “Dilma Bolada”, Jeferson Monteiro, constrói a identidade de Dilma Bolada por meio das *tags*, ele constrói a imagem de uma Dilma cômica que tem o status de uma celebridade, de uma “Diva do povo”; “Rainha das Nações” e “Soberana das Américas”, qualificações que aparecem sempre abaixo das postagens em forma de *tags*. Tal construção tem um objetivo, convencer os leitores da página e usuários da rede a aderirem ao discurso das postagens.

Dilma Bolada também é apresentada com seriedade pelo autor, ao passo que ela é considerada sim uma líder na nação, uma Chefe de Estado, a “presidenta” do país, porém, em forma de brincadeira, lhe é atribuída um poder maior, um poder de uma rainha, um poder supremo, pois ela tem sua imagem exaltada. É aí que reside o humor irônico da personagem, que além de se auto-elogiar como “linda”, “diva” e “maravilhosa”, para ela, todos os feitos do seu governo são os melhores, são superiores aos da oposição por isso a “tucanada”, tem inveja.

A concretização desse humor por meio da sátira, da paródia e da ironia na voz da personagem nas postagens tem o intuito de popularizar a imagem da presidente Dilma em dois sentidos: mostrando por meio de imagens e textos verbais que Dilma é uma mulher comum, que se iguala ao povo e; divulgando os feitos e ações do governo Dilma, como uma espécie de propaganda positiva do seu governo.

Notou-se que à medida que Dilma Bolada enaltece os feitos e as ações do seu governo, ela também desqualifica os feitos políticos da oposição, insultando a figura política de seus representantes, taxados de “traidores”, “delatores” e “recalcados”. Tudo isso faz parte do processo de construção da imagem da personagem, que para engrandecer seu governo precisa desqualificar e rebaixar os feitos da oposição. Nesse sentido, se conclui que o criador da personagem e, por consequência, das postagens analisadas, mantém, por meio da voz de Dilma Bolada, uma postura favorável ao governo federal, embora nas postagens a personagem seja bastante irônica e debochada, por vezes escrachada e agressiva em algumas situações, o que pode gerar um certo desconforto para o leitor que não concordar e não entender as postagens como um conteúdo de humor, mas sim como um material que ofende, que agride a imagem e a história da presidente Dilma. Em contrapartida, a forma como os opositores do governo Dilma (ou qualquer outra pessoa que se coloque contra suas ideais e pontos de vista) representados como opositores do governo Dilma Bolada, são tratados nas postagens é

muito rígida e severa. Por meio da ironia e do sarcasmo da personagem, eles são atacados e desmoralizados nos enunciados das postagens.

Ao operarmos com os conceitos importantes do Círculo de Bakhtin, como gênero do discurso, esfera de atividade, diálogo e ideologia, acreditamos que conseguimos refletir melhor sobre o funcionamento e a organização discursiva das postagens que circulam no *Facebook*. Sabemos que o sentido dos enunciados só se atualiza na leitura das postagens pelos leitores da página de humor “Dilma Bolada”, que podem concordar ou refutar o conteúdo de humor presente nesses enunciados.

Em relação à rede social *Facebook*, meio em que a página “Dilma Bolada” está inserida, acredita-se que é um veículo de comunicação de extrema importância nos dias de hoje, pois proporciona a criação de páginas e perfis onde circulam inúmeros textos e discursos. No caso da nossa pesquisa, o *Facebook* disponibilizou a criação da página “Dilma Bolada” lugar onde se vinculam inúmeras postagens que trazem um vasto conteúdo de enunciados que circulam em diversas esferas de atividade humana, desde a mais complexa, a política, até a mais popular, o mundo do entretenimento. Lugar onde vozes, ideologias e valores sociais são debatidos e confrontados. A própria mobilidade e dinamicidade dessa rede social permitem o cotejamento de textos e gêneros discursivos como fotos, relatos, montagens, links etc. Isso acaba por promover uma grande teia dialógica. Apesar de reconhecermos a importância dessa liberdade no acesso desses textos na rede social *Facebook*, ponderamos que no âmbito educacional, por exemplo, se faz necessário ensinar a importância do entendimento por parte do aluno do conteúdo discursivo desses textos. Ou seja, que não são utilizados recursos como a sátira, a paródia e a ironia apenas para causar o riso, ou como uma visão crítica dos temas abordados nas postagens, mas também para propagar e enaltecer uma ideologia, um ideal de governo, o governo Dilma.

Sabendo do posicionamento do criador da página e da personagem Dilma Bolada, pode-se dizer que o leitor, os destinatários inscritos nas postagens analisadas são tanto o eleitor partidário do governo Dilma como o eleitor contrário ao governo Dilma. O primeiro porque os enunciados das postagens além de enaltecerem a figura da presidente se colocam sempre em defesa do governo vigente e contra a oposição. Já o segundo porque nas postagens Dilma Bolada é bastante irônica, provocando e se dirigindo muitas vezes à oposição e por extensão a seus eleitores e partidários, o que gera muitos embates e discussões entre os leitores nos comentários das postagens. Pelo conteúdo e a forma que a personagem se apresenta nas nos enunciados, se pressupõe

que os usuários do *Facebook* e leitores da página sendo partidários/não partidários; favoráveis ao governo Dilma/adversos ao governo Dilma vão ler as postagens, porém, somente os partidários ou os que não se opõem a seu governo vão curtir, compartilhar e comentá-las positivamente. Já os leitores favoráveis ao seu governo ou partidários - mas contrários ao conteúdo discursivo das postagens - não vão curtir nem compartilhar a postagens, podendo comentá-las negativamente, refutando tal conteúdo.

Contudo, as análises permitem-nos o entendimento de que a personagem Dilma Bolada é uma representação, uma criação irreverente da figura pública da presidente Dilma. A reconstrução da imagem de Dilma por meio de um personagem de humor, ou seja, por meio da sátira da grande autoridade política do país: a presidente Dilma, e também pelo tom cômico com o qual o autor criador da página trata assuntos sérios e importantes do cenário nacional chamam a atenção dos usuários, o que faz a página ganhar grande visibilidade no *Facebook*, tanto é verdade que a página “Dilma Bolada” no *Facebook* é uma das mais visitadas da rede social, recebendo milhares de seguidores, compartilhamentos e curtidas em suas postagens. A popularidade é alcançada também muito pela maneira que seu criador aproxima e relaciona esferas completamente distintas nas postagens: o mundo do entretenimento (do humor e do glamour das celebridades) e o mundo da política (da disputa pelo poder). Essa aproximação inusitada dá o tom de humor das postagens acaba atraindo os leitores do site *Facebook* a acessarem a página.

BIBLIOGRAFIA

- SANT'ANNA, A. R de. *Paródia, paráfrase & Cia*, Ática, 2003.
- ARAÚJO, C. R. A de. A conversa na *web*: o estudo da transmutação em um gênero textual. In: _____. MARCUSCHI, L. A; XAVIER, A. C. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 91-109.
- CARVALHO, N; KRAMER, R. A Linguagem no Facebook. In: _____. SHEPHERD, G. T; SALIÉS. G. T. (Orgs.). *Linguística na Internet*. São Paulo: Contexto, 2013. 77-92.
- BAKHTIN, M. O problema do Conteúdo, do material e da Forma na Criação Literária. In: _____. *Questões de literatura e de estética: A teoria do romance*. Equipe de tradução do Russo. São Paulo: Editora Unesp, 1998.p. 13-70.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____ *Estética da Criação Verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000a. p. 277-289,
- BAKHTIN, M. O autor e o herói. In: _____ *Estética da Criação Verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000b. p. 13-57.
- BAKHTIN, M. (V. N. VOLOCHÍNOV). Interação Verbal. In: _____ *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1999a. p. 113-133.
- BAKHTIN, M. (V. N. VOLOCHÍNOV). Estudo das Ideologias e Filosofia da Linguagem. In: _____ *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1999b. p. 31-39.
- BAKHTIN, M. (V. N. VOLOCHÍNOV). Tema e Significação na Língua In: _____ *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1999c. p. 133-144.
- BAKHTIN, M. *A cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi. São Paulo-Brasília: Hucitec, 1993.
- BAKHTIN, M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Forense Universitária, 2005.
- BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BERTO, M; GONÇALVES, E. Diálogos online: As intersemioses do gênero *Facebook*. *Revista do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal*

- Fluminense*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 25, p. 100-110. 2011. Disponível em <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/452> (Consulta em 6 de julho de 2012)
- BRAIT, B. *Ironia em Perspectiva Polifônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- BRAIT, B. (Org.). Esfera e Campo. In: _____ *Bakhtin: outros conceitos chaves*. 4. Ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 133-160.
- MIOTELLO, V. Ideologia. In: _____ BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave* 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008a. p. 167-176.
- CEREJA, W. Significação e tema. In: _____ BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008b. p. 201-220.
- CHEVALIER/GHEEBRANT. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: José Olympio, 1986. p. 995-996.
- BRAIT, B. Estilo. In: _____ BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave* 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008c. p. 79-102
- FARACO, C. A. Autor e autoria. In: _____ BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave* 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008d. p. 37-60.
- FARACO, C. A. Criação ideológica e dialogismo. In: _____ *Linguagem e Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar edições, 2003a. p. 45-86
- FARACO, C. A. A filosofia da linguagem. In: _____ *Linguagem e Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar edições, 2003b. p.87-130
- FIORIN, J. L. O dialogismo. In: _____ *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006a. p. 18-59.
- FIORIN, J. L. Os gêneros do discurso. In: _____ *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006b. p. 60-76.
- FREIRE, L. S. Nem luxo, nem lixo: Um olhar sobre o funk da ostentação. “IX POSCOM - Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio”, novembro de 2012. Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Desktop/4-Libny-Silva-Feire%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Desktop/4-Libny-Silva-Feire%20(1).pdf) (Acesso em março de 2015).
- GERALDI, J. W. Sobre a Questão do sujeito. In: PAULA, L; STAFUZZA, G. _____ *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. V. 1. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010. p. 279-292.
- LEMOS, A. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIMA, S. A. Da cultura da mídia à cibercultura: as representações do eu nas tramas do ciberespaço. “3º Encontro de Pesquisa em Comunicação e Cidadania”. Goiânia, Fevereiro de 2009. Disponível em http://www.ufg.br/this2/uploads/files/75/ciberespaco_representacoes_do_eu.pdf

(Acesso em 6 de julho de 2012).

LISBÔA, A. S; COUTINHO, C. P. Comunidades da Rede Social *Orkut* que versam sobre o Eixo Temático Educação, Formação e Tecnologia: Um Estudo Exploratório. In: _____ COSTA, Fernando Albuquerque [et al.], orgs. - “ticEDUCA2010 : Actas do 1º Encontro Internacional TIC e Educação, Lisboa, 2010.” Lisboa : Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2010. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/11725/1/Comunidades%20da%20Rede%20Social%20Orkut%20que%20versam%20sobre%20o%20eixo%20tem%20C3%A1tico%20Educa%20C3%A7ao,%20formacao%20e%20tecnologia%20-%20um%20estudo%20explorat%20C3%B3rio.pdf> (Consulta em 8 de julho de 2012).

MINERBO, M. Big Brother Brasil, a Gladiatura Pós-Moderna. *Revista Ponto de Vista*. V. 18, n. 1. São Paulo. Março de 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v18n1/v18n1a09.pdf> (Acesso em março de 2015).

MORSON, S. G; EMERSON, C. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaica*. São Paulo: Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: EDUSP, 2008.

MUECKE, D. C. *Ironia e o irônico*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Methuen, 1982.

PINHEIRO, M. de A. Subjetivação e consumo em *sites* de relacionamento. *Revista Comunicação e Cidadania*. v. 5, n. 14. 2008. Disponível em <http://www.thefreelibrary.com/Subjetivacao+e+consumo+em+sites+de+relacionamento.-a0193886888> (Consulta em 8 de julho de 2012).

PONZIO, A. A relação da alteridade em Bakhtin, Blanchot e Levinas. In: _____ *A revolução bakhtiniana*. São Paulo: Contexto, 2011.p. 201-216.

RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

RECUERO, R. *A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SOBRAL, A. A concepção de sujeito no Círculo. In: _____ *Do diálogo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin*. Campinas, S.P.: Mercado das Letras, 2009a. p. 47-60. Série Ideias sobre Linguagem.

SOBRAL, A. Autoria e estilo. In: _____ *Do diálogo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin*. Campinas, S.P.: Mercado das Letras, 2009b.p. 61-70 Série Ideias sobre Linguagem

VIANNA, H. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990.

Links das postagens do primeiro grupo

1<https://www.facebook.com/DilmaBolada/timeline/2014#!/photo.php?fbid=353869228085074&set=a.107280846077248.9647.106696649469001&type=1&stream_ref=10>

Acessado em 21 de maio de 2014

2<https://www.facebook.com/DilmaBolada/timeline/2014#!/photo.php?fbid=353057871499543&set=a.107280846077248.9647.106696649469001&type=1&stream_ref=10>

Acessado em 20 de maio de 2014

3<https://www.facebook.com/DilmaBolada/timeline/2014#!/photo.php?fbid=353819651423365&set=a.107280846077248.9647.106696649469001&type=1&stream_ref=10>

Acessado em 20 de maio de 2014.

Link das postagens do segundo grupo

4<https://www.facebook.com/DilmaBolada?fref=ts#!/DilmaBolada/posts/358453944293269?stream_ref=10> Acessado em maio de 2014.

5<https://www.facebook.com/DilmaBolada/timeline/2014#!/DilmaBolada/posts/351739984964665?stream_ref=10> Acessado em maio de 2014.

6<https://www.facebook.com/DilmaBolada/posts/355163354622328?stream_ref=10> Acessado em maio de 2014.

Links das postagens do terceiro grupo

7<https://www.facebook.com/DilmaBolada/timeline/2014#!/photo.php?fbid=361224387349558&set=a.107280846077248.9647.106696649469001&type=1&stream_ref=10>

Acessado em maio de 2014.

8<https://www.facebook.com/DilmaBolada/timeline/2014#!/photo.php?fbid=352470338224963&set=a.108138939324772.10445.106696649469001&type=1&stream_ref=10>

Acessado em maio de 2014.

9<https://www.facebook.com/DilmaBolada/timeline/2014#!/photo.php?fbid=358928824245781&set=a.108138939324772.10445.106696649469001&type=1&stream_ref=10>

Acessado em maio de 2014

10<https://www.facebook.com/DilmaBolada/timeline/2014#!/photo.php?fbid=360996114039052&set=a.107393082732691.9736.106696649469001&type=1&stream_ref=10>

Acessado em maio de 2014.

11<https://www.facebook.com/DilmaBolada/timeline/2014#!/photo.php?fbid=364522367019760&set=a.107280846077248.9647.106696649469001&type=1&stream_ref=10>
Acessado em maio de 2014.